Sociedade de Cultura Artistica

Lendas e Tradições Brasileiras

por

Affonso Arinos

Lendas e Tradições Brasileiras. — As Amazonas e o seu rio; as Yaras — O São Francisco e suas lendas; a Serra das Esmeraldas; as minas de prata; o Caboclo d'agua. — A capella da montanha, algumas egrejas do Brasil e suas tradições. — O culto de Maria nos costumes, na tradição e na historia do Brasil. — Santos populares. Superstições. Festas e dansas. — Festas Tradicionaes Brasileiras.

1917
Typographia Levi
São Paulo

FORAM TIRADAS DESTA EDIÇÃO 50
EXEMPLARES NUMERADOS DE 1 A 50.

EXEMPLAR Nº 41

Affonso Arinos

Ha poucos mezes, em Bello Horizonte, falando a homens de letras de Minas, procurei evocar, em poucas linhas, numa reminiscencia, a figura de Affonso Arinos, homem e artista:

«Conheci-o, a principio, em Ouro Preto, na austera Villa Rica; alli vivi com elle, no silencio e na poeira dos archivos; e alli comecei a admirar o profundo brasileirismo organico, que forrava o seu espirito. Conheci-o depois, e melhor na Europa, no tumulto de Pariz, e em longas viagens, romarias a cathedraes e a castellos, passeios por cidades e campos. Na Europa, Affonso Arinos era ainda mais brasileiro do que no Brasil. Alto, robusto, elegante, de uma estatura e um ar de gigante amavel, em que se alliavam a energia e a graça, conservando no olhar e na alma o nosso céu e o nosso sol, elle era como uma das arvores das nossas matas, exilada nas frias terras do velho continente. Nos «boulevards», nos salões, nos theatros, e ainda nas geladas galerias de Rambouillet e de Versalhes, onde erravam os espectros de Francisco I e Luiz XIV, — Affonso Arinos mantinha, sob a polidez das suas maneiras de fidalgo, o andar firme, um pouco

pesado, e o geito reservado, um pouco timido, e o falar comedido, um pouco hesitante, de um sertanejo forte, andeiro e cavalleiro, caçador e escoteiro, simples e ousado... Ainda hoje o vejo, e me vejo, claramente, num dia de Fevereiro de 1909, quando visitamos juntos a Cathedral de Chartres. Era duro o inverno. Quando chegámos á velhissima cidade episcopal, cahia neve. De pé, insensiveis ás lufadas cortantes dos flocos brancos, quedámos na praça, admirando a maravilhosa fabrica do templo, a sua caprichosa ossatura de contrafortes e botaréus, deante da fachada, a um tempo leve e severa, com a graciosa magestade da primeira phase da architectura ogival: as tres portas baixas sobrecarregadas de estatuas, a grande rosaça fulgurando em cores multiplas, e as duas torres, uma lisa, a outra rendada, esguias e longas, preces de pedra num surto para o céu... Dentro, na mysteriosa crypta, na resoante nave, nas capellas cheias de sombra, passámos duas horas, esmagados pela grandeza da cathedral ancian de sete seculos, em que vivem, numa vida muda, mais de dez mil pinturas e esculpturas, entes de sonho e terror, santos, apostolos, bispos, anjos, demonios, animaes e monstros fabulosos, gryphos, dragões e chimeras. Ao cabo da longa conversação, em que nos haviam preoccupado tantos aspectos da historia e da arte do Christianismo, houve um momento, em que, por não sei que vaga associação de idéias, Affonso entrou a dizer-me episodios de uma das suas recentes caçadas no Districto Diamantino, nas cercanias do Serro. Estavamos no centro do cruzeiro, entre o coro e as naves collateraes. Do ponto em que estavamos, o nosso olhar abrangia um trecho fantastisco da sombria floresta de pedra: as columnas, em duas filas, rodeavam-nos, como esbeltos estipes de palmeiras, misturando em cima, na abobada, as suas palmas em leques, entre lianas, entre folhas e flores, lódão e vinha, hera e nenúfar. E milagre da palavra... A voz de Affonso animava-se, exaltava-se, e sacudia a cathedral. Dizia os atalhos, as escarpas, os vallados, a mata, e os relinchos dos cavallos, e os estampidos dos tiros, e a alegria dos caçadores, e as cantigas dos cama-

radas, — e o sol mineiro ... E a floresta gothica transformava-se em floresta natural: a pedra negra verdecia, a abobada frondejava e sussurrava, a treva alagava-se de luz offuscante, e um verão brasileiro incendiava o inverno europeu. Já não estavamos em Chartres: estavamos no Brasil...»

Fica bem esta evocação no limiar do volume, em que se enfeixam as conferencias de Affonso Arinos sobre historias e lendas do Brasil.

Estas conferencias, e a lição, que elle professou, em Bello Horizonte, em 1915, sobre «A Unidade da Patria», são digno remate de uma obra literaria, que foi perfeita pela consciencia e pela belleza com que foi concebida e executada.

Quando, enfeitiçado pela palavra ardente do meu companheiro, vi o tecto da cathedral de Chartres mudar-se em cúpula de brenha tropical, era porque elle, nas suas peregrinações pelo velho mundo, levava comsigo, num ambiente proprio, como a sua verdadeira atmosphera moral, a paisagem da terra que amava. E ninguem mais do que elle sentiu e definiu o influxo da visão natal: «a alma da paisagem, para onde quer que andemos longe, nos segue de perto e acompanha, e — chama-se a saudade; ella nos sôa aos ouvidos em mysteriosas melodias, onde fluctuam, com o refrão de velhas canções, ladridos de vento no coqueiral, gorgeios de passaros familiares; ella se debruça, á callada da noite, sobre os nossos leitos, para murmurar-nos as suas confidencias em forma de recordações do passado, e acender no nosso animo as esperanças do porvir...»

E com estas lembranças e esperanças o espirito da Patria dava ao espirito do pensador sobresaltos e, ás vezes, desesperações. N'«A Unidade da Patria», que foi de facto o primeiro grito de alarme e o primeiro gesto fecundo da campanha de regeneração em que estamos empenhados, Affonso Arinos resumiu, com precisão cruel, os males que nos adoecem e envergonham: a dispersão dos bons esforços; o desamparo do povo do interior, docil e resignado, roido de epide-

mias e de impostos; a falta do ensino; a desorganisação administrativa; a incompetencia economica; a insufficiencia, e muitas vezes os criminosos desvios da justiça; a ignorancia petulante e egoista dos que governam este immenso territorio, em que ainda não existe nação.

Mas o amor e a força do artista achavam remedio para o desanimo e salvação para a descrença: a sua alma ancorava-se na alma popular, e banhava-se na verdadeira fonte da energia dos povos, — as tradições, as lendas, a boa poesia, em que se espelham as virtudes da gente simples, seiva, sangue, fluido nervoso, que conservam a sua pureza e o seu vigor, emquanto a doença assola o organismo social, e bastam para sarar, no momento dado, todas as devastações.

Este livro é o effeito desta crença. Affonso Arinos nunca descreu da grandeza moral do Brasil. Conhecendo o seu povo, elle sabia que elle é o verdadeiro operario da sua nação. O valor e a bondade do povo hão-de annullar a fraqueza e a maldade dos que o exploram; e um dia os fracos e os maus desapparecerão, e os fortes e os bons, sahidos da massa anonyma, já livre e instruida, serão os definitivos governadores.

Edouard Schuré, no prefacio da sua «Histoire du Lied», escreveu estas linhas admiraveis: «O povo, muito tempo desprezado, sonha e canta, e tem a sua poesia e o seu ideal; opera-se nelle um grande e surdo trabalho. Muitas vezes, este trabalho instinctivo passa-se para a literatura, e os verdadeiros autores da obra ficam desconhecidos. Os homens da imprensa e das classes cultas não percebem isto; mas a imaginação popular continúa a agitar-se, subterranea, multipla, criadora, incessante, como a vegetação do coral, que lentamente se levanta do fundo do mar em ramificações infinitas, acabando por abrolhar em ilhas encantadoras que deslumbram os navegadores.»

Palavras que sempre devem ser meditadas por nós, homens de pensamento e de palavra. Os poetas, quando jovens pensam, no innocente orgulho da sua mocidade, e no natural

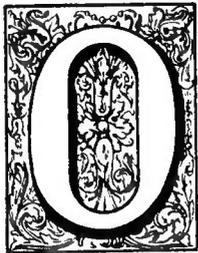
engano do seu talento, que são elles que dão ao povo idéas e sentimentos; e ignoram que são apenas instrumentos de uma força extranha, que os inspira e exalta, emanações insensiveis da sua terra, effluvios invisiveis da sua gente. O tempo e a reflexão, que dão modestia, esfriam esse enthusiasmo. Depois de certa idade, sabemos que os melhores poemas são os que nascem sem artificio, independentes do uso das metricas e dos lexicos, — os que sahem do seio da natureza, frescos e limpidos, como a agua salta das rochas. São os poemas melhores, e os mais duradouros. Os nossos livros, concebidos e dados á luz na anciedade e na tortura, viverão menos do que esses contos singelos, essas lendas infantis, essas trovas ingenuas, que o povo ideou e creou, sem esforço, em sorrisos, entre o amanho da terra e a comtemplação do céu.

Affonso Arinos conheceu bem, de perto, esse claro e eterno manancial da nossa poesia. Viajador da nossa terra, familiar do sertão e dos sertanejos, elle teve o dom de tratar os homens de alma simples, sabendo falar-lhes e sabendo ouvil-os, e enternecendo-se com o seu sonho rustico.

Este enternecimento perfumou a sua vida, e adoçou a sua morte.

Janeiro, 1917.

OLAVO BILAC.

LENDAS E TRADIÇÕES BRASILEIRAS

O simples nome de «lenda» na nossa linguagem corrente evoca um quadro suave da existencia de cada um de nós. Grande ou pequeno, rico ou pobre, feliz ou infeliz — todos nelle figuramos e ninguem delle se recordará sem a mais saudosa das emoções.

Na penumbra de um quarto alguem vigia junto a um leitosinho de criança. Será a fada protectora dos meninos que lhes vem trazer nos fios de ouro dos cabellos a trama dos sonhos encantados? E' antes o anjo da guarda que os ensina a orar. Ouve-se com effeito uma fala a meia voz. Attentando bem distinguireis inclinado no leito um discipulosinho que bebe com delicias a lição do céu.

Fazer dormir as crianças — eis o officio do primeiro e mais querido dos nossos mestres, de quem deu o primeiro pasto á nossa insaciavel curiosidade infantil, de quem forneceu o primeiro alimento á nossa ardente imaginação de «bicho-homem», de quem, emfim, nos contou as primeiras «historias». E' para esse nume bemfazejo que eu me volto neste momento, pedindo-lhe a clareza, o colorido, a sinceridade, o calor, a persuasão; é essa a musa que eu invoco para fazer-vos ouvir-me não só com os ouvidos, senão tambem com o coração. Sem isto não podereis comprehender-me, porque vou falar-vos de coisas infantis, de «historias da carochinha» — como se diz em tom de mofa — mas falar-vos dessas puerilidades como das coisas mais sérias e profundas do homem.

A VERDADEIRA LENDA

O verdadeiro sentido, porém, do nome «lenda» não é esse. Foi sómente por extensão que se applicou ás historias fabulosas ou contos esse nome. «Lenda» vem de «ler», como «legenda» vem do latim «legere»; é o que deve ser lido. Era costume nos conventos e mosteiros, desde os primeiros tempos da éra christan, fazer cada dia, á hora das refeições em commum nos vastos refeitorios, a leitura da vida do santo que dava o nome ao dia. Dahi o chamar-se «lenda» o trecho a ser lido. A lenda era, pois a biographia dos santos e bemaventurados, feita, ouvida e crida piedosamente. Como fossem diarias as leituras e pudessem faltar as biographias, foram ellas sendo

compostas ou accrescentadas com as acções que a fé ardente dos autores attribuia a seus heroes. Não pode haver lenda sem sinceridade e simplesa de coração. Em todos os casos, ainda quando reconhecida depois como fabulosa, a lenda foi sempre na sua origem — e não podia deixar de sel-o — a expressão de uma crença viva: o homem jámais acreditou senão naquillo que elle julga sinceramente a verdade.

Mas, uma vez que o nome «lenda» se applicou por extensão ás narrativas onde houvesse algo de maravilhoso, ella existe em todas as partes onde o homem se agregou em sociedade mais ou menos organisada — e isso pela absoluta necessidade desse alimento á imaginação, que o exige tão imperiosamente quanto o organismo exige a nutrição. Sendo no fundo essencialmente religiosa, vamos encontrar na base de todas as religiões as grandes lendas cosmogonicas. E nesse sentido, os «Vedas» e o «Avesta», ou os mais velhos monumentos escriptos das crenças humanas, são um conjunto de lendas.

A LENDA E O MYTHO

Mas só impropriamente é que se extende o nome de «lendas» aos contos e narrativas maravilhosas de factos ou acções de deuses e heroes ou anteriores ou extranhos ao christianismo. A estas cabe o nome de «mythos». Como a lenda, o mytho é tambem a historia miraculosa do sobrenatural e do que delle se aproxima. De sorte que

um estudo cuidadoso e sério da lenda e do mytho seria o mesmo que o das religiões ou das crenças do homem.

Comprenderia ainda a philologia ou sciencia da linguagem, porque nenhum estudo comparativo das linguas é possivel sem a verificação das fontes riquissimas representadas pelos mythos e as lendas.

Além disso, a ethnologia ou sciencia das raças segue o vieiro das lendas para conhecer as origens, o parentesco e as instituições dos grandes agrupamentos humanos.

Assim, vemos que o conhecimento perfeito das lendas e dos mythos abrange o campo não de uma, mas o de varias sciencias e não é em caso algum brinquedo de criança, como parecem indicar essas lengas-lengas de fadas e de principes encantados que as amas contam a seus pupillos.

Atraz dessa apparencia futil ou pueril ha um sentido profundo que surprehende a quem tenta sondar-lhe a profundeza. Tanto é verdade que as coisas mais faceis são as mais difficeis!

O FOLKLORE

Por outro lado, nas lendas se comprehende tambem o que constitue o chamado «folklore». isto é, não sómente as canções, as historias em prosa e verso, mas os autos, as festas, as tradições, os usos, as crenças e superstições do povo.

E neste conjunto sempre harmonico das instituições populares, a Poesia, a Musica e a Dansa estão eternamente de mãos dadas como as Tres Graças do grupo esculptural grego.

Como pois estudar as lendas sem conhecer bem o cancioneiro, a musica popular e as dansas, uma vez que tantas lendas estão em autos, isto é, são representadas, cantadas e dansadas?

Para tratar, pois, do assumpto desta conferencia é preciso um curso que talvez não estejaes dispostos a seguir e para o qual certamente eu não seria o mais competente.

Dest'arte, venho apenas chamar a vossa attenção para a existencia desse opulento thesouro esquecido e não farei mais do que indicar o vieiro. Explorae-o, colhei a mancheias, que tocareis na fonte verdadeira da vida da nossa raça e ella repetirá comvosco o milagre de Fausto.

Poetas, inspirae-vos alli, que sereis para o vosso povo, verdadeiros «vates», isto é, prophetas! Compositores, buscae a melodia popular e ella vos dará, com a originalidade e a força, gloria e fama immortaes! Donzellas, não desprezeis o magico instrumento em que a alma sentida da nossa raça suspirou as suas primeiras emoções; elle vos fará mais prendadas, vos dará mais encantos, sujeitará mais facilmente ao vosso gesto o eleito do vosso coração.

A TRADIÇÃO

E visto tenhamos indicado para objecto desta conferencia lendas e tradições, occupemo-nos tambem destas, que diverjem das primeiras nisto: as lendas podem ser fabulosas, ao passo que as tradições devem encerrar a verdade historica transmittida oralmente de geração em geração.

E' certo que ao fim ellas se confundem, quando a transmissão oral, no correr dos tempos, vae engalanando os heroes com os affeites riquissimos da imaginação popular.

A AUREA LEGENDA

Mas, a lenda por excellencia, a de onde tiram o nome todas as outras, é a Aurea Legenda, a lenda dourada que compoz um frade dominicano com a mesma uncção communicativa, a mesma suavidade de tintas, a mesma piedosa doçura com que Fra Angelico, tambem da Ordem Dominicana dos Prégadores, pintou mais tarde as suas virgens, as suas flores, os seu fundos de paizagem.

Foi na pequenina cidade de Varazze, á praia ligurica, perto de Genova a Soberba e de Cogoleto, a patria de Christovam Colombo, que nasceu no anno da Graça de 1228 o futuro Frei Jacobus, da Ordem fundada por S. Domingos apenas treze annos antes, conhecido ulteriormente pelo nome latino de «Jacobus de Voragine», pela adulteração do nome de sua cidadesinha natal.

E' este o autor da «Legenda Sanctorum», a obra que talvez tenha tocado mais fundamente os corações e mais influencia tenha exercido sobre a creação da arte christan.

Logo depois do seu apparecimento deram-lhe o nome de «Aurea Legenda», sob o qual ficou geralmente conhecida.

Era um sabio e um santo esse monje bemaventurado, cujas virtudes tiveram tal fama que

um movimento popular veiu tiral-o do seu piedoso retiro, para eleval-o, muito a seu pesar, ao bispado de Genova, onde acabou seus dias.

Na composição da sua obra excelsa inspirou-se, muito naturalmente, na literatura sagrada anterior á sua edade, taes as obras de S. Jeronymo, a «Historia Lombarda», o «Livro Mitral» e outros, mas emquanto estes se dirigiam aos padres, aos clerigos, aos theologos e aos eruditos, a Lenda Dourada era feita para o povo.

Ella appareceu com effeito numa época em que a religião se popularisava, secularisava-se a instrucção, rompia-se a represa que guardou durante seculos dentro dos muros dos conventos e nas bibliothecas monasticas os thesouros de sciencia e de investigação. Foi por assim dizer na ante-manhan da Renascença, a éra embalsamada pela alma suave de S. Francisco de Assis, pela dedicação angelica de São Domingos, o genio philosophico de São Thomaz de Aquino, a augusta clemencia de São Luiz, rei e paladino, todos desse mesmo seculo XIII — éra em que o povo, despertando para a vida do espirito, arrancou dos claustros com o segredo das sciencias o genio das artes.

E a germinação da Àrte no seio do povo foi breve, porque descendo nelle desentranhou-se nessas maravilhosas cathedraes erguidas do sul ao norte da Europa como a epopéa do Christianismo.

Pois bem: nos frescos dos seus muros, nos altos relevos, nas linhas infinitas de estatuas e esculpturas varias, nas scenas coloridas dos

vitraes, nos altares cheios de mysterio e silencio — vereis redivivas as narrações da Lenda Dourada.

O bemaventurado dominicano de Varazze, popularizando a instrucção religiosa, deu á religião um poder novo que fez esse milagre: as mais admiraveis cathedraes do mundo constituem a illustração da Aura Legenda, cujas paginas encontramos ainda nas telas de um Memling ou de um Carpaccio, de um Nicolau Poussin ou de um Rubens, de um Piero della Francesca ou de um Murillo.

Não vamos procurar na obra do santo bispo de Genova a verdade historica, apurada pela critica rigorosa. Na falta de factos verdadeiros da vida dos santos, os christãos primitivos attribuiam-lhe aquelles que, no dizer de Teodor de Wyzewa, oe xcellente traductor da Aurea Legenda, pudessem exprimir-lhe a alma e o sentido profundo.

Ninguem discute a authenticidade dos traços da Virgem nas creações de Raphael, visto como tanto estas como as lendas de Jacobus de Voragine, se não correspondem a uma realidade material e positiva, representam uma verdade superior e eterna.

O successo da Lenda Dourada está em que é tão sincero, tão simples, tem tamanha doçura este livro e foi escripto numa linguagem tão ao alcance do povo, que se adaptou logo ás mais variadas condições da existencia e tornou-se o manual da vida christan.

E é por isso que nenhum livro foi mais copiado nem traduzido, nenhum teve mais estupendas illuminuras. Segundo Teodor de Wyzewa, os catalogos mencionam, só em edições latinas, entre os annos de 1470 a 1500, mais de cem, além das incontaveis traduções francezas, inglezas, hollandezas, polacas, allemans, hespanholas, tcheques, portuguezas, etc. A que eu folheio e me parece mais recente, de 1911, feita sobre velhos manuscriptos latinos, é a traducção franceza de Teodor de Wyzewa.

Como exemplo de lenda, desejaria ler-vos, se não fôra alongar esta conferencia, a que se inscreve nesta data, 5 de Fevereiro:

«Santa Agatha, virgem e martyr, de nobre familia e de peregrina belleza, habitante de Catania onde inspirou a mais violenta das paixões a Quinciano, proconsul da Sicilia, na éra do Senhor de 253, reinando no Imperio Romano o Imperador Decius».

Para que, porém, privar-vos do gosto desta leitura, a um canto da casa, segundo a expressiva divisa de Eduardo Prado, «in angello cum libello»?

Eça de Queiroz costumava perguntar a seus amigos se já tinham lido qualquer das obras que elle mais apreciava, e, á resposta negativa, exclamava:

— Que felizardo! como eu te invejo!

— Porque?

— Porque ainda podes ter este prazer!

Deixemos, pois, a quem ainda não leu a Lenda por excellencia as primicias dessa leitura e vamos fazer uma digressão pelos dominios da lenda brasileira.

LENDAS BRASILEIRAS

Os mestres que têm tratado deste magno assumpto classificam as lendas brasileiras, para facilidade de exposição, em tres grupos:

1.º) — lendas de fundo europeu;

2.º) — lendas de fundo indigena;

3.º) — lendas de fundo africano,

correspondendo cada grupo a um dos tres elementos ethnicos formadores da população brasileira, o europeu ou portuguez, o indio e o negro da Africa.

Outros dividem as lendas tomando como base o objecto ou assumpto a que se referem, a saber, lendas referentes

a) — aos astros;

b) — aos quatro elementos — terra, agua, fogo e ar;

c) — aos tres reinos da natureza — mineral, vegetal e animal;

d) — ao homem e á mulher;

e) — aos seres sobrenaturaes.

Todas essas classificações, porém, são arbitrarias, por se confundirem muitas vezes as classes. Assim a lenda do «Bicho Manjaléo», incluida pelo eminente Sylvio Romero entre as de fundo europeu, é uma simples variante de um dos contos arabes das «Mil e uma noites»

Melhor seria talvez classificar nossas lendas, assim em prosa como em verso, segundo o objecto e a forma, em «agiologicas» ou «sagradas» e «profanas». dividindo estas em épicas, lyricas, satyricas e moraes. Isto não exclue aliás a indicação da proveniencia das mesmas, quando se pode fazel-o com segurança.

Veremos que nem sempre é facil, visto como ha lendas e mythos universaes, representativos da unidade do espirito humano. Outros ha que vão do equador aos polos e vêm dos polos ao equador, soffrendo porém geralmente em cada paiz a impressão do cunho proprio deste. A mesma religião christan não está cheia de legendas de santos proprios de cada paiz, desconhecidos em outros? O symbolo tão suave do cordeirinho de Deus entre os esquimaus cathechisados é — diz-se — representado por uma phocasinha tenra. Para elles com effeito o cordeiro é como um animal fabuloso, ao passo que a phoca lhes fornece, além do alimento, a luz tão preciosa nas interminaveis noites hibernaes.

As lendas de origem portugueza são muito naturalmente as mais numerosas e mais ricas entre nós, porque a preponderancia ethnica na formação do Brasil cabe indubitavelmente ao luso.

Mas temos tambem, além destas, as de origem indigena e em menor numero as legendas dos negros da Africa.

O que porém deveriamos chamar de lenda brasileira não é nem a europea ou portugueza, nem a indigena, nem a ethiopica, porque o bra-

sileiro, tendo de tudo isso, não é nada disso exclusivamente. O que devemos chamar de lenda brasileira é a estrangeira depois de adaptada ao nosso paiz, tendo já elementos locaes, assim como a indigena adaptada ás novas condições de meio creadas pela descoberta e colonisação do Brasil pelos europeus.

Neste sentido, as lendas, ou mais propriamente, os mythos puramente indigenas ser-nos-ão estrangeiros, no mesmo grau ou mais ainda que as lendas europeas e os mythos africanos. Finalmente, brasileiras são por excellencia as lendas elaboradas aqui pelos creoulos de origem europea ou africana, pelo «caboclo» ou descendente do indio já adaptado á civilisação e pelos mestiços em geral, isto é, pela população creada e fusionada no Brasil depois da descoberta.

Sigamos, pois, esta ordem, respigando na riquissima seara as lendas importadas do outro lado do Atlantico, incluindo as de origem africana e depois as indigenas, para terminar com as verdadeiramente brasileiras, ou creadas e elaboradas no meio brasileiro.

Nos «Cantos Populares do Brasil». collecção de Sylvio Romero, na primeira série, composta de romances e de xacaras, ha numerosas lendas que estão em musica e são cantadas nas folganças populares, por exemplo, «A Nau Catharineta», «A Bella Infanta», «Dom Bernal Francez», «Iria a Fidalga». «Branca Flor» e «Floresbella». todas evidentemente importadas com os povoadores portuguezes do nosso solo. Entre estas, «A Nau Catharineta» tem a ancianidade dos poemas

homericos e exprime o cyclo odyssaico das viagens maritimas primitivas, cuja reminiscencia literaria mais completa é o conjuncto de rhapsodias que formam a Odysséa ou aventuras de Ulysses, o Odysseus dos gregos.

Por ahi se vê a corrente profunda de tradições que anima a poesia popular.

«A NAU CATHARINETA»

Na collecção Brito Mendes encontramos em musica «A Nau Catharineta» como é cantada pelo povo.

A narrativa pinta-a, qual navio fantasma, a errar pelos mares faz vinte annos e um dia. Na imminencia de morrer á fome, a tripulação puzera de molho as sólas dos sapatos para de noite jantar. Não podendo rilhar a sola, a maruja tira á sorte quem, dentre os companheiros, deve ser sacrificado para ser comido pelos restantes. A sorte designa o commandante.

Faz vinte annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho,
O' tolina!
Para de noute jantar.

A sola era tão dura
Que a não pudemos rilhar.
Deitam sortes á aventura,
O' tolina!
A ver quem se ha de matar!

Os dados rolam todos
Sobre as ondas do mar
Logo foi cahir a sorte
O' tolina!
No capitão-general!

Capitão — Sobe, sobe, meu gageiro
Meu gageirinho real,
Vê se vês terras de Hespanha,
O' tolina!
Areias de Portugal...

Gageiro — Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal...
Vejo sete espadas nuas
O' tolina!
Todas para te matar!...

E continua neste mesmo teor, até que o gageiro descobrindo alfim a terra, salva a vida do commandante. Este, para recompensal-o offerece-lhe dons, cada qual mais valioso, incluindo a mão da mais bella de suas filhas. Mas o gageirinho não quer outro senão a mesma «Náo Catharineta», de el-rei de Portugal, para nella navegar.

Esta lenda não é sómente cantada e dansada, mas ainda representada ao vivo num auto ou drama popular chamado no norte do Brasil «Chegança de marujos» e conhecido em Minas, onde o vi outr'ora em Paracatú e posteriormente em Bello Horizonte, sob o nome de «Marujada».

A BELLA INFANTA

Do mesmo genero épico a Bella «Infanta», ou «Dona Infanta», na qual se celebra a fidelidade absoluta da esposa separada ha longos annos do marido que corre aventuras no mar. A esposa, tão formosa quão amante passeia no jardim a remoer as saudades do ausente quando uma armada aporta e desembarca o capitão. E' a

volta do cruzado nos cancioneiros da Europa occidental ou o regresso de Ulysses na Odysséa.

Vejamos o dialogo em verso apanhado por Sylvio Romero nos cantares do Rio de Janeiro:

Estava Dona Infanta
No jardim a passear;
Com o pente de ouro na mão
Seu cabello penteava;
Lançava os olhos no mar
Nelle vinha uma armada,
Capitão que nelle vinha
Muito bem a governava.

Mas o commandante salta em terra e se aproxima do jardim da bella infanta; trava-se então o dialogo:

A Infanta — O amor que Deus me deu
Não virá na vossa armada?
O Capitão — Não o vi nem o conheço,
Nem a sina que levava.
Infanta — Ia num cavallo d'oiro
Com sua espada doirada
Na ponta de sua lança
Um Christo d'oiro levava.
Capitão — Por signaes que vós me destes
Lá ficou morto na guerra,
Debaixo de uma oliveira,
Sete facadas lhe dera.
Infanta — (recuando de horror e desatando a chorar)
Quando fordes e vierdes
Chamae-me triste viuva!
Que eu aqui me considero
A mais triste sem ventura!
Capitão — (chegando-se para ella para dar-lhe um [raio de esperança)
Quanto me dareis, senhora,
Se vos eu trouxel-o aqui?

Infanta — O meu ouro e a minha prata
Que não tem conta nem fim.
Capitão — Eu não quero a tua prata,
Que me não pertence a mim,
Sou soldado, sirvo ao Rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Se vol-o eu trouxer aqui?
Infanta — As telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfim.
Capitão — Eu não quero as tuas telhas
Que me não pertence a mim.
Sou soldado, sirvo ao Rei,
E não posso estar aqui,
Quanto me dareis, senhora,
Se vol-o eu trouxer aqui?
Infanta — Tres filhas que Deus me deu,
Todas te darei a ti;
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda dellas todas
Para comtigo casar.
Capitão — Eu não quero tuas filhas
Que me não pertence a mim,
Sou soldado, sirvo ao Rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Se vos eu trouxel-o aqui?

Aqui elle se aproxima com insistencia a ver se é reconhecido pela esposa, que não suspeita estar em presença do marido e repelle o audaz envite:

Infanta — Nada tenho que vos dar
E vós nada que pedir!
Capitão — Muito tendes que me dar
Eu muito que vos pedir...
Teu corpinho delicado
Para commigo dormir.

Infanta — Cavalleiro que tal pede
Merece fazer-se assim:
No rabo do meu cavallo,
Puxal-o no meu jardim!
Vinde todos meus creados,
Vinde fazer isto assim!
Capitão — Eu não temo teus creados
Teus creados são de mim
Infanta — Si tu eras meu marido
Porque zombavas de mim?
Capitão — Para ver a lealdade
Que você me tinha a mim.

O facto de encontrar-se este mesmo thema com as variantes proprias em todos os paizes do sul da Europa demonstra na sua persistencia um fundo commum de tradição e de raça. E' provavelmente a existencia dessa antiquissima raça pelagia, ou dos homens do mar, que sabia explorar as entranhas da terra para della tirar os metaes, como se vê das mais remotas tradições gregas. Os estudiosos desse problema chamam-lhe «raça ligurica», segundo Hesiodo, escriptor grego do nono seculo A. C., segundo ainda Eschylo, o grande poeta do seculo VI A. C. e, finalmente, Eratosthenes e Strabão, os quaes todos estabeleceram a existencia no Occidente da Europa, de uma civilisação da edade de bronze, isto é, anterior ao uso do ferro, elaborada pela «raça ligurica» ou dos Atlantes, formada de homens brachycephalos e de tez morena. Foram estes navegadores audazes que occuparam as costas e ilhas do Atlantico, como a Irlanda, o Paiz de Galles, a Bretanha, a Asturia, a Lusitania, bem como o sul da França, a Cantabria e a Italia. Pertencem-lhe de certo os grandes monumentos de pedra, entre

os quaes os celebres alinhamentos de Karnac, na Bretanha, reconhecidamente anteriores á invasão dos Celtas. E foi contra esses ligures de mediana estatura que os homens corpulentos e louros do norte iniciaram a luta eterna para o predominio no mundo de que a guerra actual é apenas o ultimo dos episodios.

OS TROVADORES PORTUGUEZES

Mas para proseguir no estudo das lendas de origem portugueza, teria necessidade de, tomando como guias D. Carolina Michaelis e Theophilo Braga, percorrer todo o antigo cancioneiro portuguez, fonte copiosissima e de pristina belleza, não só da historia das nossas instituições ethnicas, como principalmente da lingua portugueza.

Lendo-o, revivemos a mais bella parte da edade media cavalheiresca com as suas côrtes de amor, os seus reis trovadores como D. Sancho I e D. Diniz, os seus jograes, os seus menestreis, os seus ranchos de tocadores de violas, de «rotas» ou de «crouds» gaulezas, os seus romances, as suas romagens, as suas folias.

Olhando para o céu nas noites estrelladas revemos a estrada dos peregrinos, o «Caminho de S. Thiago», que não é outro senão a Via Lactea. Pois bem! Foi essa piedosa romagem á séde do padroeiro das Hespanhas — Santiago de Compostela — uma das mais antigas e celebres da christandade — que trouxe periodicamente ao sul o bando canoro dos trovadores da Aquitania; e foi nessa estrada luminosa que se teceu o brocado

de ouro das lendas, muitas das quaes, ainda agora, nas horas amargas dos desalentos, confortam os corações de tantos homens.

O centro da arte, do gosto, da elegancia, da cultura, emfim, era essa terra alcandorada da Provença que as parreiras engrinaldam de verdes festões ou de tenros pampanos. Dahi sahiram para Castella e Portugal os primeiros mestres do «gay saber».

E foi na lingua de Santiago de Compostela, isto é, em gallego confundido então com o portuguez, que os discipulos de Marcabrus e de Gavaudan o Velho compuzeram as primeiras «villanellas». as primeiras «canções de amigo», de que não se envergonharia o grande mestre dos trovadores Giraud de Borneil. E creou-se assim a escola que fez de Portugal o centro do lyrismo das Hespanhas e da lingua dos seus trovadores a lingua da poesia. Só de pronunciar alguns dos seus nomes D. Ruy Gomes de Briteiros, infanção e rico-homem, D. Fernão Peres de Talamancos, Payo Soares de Taveirós, Monio Fernandes de Mirapeixe — a gente evoca esses retratos de nobres de Ticiano, em cujas altivas cabeças os cabellos anelados supportam os gorros estreitos de onde rompe o pennacho em tom de desafio e cujos olhos mostram na olympica serenidade, não o desprezo, mas o desconhecimento do perigo.

Verifica-se, pois, em Portugal, a successiva influencia dos grupos historicos da população franceza — o gallo-romano, do sul; o gallo-franco, do norte e o gallo-armoricano ou bretão, do oeste

Destes ultimos vieram os «lais» amorosos e novellescos, que trocaram no «Amadis de Gaula». a forma versificada pela prosa, dando nascimento a essa espantosa floração de romances de cavallaria, transformados quasi todos da vida e lenda dos santos do christianismo, como o Parcifal e a Demanda do Santo Graal. E esta mésse copiosissima durou até os dias de Cervantes, o seu formidavel inimigo. Se, porém, pode a Hespanha orgulhar-se do «D. Quixote», o demolidor do espirito da cavallaria, Portugal pode ufanar-se de ter creado no «Amadis de Gaula», de Vasco de Lobeira, o primeiro dos romances de cavallaria.

LENDAS PURAMENTE BRASILEIRAS

Seguindo a concatenação logica da materia, deveria entrar agora no exame especial das lendas africanas e indigenas adaptadas, mas como pretendamos estudar nas festas os autos, vamos alterar na exposição a ordem preestabelecida. Vejamos, assim, antes as lendas puramente brasileiras, isto é, as que mostram ter sido elaboradas no nosso territorio.

Confundidas nestas ha muitas e não das menos bellas que são verdadeiras tradições locaes, guardando a memoria de um facto historico particular, por exemplo, a da fundação da matriz de Caeté, em Minas; a da egreja de Santa Ephigenia, em Ouro Preto, colhida por mim na tradição oral, publicada ha mais de dez annos em artigo sob o titulo «Atalaia Bandeirante», no «Jornal do Com-

mercio» e vulgarisada depois; a lenda do irmão Moreira, fundador da Santa Casa de Misericordia de São João de El-Rei, a da imagem do Crucificado, da egreja de São Francisco da mesma cidade, a missa de frei Galvão no Convento da Luz de São Paulo e outras que, como estas, me parecem não terem jamais sahido da trasmissão oral.

Bernardo Guimarães, o romancista e poeta cuja figura ha de avultar ainda na historia do nosso pensamento, dá-nos em pelo menos tres de suas obras varias lendas de fundo africano e indigena elaboradas aqui taes sejam: «Uma historia de quilombolas». «A dansa dos ossos», «Os tatu's brancos», e, como tradição, «A cabeça de Tiradentes».

O visconde de Araxá, simples, pittoresco, verdadeiro e rico de informações, tão injustamente esquecido; Franklin Tavora, José de Alencar, Mello Moraes, citados ao acaso — para não falar em outros escriptores brasileiros passados e presentes — tambem nos narram lendas e tradições nacionaes não só dignas de leitura, mas capazes de inspirarem poetas, compositores e esculptores. Estas que estão colligidas, estão salvas. Mas quantas esperam ainda o fino ouvido de um cultor que será mil vezes recompensado do afan de sua pesquiza?

Não é facil colhel-as ao vivo porque o povo não se abre senão com os que com elle hombreiam na labuta quotidiana. E' geralmente num serão ou num eito, quando as almas, irmanadas pelo soffrimento e trabalhos communs, desabafam na melodia das canções as penas ignoradas ou

desabrocham ao sorriso da esperança, que as lendas se entretecem e a memoria das tradições se aviva.

Os meus felizes encontros com a lenda brasileira são assim, quasi sempre fortuitos, quando os narradores falam como os passarinhos cantam —para os seus companheiros, para a floresta, o céu, a luz. Foi assim que pude ouvir em São Paulo, á beira do Mogy-guassú, entre outras, as lendas do «Caapora», de evidente fundo indigena, do «Minhocão», que em Minas, Goyaz e Bahia se chama tambem «Rolão». a dos «Amores Malditos», a do «Caçador-Phantasma». em Minas, a do «Caboclo d'Agua». popularissima de norte ao sul em toda a região banhada pelo São Francisco, a do «Dinheiro Enterrado» ou o «Thesouro do Finado». a da «Procissão das Almas Penadas». os autos da «Tapuyada» e do «Congado», etc. Não falo no grande numero de superstições e de lendas referentes a seres inanimados e animados, aos quadrupedes e ás aves, taes como as chamadas «acauan», de mau agouro; a «mãe-da-lua», a «inhuma» ou «anhuma» Todo sertanejo quer possuir uma cabeça de anhuma, porque basta encostar-lhe o bico á picada de cobra para curar o paciente. A inhuma é ave sábia e santa, que benze a agua antes de bebel-a e tem, ao crepusculo, um canto de infinita saudade e doçura para o sertanejo. Não ha bom violeiro que não conheça o lundú da anhuma. Tive a dita de ouvil-o cantado em dialogo por dois admiraveis trovadores de Paracatú — o Martiniano do Riachão, e o Antonio Farinha-secca, os quaes se não têm os implumados gorros, os

talabartes e os espadins dos seus collegas da edade-média, não têm de certo menos sentimento e expressão.

O auto do «Congado», que na Bahia toma o nome de «Cucumbys» e está perfeitamente descripto por Mello Moraes Filho, nas suas «Festas e Tradições». é uma verdadeira opera popular de fundo africano. A versão que se encontra inda na tradição de Paracatú ê bem diversa, porém, da que nos dá o citado escriptor, como teremos occasião de ver a seu tempo.

OS TATU'S BRANCOS

Para que possaes ter idéa de algumas dessas lendas, vamos resumir-vos ao acaso uma lenda bandeirante — a dos «Tatús Brancos», para terminar com o mytho indigena da «Tapéra da Lua», embora invertendo a ordem estabelecida antes como acima disse.

Foi no tempo em que os vossos avós desciam o Tieté ao sabor das Monções ou vingavam a serra da Amantiquira em busca do ouro.

Reduzida escolta bandeirante ficara perdida numa região agreste das Minas Geraes, conhecida pela grande quantidade de furnas e cavernas temerosas. Toda a noite, nos pousos, os forasteiros ouviam de um caboclo velho da escolta historias do desapparecimento mysterioso de gente de bandeiras anteriores, sem que jámais se lhe pudesse encontrar o minimo vestigio: eram victimas de certo dos indios vampiros chamados «tatús brancos», que, enxergando como as corujas batu-

queiras na noite mais tenebrosa, varejavam á disparada, a horas mortas, campos e mattos em procura de presa.

Nenhuma caça apreciavam tanto quanto a carne humana, cujo cheiro, como os cães de melhor faro, sentiam de longe.

Essas historias de metter medo, em vez de fazerem recuar daquellas paragens malditas o punhado de bandeirantes, excitavam a curiosidade de um moço que era, pelo nascimento e a consideração dos companheiros, o seu chefe. Deliberou desvendar o mysterio e descobrir os «tatús brancos», que ninguem tinha visto, pois quem os chegou a ver não voltou mais para contar. O caboclo velho instava para que se retirassem dalli, onde nada de bom poderiam esperar, mas o moço insistia em penetrar nos pontos menos accessiveis e mais horrendos. Uma noite, no pouso, sob um pau-terra copudo e retorcido ouviram de longe um vozeiro estranho e agourento. — Patrão, escute a voz do caboclo que conhece as traições do sertão bravo – Mecê me perdoe! elles têm faro como cachorro: se nós não fugirmos já, estamos comidos como uns bichinhos á tôa! São elles! elles vêm mesmo!

Como unica resposta, o moço chefe deu um muchocho de despreso.

E o vozeiro estranho soou mais uma vez pelas quebradas da serra.

— O que vier, topa! – regougou uma voz.

Neste ponto ouviu-se um tropel distante como se fôra a cabritada aos pulos pelas abas dos morros. Os bandeirantes apertaram as zagaias e escor-

varam as colubrinas. Não tardou muito a que o vozeiro que ora soava, ora morria ao longe, tomasse uma direcção certa e se transformasse em algazarra infernal.

E logo depois, alapardados atraz das arvores dos cerrados, os bandeirantes aguentavam a fio de facão, a pontaços de azagaia e balasios de colubrinas pederneiras, no meio da escuridão, ao mais estranho assalto da sua vida aventurosa de guerreiros das brenhas.

No meio de uivos, rugidos e gargalhadas, um a um foram cahindo ou sendo subjugados, não sem terem feito verdadeira chacina na massa dos seus aggressores.

Vivos, mortos e moribundos foram todos arrastados durante longa marcha a uma caverna que parecia a residencia principal dessa chusma nunca vista.

Dos companheiros, o unico a dar accordo de si foi o moço chefe, cuja belleza e juventude provocaram a amorosa compaixão de alguem que elle sentiu junto de si. Seus olhos affeitos pouco a pouco á escuridão, distinguiam melhor os vultos de um enxame de pygmeus, cuja estatura mal excedia á metade do tamanho de um homem normal. Ouvia no meio de uma grita feroz um bater de queixos sinistro, que lhe tirava toda a esperança de salvação e o certificava do cruel destino dos companheiros. Entretanto não se esquecia delle quem o pudera livrar até então da sanha voraz daquella horrivel alcatéa.

O tempo que alli permaneceu em meio da escuridão, o moço bandeirante nunca soube deve-

ras quanto foi. O certo é que acompanhado de perto do seu vigia, teve a dita de sahir do covil uma noite, após a partida do bando, que não vivia senão á noite e todas as noites batia mattos e cerrados, caçando. Não podendo, porém, correr no escuro como os «tatús brancos». teve pretexto de afastar-se com o seu guarda, do grosso do bando e estirar-se no chão a fingir que dormia; o guarda, que, já tereis duvidado, era uma mulher, alli ficou a vigiar-lhe o somno, até que a immobilidade o entorpecesse tambem.

O bandeirante não desejava outra coisa. Só a luz do dia poderia salval-o, porque os «tatús brancos» de modo algum a supportavam.

Assim, antes que o rosicler ourelasse a linha escura das cumiadas, recolhia-se o bando inteiro aos seus covis. Desta vez o amor fizera mais um milagre. A madrugada surprehendeu fóra da sua furna a salvadora do bandeirante. Despertando em sobresalto, levou as mãos aos olhos e com gestos desesperados tentou arrastar o moço para a caverna. Só então poude vel-a e por ella conhecer os da sua tribu. Era pequenina e branca, com a côr pallida de quem nunca soffreu a luz do sol. Os cabellos longos, de um louro embaçado, cahiam-lhe abundantes sobre as costas. Quanto mais clareava o dia, maior parecia a angustia da princezinha dos «tatús brancos», que tapava com as mãos os olhos gazeos, bracejava e gemia, incapaz de caminhar, ás tontas, como inteiramente cega.

O bandeirante olhou uma ultima vez para a triste selvagem e fugiu da terra maldita.

— Eis ahi, se me não trahiu a memoria, a lenda lida em criança, da existencia de uma tribu de cannibaes troglodytas, ou habitantes das cavernas, noctivagos como as corujas.

Terminemos agora esta já longuissima conferencia com o mytho amazonico da «Tapera da Lua», que inspirou a Mello Moraes Filho um dos seus bellos «Cantos do Equador».

A TAPERA DA LUA

No tempo em que as amazonas andavam ainda pelas margens do seu grande rio, havia uma tribu de indios cuja aldeia ficava junto de uma lagôa tranquilla, nas fraldas da serra chamada então Taperê e hoje do Acunan.

Uma guerra infeliz reduziu a tribu a dois sobreviventes, irmão e irman dos mais bellos de sua raça, que ficaram sozinhos no alto da montanha.

Então disse ao irmão a irman:

— O' meu querido irmão! Como és homem e forte, ficarás aqui no alto do Taperê emquanto eu desço á nossa aldeia, ás margens da lagôa. Armei tua rêde nos castanheiros e deixei ao lado as minhas lindas flechas. As flores das parasitas que crescem nos ramos suavisarão o teu somno com o seu aroma. Adeus!

— Adeus até quando?

— Até quando te acordarem os mais bellos passaros, cantando á luz da manhan.

E a india desceu com o passo incerto, os olhos tristes de veada ferida, mostrando na estranha pallidez um aperto no coração.

Ao entardecer, seu corpo leve de adolescente baloiçava na rêde selvagem, ataviada de pennas multicores, que os raios do sol poente irisavam. Ennoitou-se a aldeia e já o oitibó tinha sahido do seu esconderijo, quando a moça, tremula, offegante, arrastada por uma força estranha, procurou o caminho da serra, em demanda da rêde armada nos castanheiros.

> Ella sentiu amôr! Foi no momento
> Em que sósinha, em meio á natureza
> Ouviu a selva segredar ao vento,
> A estrella á cascata, á correnteza!

Ninguem conhecerá o segredo desse meu tormento! suspirava ella. Amal-o-ei na treva; serei de dia sua irman!

> Quando á rede chegou, a branda aragem
> Do sassafraz batia pelas frestas;
> Escuridão no céu, pallida arfagem,
> Saltos nos mattos das cutias lestas...
>
> . .
>
> E toca a rede... a rede se estremece...
> — Quem és? Sussurra um beijo e a voz fallece

Trez vezes a india apaixonada subiu a montanha e tres vezes voltou á deserta aldeia escondendo na solidão e no negrume da noite o segredo do seu criminoso amor.

Mas na ultima vez o moço gentio, querendo desvendar o mysterio, usou de um estratagema: tingiu o rosto com as tintas do urucum e do genipapo, que vicejavam alli, para marcar a face da cauta visitante, ao primeiro beijo.

E quando ao nascer do sol, já na sua aldeia, á margem da lagôa, a moça enamorada foi mirar-se no espelho das aguas — horror! — viu no proprio rosto as manchas negras do seu crime.

Então, salta sobre o arco, toma das settas de combate e desprende a primeira para o céu. Outra a seguiu e mais outra e outra e — ó milagre dos genios que habitam as montanhas azues! — uma longa e aerea cadeia se formou como uma escada de flores convidando-a a subir aos páramos.

Ella subiu e transformou-se em Lua. Desde então, triste e solitaria, errando pelo espaço, mira-se nas aguas da lagôa, na corrente dos rios e nas vagas do mar, a ver se ainda tem as manchas do rosto.

* * *

Ahi tendes, ó vós que com paciencia e caridade me ouvistes, ahi tendes historias, mythos, lendas, recordações.

Nestes dias de eclipse da grande civilisação do seculo XX, ficou provado que os maiores, os mais bellos, os mais ricos monumentos da superficie da terra se arrasam e pulverisam como as construcções das crianças em folga na areia dos vossos jardins. Só uma coisa sobrenada no cataclysmo; só uma arte desafia os iconoclastas, só um thesouro não teme o saque: — o fundo de tradições, de ideal, de poesia, que são a alma de uma raça e o documento unico de sua identidade entre os seus companheiros de planeta.

A desventura alheia nos aconchega uns aos outros. Aproveitemos desse momento para nos conhecermos.

Durante um seculo estivemos a olhar para fóra, para o estrangeiro: olhemos agora para nós mesmos.

Quantas vezes a varia Fortuna esconde junto de nós aquillo que com renitente afan buscamos ao longe!

Fevereiro de 1915.

AS AMAZONAS E O SEU RIO; AS YARAS

SE acaso foi dado ao Homem, na série tragica de suas lutas em busca do ideal, um momento de prazer supremo, foi de certo o momento sobre todos augusto em que aos olhos dos Descobridores, vindos dos climas asperos do Septentrião, as praias douradas da America Equatorial desnudaram-se como a visão entresonhada do Paraiso.

E é tão grande o deslumbramento dos heroes quinhentistas deante da Terra mysteriosa que se lhes entremostrava num sorriso divino; e tão fervente o seu enthusiasmo pelas louçanias dessa Dama Encantada dos seus romances de cavallaria — que ainda agora, quem lê a correspondencia de Colombo, as mensagens de Americo Vespuccio ao gonfaloneiro de Florença, Pietro Soderini, a carta para todo o sempre memoravel de Pedro

Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral, bem como as monographias preciosas do allemão Hans Stadt e do portuguez Pedro de Magalhães de Gandavo — sente muito vivas as vibrações deste enthusiasmo quatro vezes secular.

A voluptuosa doçura das noites estrelladas, a infinda magia dos luares do equador, a alvura das praias que o mar abraça e beija como a uma mulher, segundo a trova do povo; a harmonia das florestas, as canções dos ninhos, o talhe esbelto das palmeiras de frondes sussurrantes, o mysterio das angras cujas aguas tranquillas se intromettem e escondem pelo meio das terras, a vida pullulante e formidavel dos insectos de mil formas e côres, bem como dos infusorios invisiveis — tudo isso transparece dos testemunhos, escriptos no seculo XVI, das primeiras entrevistas do Europeu com a terra faceira e insidiosa do Novo Mundo.

Ainda agora podemos dizer, a quatro seculos de distancia, que os nossos precursores no solo americano não exaggeravam.

Com effeito, que maior maravilha que o nosso Rio-Mar produziu a natureza? Que mais grave materia para as cogitações dos sabios do que esse novo Briareu de cem braços e cincoenta cabeças, a pugnar, como no mytho grego, contra Neptuno, arrancando as neves dos Andes para formar um dique ás vagas do Atlantico?

E aqui se desmente o mytho, porque Neptuno não subjugou Briareu: as aguas vivas do oceano não vencem o Amazonas; ao contrario, a corrente

deste, como um gladio cyclopico, na extensão de leguas e leguas, rasga o largo seio do profundo mar. E esse duello de gigantes tem phases grandiosamente tragicas; ai do que se avisinha então, homem ou coisa, da arena da luta! Tal é o momento do embate entre as duas massas liquidas, a do rio e a do mar, nas montantes do plenilunio e da lua nova. A oito ou dez kilometros de distancia ouve-se um ribombo horroroso — é a «pororoca». Sobre a superficie, até então calma e lisa do rio, ergue-se e avança com vertiginosa rapidez enorme rolo de agua, seguido de outro e mais outro, arrasando tudo quanto se lhe antepõe. A muralha movediça, de tres metros de altura, estende-se de margem a margem, formando completa barreira. Correntes formidaveis e sorvedouros medonhos abrem-se aqui e acolá, no meio do estrondo avassalador. E emquanto dura o phenomeno, — de que uma testemunha, La Condamine, o academico francez, nos deixou perfeita descripção constante das «Memoires de l'Academie Royale des Sciences». perante a qual foi lida em sessão de 28 de abril de 1745, — as embarcações que conhecem o perigo estão abrigadas nas «esperas».

Mas vejamos como o pinta outra testemunha, o conego Francisco Bernardino de Souza, a quem devemos a monographia tão modesta quanto preciosa e rica de informações sobre o valle do Amazonas. «Vi a pororoca. Eram quasi 11 horas da manhan quando me pareceu ouvir um ruido surdo como um trovão que ecoa muito ao longe. As aguas do Guajará corriam tranquillas como se

não esperassem a invasão do inimigo que se aproximava. A vasante era completa deixando a descoberto como coroas os baixos e espraiados. O dia estava claro. Na extremidade do horizonte vi como formar-se uma ligeira linha de espuma que ia rapidamente crescendo e engrossando. O ruido tornara-se perfeitamente distincto. Houve como que uma suspensão nas aguas do rio. Dir-se-ia que tinham presentido o inimigo e comprehendido o perigo. A linha de espuma ia crescendo espantosamente e descrevendo como um sem-circulo em que prendia o rio. Era uma muralha de espuma, uma vaga gigantesca que se ennovelava e estoirava com fragor medonho. Depois, aquelle semi-circulo, por uma subita e admiravel evolução, formou uma immensa linha recta, de uma perfeição completa, e avançou rapida, ameaçadora, fremente, rugindo, levantando espuma e levando deante de si tudo quanto encontrava no caminho, troncos de grandes arvores, galhos, etc. Em certo ponto do rio desappareceu de subito, parecendo mergulhar, para surgir mais violenta, mais ruidosa algumas braças adeante. Não pude mais vel-a; formava ahi o rio uma curva, que me tirava a vista».

Esta não é, porém, a unica de tantas maravilhas que offerece ao poeta, ao artista tão bem quanto ao sabio, a soberba corrente que por pouco não degolla a America do Sul, partindo-a do Pacifico ao Atlantico, em duas grandes ilhas.

Aliás, os estudos geologicos dos sabios americanos, o professor Hart e o dr. Orville Derby, sobre a região amazonica, chegam a essa conclusão: o valle do Amazonas nos primitivos tempos

da Terra era um largo canal entre duas ilhas ou archipelagos, uma das quaes formou a base e o nucleo do planalto brasileiro, e a outra, ao norte, a do planalto da Guyana. Estas ilhas appareceram no periodo inicial da edade siluriana ou logo depois deste, quando os Andes não existiam ainda.

Por todo esse conjunto de espectaculos assombrosos que o Rio-Mar offerecia aos seus primeiros visitantes europeus, pela sua flora opulenta, pelos monstros que as suas aguas escondem, as traições e os perigos sem conta das suas selvas, a exploração da Amazonia constitue um dos episodios mais dramaticos, não diremos da historia do Brasil, mas da historia do homem no Planeta.

Assim, ninguem lerá sem real emoção nos velhos chronistas hespanhoes Herrera ou Garcilaso, ou nos resumos de capitulos destes por escriptores mais modernos, como Southey, a narração movimentada daquella viagem de Francisco Orellana, de Quito á Hespanha, descendo pelo Napo ao Amazonas e por este até a foz no Atlantico. Como em todo o drama hespanhol de aventuras, o soldado ahi hombreia com o monje e muitas vezes os papeis se trocam no correr da acção, vendo-se o monje pelejar violentamente qual soldado em furia e o soldado orar ferventemente qual monje em extase. Aqui o soldado é Orellana enviado á frente de cincoenta homens, por Gonçalo Pizarro, de quem é lugar-tenente, em busca de viveres para toda a tropa deste em risco imminente de perecer de privações quando demandava o paiz das especiarias. O monje é frei

Gaspar de Carvajal, ferido mais de uma vez em combate contra os indigenas e chegando por fim a perder um olho, como Camões.

— Antes perdesse os dois, para não poder contar a historia das suas amazonas brancas! — exclama Southey no seu odio velho de protestante contra todos os frades, principalmente os hespanhoes.

A narrativa dessa aventurosa viajem que Orellana orça em 1.800 leguas até a foz do rio Amazonas e que durou mais de um anno, encerra episodios, por assim dizer de cada dia, quasi todos interessantes: aqui o assalto frutuosissimo de aldeia indigena, que os salva da morte á fome; acolá a recepção de tuchauas ou chefes indios; além a construcção de novo bergantim para nelle se embarcarem; e a engenhosa fabricação de pregos e do velame; e as descripções da vida das tribus que habitam as margens do rio, dos seus costumes, das suas culturas, entre as quaes a do algodoeiro; e finalmente quadros e paisagens, scenarios grandiosos das terras que visitam os conquistadores, em rapidas incursões da beira do rio.

Mas, além de tudo isso, que constitue as relações da expedição com o mundo exterior, temos a parte referente á vida intima da propria expedição, quando Orellana, avido de poder e de gloria, sacudiu a autoridade do seu protector para proclamar-se chefe e, num delirio de magnificencia, rei dessas nações numerosas de barbaros e dessa terra vastissima «enthronizada entre dois Oceanos, inundada de sol ou coroada de estrellas». O seu

delirio durou emquanto venceu todos os obstaculos, percorrendo o Amazonas até a foz e chegando á côrte hespanhola, onde obteve com enormes privilegios e prerogativas, o governo vitalicio de toda essa região amazonica, baptisada por elle com o nome de «Nova Andaluzia»

Eil-o agora em plena gloria, partindo de volta para o Novo Mundo, á testa de quatro náos, carregadas de homens, cavallos e armas, para realizar o seu sonho fulgurante de conquista do El-Dorado.

Bem cedo, porém, a mais tragica das desillusões conduzia o Conquistador á morte junto á foz do grande rio, o seu rio, que elle não poude mais penetrar nem mesmo reconhecer.

Mas quando um dia o Brasil aprender a honrar os que souberam conhecel-o e servil-o, a estatua do grande aventureiro erguer-se-á na maior praça da maior cidade da Amazonia representando Orellana a desvendar diante dos olhos attonitos do mundo, uma das mais bellas regiões do globo.

AS AMAZONAS

Foi o descobridor do Amazonas quem primeiro contou a historia das amazonas brasileiras. Mytho, lenda ou tradição, mixto de tudo isto talvez, não podemos deixar de incluir este capitulo entre os mais importantes das nossas Lendas e Tradições. Dois viajantes illustres que, a um seculo de intervallo, seguiram pelo Amazonas a esteira do bergantim de Orellana, o jesuita Cristobal de Acuña, no anno de 1639 e La Condamine,

mathematico francez, em 1743, occuparam-se detidamente do caso das amazonas, cujo nome ficou para sempre identificado com o rio, pelo menos na parte mais consideravel deste, a começar da confluencia do rio Negro. Um e outro foram mandados pelos respectivos governos. Cristobal de Acuña para acompanhar a expedição de Pedro Teixeira e Carlos Maria de La Condamine para determinar no Equador, com Godin e Bouguer, a figura da Terra.

Vê-se que na impressão causada ao mundo pelas narrativas da viagem de Orellana o episodio das amazonas avultava entre todos para merecer fosse por causa delle o rio designado com o seu nome, apesar do esforço de muitos outros viajantes, cartographos e geographos em darem ao mesmo rio o nome do seu descobridor.

Uma das mais antigas descripções do Brasil, a de Pedro de Magalhães de Gandavo, publicada em 1576, escripta portanto apenas cerca de trinta annos depois de conhecida na Europa a expedição de Orellana, já menciona o «rio das Amazonas», dizendo delle: «nasce de uma lagôa que está a cem leguas do mar do sul, ao pé de umas serras do Quito, provincia do Perú, donde partiram algumas embarcações de castelhanos e navegando por elle abaixo vieram sahir em o mar Oceano, meio grau da Equinoxial, que será distancia de seiscentas leguas por linha direita, não contando as mais que se accrescentam nas voltas que faz o mesmo rio»

E' clara a referencia do autor á expedição de Orellana, que na sua viagem, fôra prevenido

pelo cacique Apariá da existencia das «cunhã apuyaras» ou poderosos caudilhos femininos. Por signal que nas terras onde assistia o dito cacique, a expedição de Orellana esteve mais de uma vez acampada para construir um bergantim, tendo pois léo sufficiente para fazer indagações.

Descendo rio abaixo no novo bergantim, o aventureiro entrou numa região onde foi terrivelmente hostilisado pelo gentio. Ahi frei Gaspar de Carvajal conta ter visto dez ou doze amazonas combatendo á frente de um povo de indios sujeito á nação dellas.

E nenhum desses indios podia fugir, porque quem fugisse seria morto por esses tyrannos femininos, ajunta frei Gaspar. Eram altas, brancas de pelle, de cabellos compridos, lisos e passados em volta da cabeça. O seu unico artigo de vestuario era um cinto e como armas tinhamarcos e flechas.

Continuando a navegar e proseguindo a guerra com os povos ribeirinhos, Orellana soube de um prisioneiro que o paiz era sujeito a mulheres, as quaes tinham nos seus dominios cinco templos do sol, todos cobertos de chapas de ouro; de pedra eram suas casas e muradas suas cidades.

Foi á foz do Jamundá ou Nhamundá, afluente da margem esquerda do Amazonas, no limite do Estado deste nome com o do Pará, que Orellana pretende ter se batido com as mulheres guerreiras chamadas de «icamiabas». pelos indios, isto é, mulheres sem marido.

O seu territorio era guardado por varias tribus ferozes entre as quaes os Pariquis, os Tagaris e os Guacaris.

Junto ás cabeceiras do Jámundá collocavam os indios o lago sagrado de Yaciuaruá, ou Espelho da Lua, aonde as amazonas iam todos os annos em romaria, na occasião das festas ao astro da noite, a quem o lago era consagrado.

A principal residencia dessa communidade feminina, segundo nos conta o padre Cristobal de Acuña, em seu «Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas», publicado em 1641, era entre grandes montes e eminentes cerros. Destes o que mais se destacava dos outros e, por ser mais altaneiro, era varrido dos ventos com mais rigor, ficando por isso escalvado e limpo, tinha o nome de «Itacamiaba».

Estas valorosas mulheres formavam uma nação guerreira independente e dominadora, tendo como vassalos varios povos indigenas.

O seu cunho caracteristico consistia em que da sua sociedade os homens eram implacavelmente excluidos. Para impedir, porém, a extincção da propria nação, dignavam-se receber como hospedes, em grandes festas annuaes, varões de uma tribu vizinha e vasalla, geralmente os guacaris, com os quaes tinham um como tratado.

Os guerreiros da tribu honrada com essa altissima distincção tinham licença de penetrar, em epoca prefixada, no territorio das amazonas, que iam ao seu encontro em som de guerra para darem aos visitantes, até mesmo nesse momento, mostras da sua força e superioridade de suzeranos.

Nessa região amazonense que possue a mais vasta rêde de estradas naturaes ou rios navegaveis existentes no globo, calculada em oitenta mil

kilometros, o caminho do indigena é o rio e o seu cavallo a canôa, talvez por isso mesmo chamada ainda agora «montaria»

Assim, os esposos de um dia chegavam para as festas nupciaes em alegre flotilha de igaras, cuja aproximação era annunciada ás noivas soberbas pelo som do boré e da inubia. Accorriam estas armadas e aguerridas como se foram repellir uma invasão de estrangeiros.

Mas, descoberta a flotilha numa curva do rio, os braços e cabeças agitavam-se em saudações alegres e dos peitos rudes dos guerreiros rompia o epithalamio. Descargas festivas de emplumadas setas, apontadas para o céu, fendiam os ares emquanto as canôas abicavam mansamente ao porto appetecido. Estendidas até então em linhas de batalha as amazonas depunham as armas por terra, em signal de paz, batiam palmas e corriam ás canôas, de onde, num salto, sem que ninguem as pudesse tocar, arrancavam as rêdes dos guerreiros e fugiam velozes, abraçadas com estas, em demanda da morada de cada uma, na taba commum.

Emquanto os homens punham pé em terra e amarravam as canôas, já ellas, pressurosas e solicitas, armavam em lugar bastante evidente da residencia de cada qual a rêde do guerreiro, que a sorte por esse meio lhes designava para esposo. E dahi a pouco, lentamente se aproximavam os homens, abanando de leve as altas corôas de pennas multicores que lhes cingiam as cabeças e chocalhando os cascaveis dos tornozellos. Uma por uma percorriam as casas, a cuja porta, erectas

e calmas, numa serenidade de deusas victoriosas, as icamiabas aguardavam o Esposo. A noiva de cada guerreiro era aquella em cuja casa este reconhecesse a propria rêde armada.

E esta scena de anciedade, em que de uma parte e de outra, homens e mulheres, suspensos, esperam a sentença da sorte para formarem os pares, tem algo de certas figuras do nosso moderno cotilhão.

Unidos assim, começa a «puracé» ou baile selvatico, em que o «cauim» é libado em abundancia como a bebida dos guerreiros e servido em canulas o pò subtil do «paricá», que produz os sonhos paradisiacos.

Acabadas as festas, separam-se os casaes e os tristes guerreiros regressam cheios de saudades ás terras longiquas de onde haviam partido cheios de esperanças. Do pescoço de cada um, porém, pende, pesando-lhes nos collares de leves plumas e de finos dentes, uma joia preciosa, talisman poderoso, penhor e testemunho dos amores das amazonas: «a pedra verde» do lago sagrado.

Pela lei natural, os frutos desses ephemeros hymeneus reclamam seu lugar no mundo. As filhas são cuidadosamente criadas pelas mães para continuarem as tradições e a gloria da raça, mas os pobres dos filhos, ou são cruelmente sacrificados ao nascerem, ou entregues, por occasião das festas annuas de conjuncção, aos paes, com quem devem tomar para sempre o caminho do exilio.

A LENDA DAS PEDRAS VERDES

Antes das festas do amor, havia a jornada expiatoria ao formosissimo lago do Espelho da Lua, tão bello quanto mysterioso e occulto da profanação dos homens pela mais invia e mais brutesca das regiões alpestres do nosso continente, na grande ilha, que é a maior do mundo, formada pelo Orenoco, o rio Negro e o Amazonas ligados pelo canal do Cassiquiare.

Reunidas alli em torno do lago sagrado, nas noites de luar da mais bella das estações, as icamiabas celebravam a festa de Yaci, a Lua, a mãe querida e temerosa das filhas selvagens.

Subiam então aos céus, no meio da immensidade do sertão amazonico, os cantos que nenhum ouvido de homem pode ouvir, nem ouvirá jamais.

O oleo balsamico do umiry e a fina essencia do molongó rescendiam nos ares como uma oblação aromal á deusa das noites serenas, que tece com os raios de prata os filtros mysteriosos dos invisiveis amores e das germinações.

Maceradas de longas vigilias e de flagellações, as filhas de Yaci cahiam em extase antes de obterem a purificação suprema das aguas crystallinas do Espelho da Lua, em cujo fundo mora a mãe das «mueraquitans», ou das «pedras verdes».

Quando, a horas mortas, a face da lua se reflectia bem clara na superficie polida do seu liquido Espelho, então as amazonas mergulhavam nas aguas e recebiam das mãos da mãe das pedras verdes, como penhor da sua consagração, o presente dessas joias sagradas.

Antes de expostas ao ar e á luz do sol, dos quaes sómente recebiam a sua dureza e consistencia, eram as mueraquitans como barro e assim tomavam do capricho das amazonas, que as afeiçoavam á sua guisa, as mais bizarras formas: qual a de uma flor, qual a da cabeça de uma fera.

Eis ahi a historia, fabulosa ou não, das amazonas brasileiras e das pedras verdes. Se aquellas desappareceram por completo, estas ainda existem em mãos particulares e em museus. Alexandre de Humboldt deu-lhes o nome de «amazonstein» e considera-as scientificamente um feldspatho commum; Buffon classifica-as como «jade» e o nosso sabio Barbosa Rodrigues, nas suas «Antiguidades do Amazonas» chama-lhes «feldspatho laminar verde», usadas como enfeite pelos indios, que as tinham como seguro talisman contra maleficios. Na memoria acima referida, conta La Condamine que as pedras verdes ou das amazonas, cuja origem se ignora, eram muito procuradas por causa das virtudes que lhes attribuiam de curar a pedra da bexiga, as colicas nephriticas, a epilepsia, etc., como se pode ver numa das cartas do poeta Voiture a mlle. Paulet. Ha sobre ellas um tratado impresso com o titulo de «Pedras Divinas». Não differem em cor e em dureza do jade oriental e resistem á lima, não se sabendo por que artificio os antigos indigenas americanos, que ignoravam o uso do ferro, puderam lapidal-as e dar-lhes differentes figuras de animaes.

O padre Moraes, nas suas «Memorias do Maranhão». seguindo o dizer dos indios, fala

tambem do lago de onde se retiravam as pedras verdes, existentes nas cabeceiras do rio Jamundá. E como os variados feitios dessas pedras só podiam ser dados por arte humana, pensava o autor que ellas receberam taes formas sendo ainda ducteis como barro.

Isto deveria ter-se dado antes ou logo após a sua retirada da agua porque depois se faziam tão duras como diamante, resistindo ao ferro e ao aço de tempera mais forte. Finalmente, o padre Moraes referindo-se á origem mysteriosa dessas gemmas, affirma ter possuido algumas e saber que ao celebre museu do Papa Benedicto XIV, em Bolonha, fôra enviada uma dellas representando a cabeça e o pescoço de um cavallo.

A realidade e a fabula andam assim tão de companhia, que os mais prudentes e reflectidos já não oppõem a fabulas taes a negativa formal da verdade positiva contra as fantasias da imaginação.

Porque a forma da lenda ou do mytho reveste muita vez a falaciosa apparencia das miragens e tem a ephemera belleza dos castellos de nuvens dos nossos horizontes illuminados, mas o seu fundo vem filhado das proprias raizes da vida.

Não seria o Yaciuaruá ou Espelho da Lua o mesmo «Lago Parima», cujas areias eram ouro puro e a cujas bordas existia a fantastica cidade de «Manoa del Dorado», buscada em vão por tantos homens valorosos, a quem custou a vida? O grande Walter Raleigh, navegador, estadista, escriptor e guerreiro inglez dos fins do seculo XVI não embateu o seu genio contra as garras dessa Chimera?

E o mais interessante é que o mytho das amazonas brasileiras coincide com o mytho grego a ponto de ser um dos dois simples variante do outro. Digo de proposito um dos dois porque, como veremos daqui a pouco, ninguem poderá affirmar com segurança qual delles será o mais antigo.

A mythologia grega, colligindo certamente antigas tradições, occupa-se longamente das mulheres guerreiras estabelecidas á margem do rio Thermodonte, que num dia invadiram a Attica sob o commando da rainha Hyppolyta, levaram soccorro a Troia sob a chefia de Penthesiléa, ou foram vencidas por Theseu, quando tinham como rainha a formosa Antiope.

Este assumpto seduziu o talento dos grandes artistas, graças aos quaes o mundo possue entre as obras primas da esculptura as estatuas de amazonas de Berlim e as dos museus do Capitolio e do Vaticano em Roma.

Além disso, um dos mais admiraveis quadros de Rubens é aquelle estupendo combate de amazonas do museu de Munich, em que o artista representa a derrota e a perseguição das guerreiras femininas pelos soldados de Theseu, á passagem de um rio, numa ponte de pedra. O genio do artista poz tanta verdade, tão tragico realismo naquellas guerreiras derribadas de seus cavallos, precipitadas no rio, cujas aguas estão tintas do seu sangue, que quem vê o quadro sente impetos

de indignação contra os ferozes e estupidos machacazes gregos, incapazes de compaixão pelo infortunio, ou ao menos pela formosura esculptural e a juventude das vencidas.

E' singular que os artistas só tenham representado as amazonas vencidas. Entretanto, um dos maiores e mais gloriosos conquistadores e estadistas da antiguidade oriental, o afamado Cyro, foi, segundo a mythologia, vencido e morto pelas amazonas sob a rainha Thomyris.

Certamente os artistas quizeram com isso lavrar o seu protesto contra a exclusão dos homens da sociedade das amazonas, na Europa, na Asia, na Africa e na America do Sul, isto é, em todos os pontos do mundo em que o mytho e a lenda dão como tendo existido essas communidades de mulheres guerreiras.

O CULTO DA LUA

Os costumes caracteristicos das amazonas da mythologia grega são identicos aos das nossas quanto á exclusão permanente dos homens, e ás relações rigorosamente passageiras com estes sómente para a preservação da existencia da communidade. E' porém muito digno de nota o culto á mesma divindade, Diana ou Artemisa da mythologia greco-romana e Yaci, da nossa mythologia indigena, que todas representam a Lua.

A deusa Artemisa ou Diana, como as amazonas, vota odio aos homens e ama a vida ao ar livre, os exercicios physicos violentos, taes como a caça, a corrida, a natação e a propria guerra.

Ora, esse culto de Diana foi um dos mais importantes da humanidade classica, fornecendo a todas as artes occasião de produzirem obras primas. Na mythologia greco-romana Diana é irman de Apollo, a Lua irman do Sol. Na nossa, vimos o mytho da Tapera da Lua, em que esta se enamora do irmão.

Como, pois, segundo a tradição corrente dos indios, poude existir na Amazonia, antes da conquista européa, um dos maiores cultos da civilisação classica? Quem o trouxe, como veiu ou como nasceu?

A historia ainda não póde responder a taes perguntas. Ha, porém, sabios e dos mais illustres, como Porto Seguro, que sustentam a origem Turaniana dos nossos indigenas e isso quer dizer que fomos colonisados em epocas immemoriaes por egypcios, phenicios, judeus, etc.

Informa-nos por seu lado o conego F. B. de Souza que um sabio paraense, o dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá, escreveu volumoso e importante trabalho com o titulo «Analyse philologica das vozes radicaes da lingua aryo-tupi, ou idioma tupinambá», em que prova pertencer a lingua aborigene do nosso paiz ao grupo aryano, e ser affim do sãoskrito, do zend e do grego.

É tambem pela philologia comparada que Varnhagen julga demonstrar a identidade de origem dos «tupis-caribes» e dos antigos egypcios, affirmando haver memoria de uma emigração para a America, através do Atlantico, muitos seculos antes da era cristan.

O salesiano padre Nicolau Badariotti, em sua viagem ao norte de Matto-Grosso, ficou surprehen-

dido de achar muitos pontos de contacto entre os usos e a linguagem das tribus daquella região e os dos judeus da antiga Judea.

O sabio Barbosa Rodrigues, cujas obras sobre o valle do Amazonas constituem uma das maiores entre as raras contribuições scientificas de brasileiros para o conhecimento daquella região, affirma ter havido alli um periodo de civilisação anterior á descoberta e ainda existente á passagem das primeiras expedições exploradoras, até a do capitão Pedro Teixeira, no seculo XVII.

Acredita o eminente botanico e ethnologista que colonias de antigos normandos, ou de povos do norte da Europa se houvessem estabelecido na Amazonia, onde deixaram indicios da sua passagem em certos usos e costumes bem como nos «sambaquis» ou depositos de conchas, identicos aos «kiokemmiddinges» ou restos de cozinha dos dinamarquezes.

Francisco Adolpho Varnhagen, visconde de Porto-Seguro, pensa que o nome caribe ou caraiba pelo qual os tupis designavam os brancos bem como a si proprios e a seus ascendentes, vem dos carios e da Caria, patria dos ousados navegadores da mais remota antiguidade, que tantas colonias espalharam pelas bordas do Mediterraneo.

Pertenciam á Caria, sita na parte da Asia Menor banhada pelo mar Egeu, as afamadas cidades de Mileto e Halicarnasso, e a não menos famosa ilha de Rhodes, que todas mantinham extraordinario commercio maritimo, desde os tempos homericos.

Chama-se ainda hoje «mar dos Caraibas» o que banha as costas septentrionaes da America do Sul e as Antilhas.

A TRADIÇÃO UNIVERSAL DAS AMAZONAS

O assumpto nos levaria muito longe no terreno scientifico, se não nos ativessemos aos limites do «folklore» ou demo-psychologia.

Assim, para terminar este capitulo das amazonas, responderemos á interrogação que já fizestes mentalmente todos vós:

— Afinal de contas, existiram ou não existiram as amazonas? A sua historia é mytho, lenda, tradição ou historia propriamente dita?

Quanto ás amazonas brasileiras, estamos de pleno accordo com a conclusão do excellente estudo de La Condamine publicado ha cento e setenta annos: pode-se perfeitamente admittir a existencia de uma sociedade de mulheres vivendo independentes, sem commercio habitual com homens; mais do que em qualquer outra parte, isto era possivel entre as tribus da America; a multiplicidade dos testemunhos, não concertados para illudirem, torna o facto verosimil.

E' pueril suppôr, como o official da marinha real ingleza Lister Maw, – aliás um dos melhores exploradores do Amazonas no anno de 1828,—que Orellana tirou a sua lenda do facto de ter visto mulheres navegando em canoas e armadas para se defenderem dos animaes ferozes.

Ora, quem lê a narração do grande aventureiro hespanhol verifica ter elle sido prevenido da

existencia das amazonas por informações dos chefes indigenas ribeirinhos e muito antes de tel-as visto.

Demais, em todos os tempos e em todas as épocas mulheres armaram-se e lutaram ao lado dos homens, sem que isso fosse considerado facto maravilhoso. A nossa historia entre outras, registra a bravura de d. Clara Camarão combatendo heroicamente ao lado do marido na batalha de Porto Calvo, na guerra hollandeza. Mais modernamente, d. Carlota Carneiro de Mendonça foi considerada um das maiores chefes da revolução de 1842. Isso prova que ás mulheres não falta a bravura nem o espirito militar ou guerreiro.

Finalmente as chronicas da edade media falam de uma sociedade de amazonas da Bohemia, no seculo VIII da era christan, dirigida por uma heroina slava de nome Vlasta, que durante oito annos guerreou contra Przemysl ou Przemyslau, soberana da Polonia e da Bohemia, cujo nome ficou perpetuado na grande praça forte austriaca da guerra actual. Nos nossos dias podemos attestar a existencia de verdadeiras amazonas e estas perfeitamente historicas — as do reino de Dahomey, conquistado pelos francezes em Africa. A conquista poz termo á existencia das ultimas representantes vivas desse mytho antigo como o mundo.

Modernamente tambem as pesquizas do illustre architecto e archeologo francez Charles Texier, em suas viagens de exploração archeologica pela Asia Menor, deram como resultado a descoberta, nas montanhas fronteiras da Galacia, de um recinto de rochedos naturaes, em cujas paredes se insculpiu uma scena de capital importancia para

a existencia dos antigos habitadores do paiz. Era, nada mais, nada menos, do que a entrevista annual das amazonas com o povo vizinho e tributario, os leuco-syrios. A rainha dellas é representada em grande pompa, seguida de esplendido cortejo de guerreiras femininas, contrastando esse explendor com a simplicidade do grupo opposto, o dos barbados, que estão tambem representados na scena.

Isto indicava a sujeição dos leuco-syrios ás suas soberbas vizinhas.

De tudo isso, pois, a conclusão logica unica é que o famoso mytho das amazonas deve ser considerado uma tradição universal antiquissima, demasiado persistente para não indicar um fundo de verdade. Em relação ao tempo da vida humana no Planeta a historia, bem o sabeis, é quasi nada. Se não podemos ainda considerar como facto historico perfeitamente comprovado a existencia das amazonas em todos os pontos do mundo onde ha della memoria, não temos base para negal-a. Temos, sim, indicios fortes para suppol-a verdadeira e consideral-a assim, não um mytho ou lenda, brasileira ou grega, mas uma grande tradição humana, que relaciona os nossos pobres e desprezados aborigenes com os mais gloriosos povos da terra.

A PERSONIFICAÇÃO DOS RIOS

O homem foi sempre levado a dar uma personificação aos phenomenos naturaes cuja manifestação o impressiona com mais ou menos força. Em todos os tempos, as primeiras formas do pensamento humano — a religião e a poesia — exprimi-

ram, desde as manifestações ingenuas e selvagens do feiticismo até as mais altas creações dos poetas, os differentes gráus da admiração, do temor e do culto do homem pelas forças da natureza.

Os gregos especialmente deram uma forma finamente pittoresca a esse culto. Além de povoarem de deuses o Olympo, espalharam genios e numes pela superficie e as entranhas da terra: cada floresta teve a sua dryade, cada monte a sua oreade, as fontes e os rios as suas naiades, as praias e as ondas do seu mar, o Mediterraneo, as suas nereidas.

A arte, sobretudo a esculptura, sempre comprazeu-se em personificar montanhas e rios, principalmente os rios. Não faltam, por exemplo, estatuas do Tibre em Roma, nem do Sena em Pariz e seus arredores. Basta-nos citar a obra de Costou, o Sena com a criança e o cysne, do jardim das Tulherias e a composição de Le Brun, a mulher derramando a urna de flores e fructas, da grande galeria de Versalhes.

No alto pedestal da estatua de D. Pedro I, do antigo Largo do Rocio, no Rio de Janeiro, os nossos quatro grandes rios estão representados, cada qual por uma figura caracteristica, o Amazonas, o Madeira, o São Francisco e o Paraná.

Além disso, a « mãe d'agua » não falta ás nossas fontes, nem os «minhocões», os «caboclos d'agua», os rolões, as «yaras» aos nossos rios. Felizmente, um dos nossos mais talentosos compositores, Alberto Nepomuceno, tem tomado para thema de suas creações musicaes a melodia das canções populares e as lendas brasileiras. S. Paulo

já teve o grande prazer de ouvir a sua inspirada canção «As Uyaras» — que nos communica um estremecimento da vertigem dos abysmos.

Assim seja este exemplo imitado, não só para que tenhamos colligidas as nossas melodias populares como para que o edificio da nossa Musica possa erguer-se da unica maneira duradoura, verdadeira, sincera e artistica: assentando-se no alicerce das lendas e tradições populares, como já o fez Ricardo Wagner para a Allemanha.

Vamos dar-vos agora a lenda amazonica — A Yara — que ortographamos assim acompanhando o Diccionario da lingua tupi, de Gonçalves Dias. A interessantissima obra de Sant'Anna Nery — «Folk-lore brésilien», edição franceza de Perrin & Comp., datada de 1889, e hoje exgottada, traz duas versões dessa lenda, que lembra um pouco a «Loreley» ou «Lurley» do Rheno. popularisada pela lindissima poesia de H. Heine: a versão de Manáus segundo a interpretação do citado conego Francisco Bernardino de Souza, e a versão do Pará, que o proprio Sant'Anna Nery apanhou da tradição oral.

Não querendo alongar esta conferencia, deixo de dar-vos aquellas duas versões para contar-vos a lenda segundo eu mesmo a interpretei.

Resta-me finalmente, dizer-vos que não indiquei a origem da palavra « amazona », de quasi todos os grandes diccionarios, por parecer-me erronea, — a saber, do prefixo privativo grego " a ", sem, e do nome «mazos», seio, isto é, sem seio. Isto proveiu, dizem taes etymologistas, do supposto costume de queimar ou decepar o seio direito das donzellas da communidade guerreira, para que mais

facilmente atirassem flechas com o arco. Em nenhuma das mui antigas representações iconographicas das amazonas, nas numerosas estatuas e alto-relevos existentes, legados do passado longinquo, se encontrou jamais a figura da amazona sem o seio. A verdade, pois, é a que expõe Littré: a origem do nome é incerta e obscura.

A YARA

Lenda amazonica, versão de Manáus

Jaguarari, o filho do tuxaua dos manaus, era bello como as frescas manhans de sol nas aguas do Grande Rio. Tinha a força e a destreza do puma aurinegro que domina a mataria brava, mas muito o excedia na audacia em perseguir a caça e affrontar o inimigo.

Quando elle vogava na sua igara, deslizando sobre as aguas silenciosas, que a prôa, como a aza de um passaro, apenas frisava, as garças ariscas, por vêl-o, não fugiam da beira do rio, e os jacamins mesureiros vinham saudal-o roçando os peitos no chão.

Nas grandes festas com que as tabas dos manaus, reunidas ao rufar do trocano, celebravam a admissão dos mancebos á fila dos guerreiros, nenhum moço igualou Jaguarari na altivez do porte, nem na agudez da vista, nem na firmeza do braço.

Arremessada do rijo arco a sua flecha certeira cortava a carreira do caitetú ou o pulo do maracaiá, e a uamiri da sua zarabatana abatia no vôo o gavião carniceiro.

Os velhos o queriam, amavam-n'o as moças, admiravam-n'o os guerreiros e nos seus cantos o nome de Jaguarari soava como o daquelle que um dia, decerto bem longe ainda, iria gosar o supremo bem nas Montanhas Azues, a sonhada mansão dos bravos.

Quando ao florescer da frondosa mamaurana, a sua igára passava junto do barranco do rio, embaixo da verde ramagem debruçada sobre a corrente, as brisas folionas sacudiam os galhos e derramavam nos negros cabellos do filho do tuxaua uma chuva de flores.

Nas tardes purpureas, quantas vezes a sua canoa, ruborescida pelo poente e tauxiada de sombras esguias de arvores marginaes, não subia em demanda da ponta do Taruman, onde se quedava, solitario e silente, até ao meio da noite!

— Que pescaria é esta, filho, que se prolonga com as sombras, á hora em que só Anhangá se deleita em correr as terras e as aguas? Não ouviste alguma vez a sua voz temerosa trazida pelo vento gemedor? Meu filho, meu filhinho! Anhangá espalha pelo capim rasteiro e pelas folhas dos arbustos as sementes das dores que matam!

Assim falava a pobre mãe tapuya quando via o filho entrar na habitação paterna a horas mortas, vindo dos lados do rio, e ficar insomne, noite a dentro, com as pernas pendentes da rêde selvagem, os cotovellos fincados nos joelhos e os olhos fundos e tristes a olharem, a olharem pungentemente para fóra, para o rio, para a noite, para o seio negro da escuridão!

A's enternecidas palavras de sua mãe, Jaguarari respondia apenas com um olhar, o olhar daquelles olhos tristes e fundos, onde se sentiria a crispação de vertigem das profundezas.

— Filho, não foi de muito tempo: faz pouco ainda e a alegria esvoaçava á flor de teus olhos como as marrequinhas á tona da lagôa. Porque fugiu? porque foi ella fazer tão longe de ti e de mim o seu ninho?

— Mãe! — murmurava elle apenas, fazendo um vago gesto.

E o seu corpo, que tinha o frescor e a seiva do talo da palmeira, murchava, murchava sempre; o cupim roaz picava-lhe o coração.

Elle acompanha ainda o tuxaua nas expedições de caça e o seu braço não treme ao rugido do cangussú. Mas, ao cahir da tarde, evita os jovens guerreiros que armam laços para prenderem as aves silvestres e foge dos grupos que vagueiam pelas corôas do rio atirando rêdes de pesca.

Sózinho, salta na leve igara e vôa até a ponta do Taruman, onde os companheiros o vêm de longe, com os olhos fitos no espelho das aguas, solitario e tristonho como o meditativo maguary.

Um dia, cheia de apprehensões funestas, sua mãe exclamou: — Filho, os juruparis perversos envenenaram o ar que respiras. Acauan vem agora cantar á nossa porta. Teu pae quer fazer longe daqui nova taba para nossa gente. Só assim a ave da alegria voltará a esvoaçar em teus olhos...

Depois de profundo silencio, Jaguarari suspirou:

— Mãe, eu a vi!. Eu a vi, mãe, boiando em flor como os nenufares nas aguas do igarapé. E' linda como a Lua nas noites mais claras. Eu a vi! Mãe! Seus cabellos têm a cor das flores do pau d'arco e o brilho do sol; suas faces tiraram o rosado das pennas da colhereira e das flores da sapucaia. Os passarinhos que mais cantam não cantam como ella. Mãe, ella é formosa como nenhum homem das tabas do Grande Rio jamais viu nem verá. Ella cantava e á sua voz a propria cachoeira do Taruman cessou de roncar e parou, de certo por ouvil-a. Ella olhou para mim, ó mãe, e estendeu-me os braços. Depois, repartiram-se as aguas e ella desceu para sua casa, que foi esquecida lá no fundo pelo céu, num tempo muito longe, quando o céu se extendia como embaixo de nós a campina matizada de flores, antes de subir e de arquear sobre as nossas cabeças a sua concha estrellada. Mãe, eu quero vel-a mais: eu quero ouvir ainda o seu canto!

A tapuya horrorisada clamou:

— Foge, foge daquelle lugar maldito! Nunca mais a tua igara demande a ponta do Taruman. Foge meu filho! Tu viste a «Yara»! O seu canto é a agonia! Foge Jaguarari! E' a «Yara»! de dentro de seus olhos verdes te espia a Morte!

E em soluços a velha tapuya atirou-se por terra.

No dia seguinte, á hora em que os torcazes aos casaes passam alto, fendendo os ares em demanda do pouso da noite, a igara de Jaguarari deslisava celere nas aguas do Rio Negro.

Os mancebos manaus que o viram passar disseram:

— Lá vae Jaguarari pescar tucunaré.

Mas, subito, de um grupo de mulheres que levavam amphoras de barro á beira do rio partiu um grito:

— Corre, gente! corre, vem vêr!

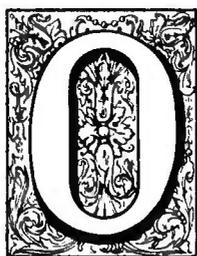
Acudiram os moços e pararam attonitos, olhando a barra do horizonte incendiado pelo occaso. A canoa do filho do tuxaua, inundada de luz, fendia as aguas com Jaguarari de pé, abertos os braços, como uma grande ave selvagem prestes a desferir o vôo. A igara parecia marchar em direitura ao sol, afim de precipitar-se no seu disco abrazado. E ao lado do joven guerreiro, enlaçando-o como a beijal-o, surgia, num halo de luz argentea que se destacava no rubor do poente, um corpo alvo, do formas harmoniosas, coroado de longas madeixas de fios de ouro a esvoaçarem.

— A «Yara»! a «Yara»! — conclamaram, em grito unisono, os guerreiros e as moças dos manaus correndo para o meio da taba.

E foi a derradeira vez que viram o filho do tuxaua vogar nas aguas escuras do rio.

Fevereiro de 1915.

O São Francisco e suas lendas; a Serra das Esmeraldas; as minas de prata; o caboclo d'agua

---

O rio! Quem não evoca, a esse nome, o defluir manso da corrente pulverisada de ouro aos raios tremulos do sol, rendada de sombras caprichosas de arvoredo, casando a voz confusa e mysteriosa de suas aguas com as vozes ora graves, ora estridulas das aves aquaticas, e caminhando, caminhando sempre?...

Vemol-o, ora carinhoso e meigo, namorado solicito, a passar sob as janellas enramadas da Floresta, atirando-lhe, como beijos, um punhado de gottas perladas; ora, Regio Esposo enfurecido, a rugir nas enchentes, rasgando a marcha triumphal por cima de cadaveres de troncos e ao desabar de barrancos, embatendo-se contra paredões e rochedos, ou, monstro farto e somnolento, a espreguiçar-se nas varzeas, lambendo a ourela dos mattos distantes e rolando até achar a paz definitiva no seio immenso do Pae Oceano!

E quantos aspectos varios nessa carreira, quantos contrastes estupendos nessa vida que corre, corre, para apagar-se no seu Nirvana, a vasta sepultura azul do Mar, onde se lhe engolpham as aguas e perde-se-lhe a identidade no esquecimento final e absoluto do Não Ser!

Humilde e mesquinho ao nascer, é nas cabeceiras primeiro um olho d'agua e depois um lacrimal; ninguem o conhece; borbota apenas daqui e dalli; medroso e tremulo, chora entre as pedras, pedindo uma fresta por onde se esgueire em sua marcha para a luz; a pouco e pouco se arrasta e engatinha e do seio nutriz da Montanha vae bebendo, de caminho, cada vez mais gulosamente, as golfadas liquidas de vida. Como o dos seres animados, o seu nascimento requer mysterio e sombra.

Já aventura uns passos mal seguros, e ainda exige o amparo das grutas, a protecção das margens vestidas de hervas, pespontadas de raizes que Elle, em troca, refresca e alenta: já balbucia, corre agarrando-se ás pernas do arvoredo, e ainda as ramagens protectoras cruzam-se sobre o seu leito. E vae e vae, e vão se lhe alargando as margens, até que nenhum galho gigantesco de figueira possa mais roçar outro galho egual estendido do outro lado. Então, orgulhoso e forte, não pede mais caminho: abre o seu.

Surge, porém, um obstaculo: torce-se e evita-o, porque, como o selvagem, ama o repouso e o somno, e não gasta forças inutilmente.

Vae coleando, coleando e seguindo o seu rumo. A rota é segura agora, nada se lhe antepõe.

Mas, ás vezes, a Montanha estende-lhe no caminho uma barreira de pedra. Então, Elle como que pára afim de medir o adversario e, negligentemente, certo do triumpho, recolhe forças, espraiando-se nos largos remansos. Depois se encrespa e ruge e arremette e se precipita com fragor tanto maior quanto maior é o obstaculo, e estoura na catadupa. Aqui, triumphador majestoso e soberbo, não se contenta em marchar sobre montões de penedos, adversarios prostrados a seus pés; cria azas, espadana os ares, dilue-se em neblina, sóbe, transforma-se em luz e é o Arco-Iris.

Mas essa variedade de aspectos, essa belleza magnifica, á qual não faltam nem o lyrismo dos idylios nem o sopro épico das tragedias; essa sublime harmonia entre o rio e a floresta e a montanha e o céu; essa concordancia superna dos animaes com as coisas; dos peixes, das aves, dos insectos com as aguas, a vegetação e a luz — isto não encontramos em tão alto relevo senão nos nossos rios tropicaes, nas solidões que arrancaram ao meditativo Alexandre Humboldt os seus de certo unicos verdadeiros arroubos de enthusiasmo.

O homem enquadra-se tambem na paisagem e é uma nota afinada nesta symphonia dos seres. E' preciso, porém, o ermo para ver a Mãe Natureza em obra: todas as officinas de artistas entram em contribuição e com a maior actividade; todas as artes e todas as sciencias se distribuem hierarchicamente, methodicamente, numa ordem tão limpida e tão evidente que só pode ser divina: as côres se desdobram, os contornos se affirmam, os blocos se arredondam, as vozes se afinam, os

comparsas formam-se, as figuras passam, os grandes scenarios abrem-se, as miniaturas descobrem-se e a unidade profunda dos seres desabrocha á face translucida da Creação. E é tão perfeita essa harmonia que a fera não procura o sitio risonho, mas a brenha; a aguia não busca a molle campina, mas o pincaro: o suruby não demanda a agua crystallina, mas o perau negro. O barqueiro tem um quê da physionomia do rio, como o marujo da do Oceano.

Quem vogou dias e dias nos nossos grandes rios centraes não esquecerá jámais essa raça de amphibios, os barqueiros, cujos olhos, ora transparentes, ora velados, ora escuros, ora vermelhos, ora barrentos, têm as mutações da superficie das aguas que elles conhecem como o palpitar do proprio coração.

Os barqueiros têm affinidades com os socós, os martins-pescadores, as capivaras, as antas, os jacarés, do mesmo modo que com os ingaseiros, os jatobás e as figueiras que medram á beira dos rios. Os seus silencios e os seus cantos afinam tambem com a paisagem e quem passou noites em barcos amarrados em raizes, dormindo ao chapinhar da corrente sobre as bordas do madeiro sonoro, poude ouvir em flautas de taquara o caboclo contar suas penas ou revelar suas crenças. Em taes horas, o minhocão desperta do seu longo somno para cavar os paredões do rio e fazer as profundas lapas ou abrir os abysmos em que as ilhas fluviaes se subvertem; o caboclo d'agua, pondo fora d'agua a sua cabeça, e divagando em torno os olhos vermelhos como brasas, ronda

junto das canoas a ver se apanha um remeiro descuidado para leval-o ao fundo e tirar delle o seu manjar favorito — a bocca, os olhos e o nariz; a cachorrinha d'agua, de cabellos alvissimos e com uma estrella de ouro na testa, mostra-se ao feliz a quem a só vista della assegura a conquista das maiores riquezas.

E o barqueiro canta emquanto os curiangos crocitam, a mãe d'agua desfia o seu rosario, as intanhas papeiam em dó profundo, trilam os grilos, coaxam as gias, piam os «peixes-fritos», o vento geme na galhada, respondem as aguas borbulhando e o ambiente inteiro vibra numa sonoridade sem egual. Ondas de uma força desconhecida percorrem a atmosphera, despertam nas nuvens o trovão, cortam os ares com o rastro de fogo dos meteoros, varam o ether mysterioso e chegam aos astros que entram no concerto universal. E então a Noite chora as lagrimas do orvalho bemfazejo sobre a pelle resequida da terra tropical. Tal, é creio, a musica inexprimivel dos seres na Grande Opera da Creação.

A ESTRADA LUMINOSA DO SERTÃO

Se o mar foi em todos os tempos o logradouro commum e o vasto campo de união entre os paizes e as nações, o rio foi para cada paiz o guia seguro da conquista e povoamento do seu territorio, a estrada sempre luminosa, de dia e de noite, mais que tudo o largo seio maternal que desaltera e nutre.

Assim como o destino historico de certos povos foi tirado da respectiva posição geographica á beira mar, que os fez nascer navegadores, assim o do paulista foi fixado pelo seu rio, o Tieté, que o fez sertanista e bandeirante.

«Aqui estão de facto as portas dos sertões occidentaes», disse um dia Theodoro Sampaio numa esplendida visão da nossa historia colonial.

«Nascem os rios quasi á vista do mar e se engolfam no desconhecido, conduzindo no seu dorso a ambição insaciada dos conquistadores, ao mesmo tempo que as campinas interminas deixam ver o horizonte desimpedido, amplo, como se quizessem significar a rendição muda do ignoto deante da audacia dos forasteiros»

O enorme territorio do Brasil, pode partir-se de norte ao sul, quanto ao curso dos rios, em duas regiões distinctas, que explicam o papel reservado aos filhos da antiga capitania de S. Vicente na expansão sertanista e consecutiva occupação do interior: aqui os rios correm para o centro das terras e quem se confia á sua corrente é levado por ella até o sertão, ao passo que ao norte elles vêm direito ao oceano e para penetrar no paiz é preciso vencer a sua muitas vezes impetuosa corrente, quando não se topa com alguma das formidaveis cachoeiras que lhes impedem por completo a navegação. Tal é o caso do S. Francisco com a Cachoeira de Paulo Affonso, o do Jequitinhonha, o do rio Doce, o do rio das Caravellas e outros que desembocam na vasta

costa, ainda agora pouco frequentada, insufficientemente conhecida e menos explorada entre a Bahia de Todos os Santos e o cabo Frio.

Entretanto foi esta a primeira secção do nosso littoral descoberta pelos portuguezes, aquella onde achou franco abrigo a armada de Cabral quando, nos dias de Abril da era de 1500, lançava ferro em Porto Seguro.

As entradas para o sertão, segundo a estrada luminosa dos rios, effectuaram-se simultaneamente da costa de S. Vicente ao sul e da de Ilhéos e Porto Seguro ao norte. E' possivel até que as do norte precedessem as do sul, visto como as primeiras grandes expedições organizadas officialmente, taes a de Bruzo Espinoso, a de Vasco Rodrigues Caldas, a de Sebastião Tourinho, a de Antonio Adorno, a de João Coelho de Souza, a de Gabriel Soares, glorioso irmão deste, partiram da costa bahiana e da do Espirito Santo em demanda dos grandes thesouros da Serra Resplandescente ou da Lagoa Encantada, de onde promanava o grande rio, o Pará dos tupis, identificado com o S. Francisco.

Mas emquanto os sertanistas ao norte iam contra a corrente, aqui vogavam ao sabor della. Os papeis, pois, dos colonos de cada região ficaram distribuidos: os do sul fizeram-se bandeirantes, expandiram-se em brilhantes marchas militares — dirão hoje com uma palavra ingleza «raids» —; os do norte, repellidos pela corrente contraria, fizeram-se criadores e acompanharam na sua irradiação pacifica pelas terras calcinadas de sol, onde medram os cardos ou se dilatam as catingas, a pata vagarosa do gado.

A MULHER E O OURO

Tanto os nossos primeiros colonos desconhecidos quanto os grandes capitães e aventureiros em cujas frontes a Gloria depositou o beijo da consagração eram homens de presa e de amor. Os moveis dos seus feitos eram a mulher e a riqueza, quem sabe se a conquista de uma para a outra?

Assim, madrugaram na nossa historia colonial os dois factos capitaes que decidiram dos nossos destinos e formaram a nossa patria — o cruzamento do branco com a indigena e a conquista do vasto territorio central atravéz de mil perigos, á custa de milhares de vidas e de sacrificios sem conta, em busca dos thesouros escondidos no mysterio dos sertões.

Comquanto o commercio de escravos bronzeados tentasse muitas das primeiras expedições, que fizeram verdadeiros saltos na costa, como Americo Vespucio em Cabo Frio e Vicente Yanes Pinzon no Maranhão, este antes da chegada de Cabral, transportando para o Velho Mundo dezenas de prisioneiros seduzidos e agarrados á traição, o almirante portuguez seguiu outra politica. Sabe-se com effeito que Cabral, descoberta a nova terra, reuniu em Porto Seguro um conselho de capitães para decidir-se se devia mandar uma nau levar ao Reino, com a noticia do descobrimento, uma carregação de captivos indios.

Um dos capitães, cujo nome não nos ficou infelizmente, homem de talento e de bom senso, oppoz-se á presa dos indios e fundamentou,

fazendo-a prevalecer, a opinião de não aggravar os naturaes do paiz, de captar-lhes as sympathias, aproveitando-lhes as boas disposições com o deixar entre elles europeus que lhes aprendessem a lingua, estudassem os costumes e a terra, por bem informarem os seus compatriotas quando aqui viessem estabelecer-se.

Ora, eis ahi um admiravel conselho que teve a dita rarissima entre os conselhos bons — foi seguido. A armada deixou assim alli dois degredados, aos quaes se juntaram dois grumetes fugidos de bordo á noite, para serem os primeiros brancos que iam encetar a mais alta, a mais vasta, a mais relevante obra historica da edade moderna — a fundação de um grande imperio christão e europeu nas terras tropicaes do Novo Mundo.

Assim, o primeiro contacto dos chefes e da maruja da grande armada descobridora com a gente da terra descoberta foi de sympathia. Deste episodio capital nos ficou um admiravel documento, a celebre carta de Pedro Vaz Caminha, datada de 1.º de Maio de 1500, de Vera Cruz e conhecida sómente mais de tres seculos depois. Descobriu-a na Torre do Tombo e publicou-a na sua preciosissima Chorographia o illustre Ayres do Casal, no primeiro quartel do XIX seculo.

Vaz Caminha mostra que as caboclas bahianas não passaram despercebidas dos portuguezes. Diz elle, na pinturesca linguagem do seu tempo: *«Aly amdavam amtreles tres ou quatro moças, e bem jemtys com cabellos muy pretos, compridos pelas espaduas»*. O jovem e heroico Pero Lopes de Souza, irmão e companheiro de Martim Affon-

so na sua visita, tão rica de consequencias, com forte esquadra, ao Brasil em 1531, consigna no seu diario que a gente do Rio de Janeiro, ainda é mais gentil que a da Bahia de Todos os Santos.

O certo é que a ligação do portuguez com a indigena brasileira deu-se nos seus primeiros encontros. A chronica nos guardou o nome de certo Carvalhinho, piloto-mór da náu Brêtoa, sujeito ao que parece baixote mas frecheiro, o qual já em 1511 levava do Rio de Janeiro, onde estivera antes, para a Europa um filho havido de uma india da terra. Com indias dos campos de Piratininga já por essa época andava alliado João Ramalho, provavelmente christão novo, aportado aqui em algumas das expedições de pau brasil e de escravos indios, quando o nosso paiz andou arrendado a judeus e agiotas, um dos quaes deixou o seu nome á ilha tristemente celebre de Fernando de Noronha.

Mais ao sul, chefiava indios em Cananéa o celebre bacharel, que Martim Affonso ahi achou em 1532, dizendo o diario de Pero Lopes vivia alli havia trinta annos.

Entre parenthesis: ficavam lançadas tambem no Brasil, nos dois primeiros annos seguintes ao descobrimento, as sementes de duas instituições nacionaes — a carta de empenho e o bacharel. Carta de empenho era a de Vaz Caminha, que terminava a sua colorida narrativa com um pedido a favor de um genro seu a El-Rey d. Manuel. O bacharel veio em degredo com a armada de 1501 e fixou-se para os lados de Cananéa, onde tentou

fazer trafico de indios, conforme o depoimento de Diego Garcia com quem contractou o fornecimento de 800 indios para serem remettidos como escravos á Hsepanha.

Na Bahia assentou-se outro patriarcha do cruzamento, Diogo Alvares, o famigerado Caramurú, que recebia carta regia de d. João III annunciando a chegada, em 1549, do primeiro governador do Brasil.

Sua mulher, que lhe sobreviveu, a decantada Paraguassú dos Tupinambás, cujo nome christão foi Catharina Alvares, vivia honradamente no declinio do seculo XVI, soccorrendo a pobreza da primeira metropole brasileira.

Della nos falla com grande respeito o primeiro brasileiro que escreveu a historia do seu paiz, frei Vicente do Salvador, cuja obra, acabada em 1627, só foi publicada em edição de 1889, da Bibliotheca Nacional, precedida de magnifico prefacio de Capistrano de Abreu, aquelle dentre os brasileiros vivos a quem mais deve a historia do Brasil.

Se se verificou a inclinação amorosa do europeu para com a mulher indigena, a apaixonada dedicação desta pelo branco deixou na poesia o tocante episodio da morte de Moema, quando, perdida de amor, seguia a nado a esteira da nau franceza que conduzia para a Europa Diogo Alvares.

Eis a ultima apostrophe da cabocla ao profugo e cruel amante, nos versos de Santa Rita Durão:

Emfim, tens coração de vêr-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas?
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente com que aos meus respondas?
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir), ah! não te escondas!
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo dizer o mais, cae num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas, desce ao fundo:
Mas, na onda do mar que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo,
— Ah! Diogo cruel! — disse com magua,
E, sem mais vista ser, sorveu-se nagua.

A Moema, de «Caramurú», como a Lindoya, do «Uruguay», de Basilio da Gama, são ficções poeticas, mas é verdade que numerosissimos indios brasileiros foram levados á terra de França, principalmente á Normandia, cujos armadores faziam activo commercio com o Brasil. Ferdinand Denis, o grande amigo do Brasil, deu á estampa, entre suas obras sobre o nosso paiz, a narrativa, tirada de uma chronica da época, de uma festa brasileira em Ruão, no reinado de Henrique II e Catharina de Medicis, por occasião da visita deste rei á capital da Normandia.

O amor fazia assim a obra sem a qual a nossa patria não podia existir: a creação de uma raça, ou sub-raça. A terra brasileira, desconfiada e hostil, só se revelou perfeitamente ao filho do seu proprio solo ou a quem se apadrinhasse com elle para devassar-lhe os arcanos.

Mais tarde, o sangue esbrazeado do caboclo circulava nas veias de muita familia fidalga, como em Portugal, a riquissima casa da Torre; Pombal, o poderoso Pombal, tinha entre os avós uma india pura; duques hespanhoes não se dedignavam de descender de pelles-vermelhas e uma familia aristocratica da Normandia filhava-se num caboclo brasileiro.

Apoiada no indio, guiadas por elle, que foi o falcoeiro carregando no punho a ave de rapina para a caçada do Milhão, as «entradas» e as bandeiras começaram e proseguiram a obra de irradiação e de conquista do Brasil.

OS DESCOBRIDORES DO S. FRANCISCO

A primeira esquadrilha de reconhecimento, mandada ao Brasil por D. Manuel em 1501 havia reconhecido a foz do S. Francisco. O seu commandante vinha baptisando pelo calendario da egreja as terras que perlongava — cabo de Santo Agostinho, rio de S. Francisco, bahia de Todos os Santos, cabo S. Thomé, S. Vicente, etc. Dahi se conclue que a embocadura do S. Francisco no Atlantico foi vista em data de 4 de Outubro de 1501 e o nome applicou-se a todo o rio, conservando-se.

Os primitivos colonos que se tornaram correntes com a lingua dos indios receberam destes as mais fantasticas versões sobre um grande rio central, chamado por elles Pará, que nascia de uma lagôa encantada, a maravilhosa Vupabussú, junto de uma Serra Resplandecente, onde fervilhavam as esmeraldas, as saphiras e faiscava o ouro.

A descoberta dessa região fulgurante tornou-se a idéa fixa dos aventureiros e dos proprios governos, a quem devia custar quasi dois seculos de amargas provações. A uniformidade do testemunho dos indios de todas as costas onde o portuguez penetrara fortificava a convicção, facilitada pela circumstancia excepcionalissima de haver uma lingua indigena geral espalhada num territorio de mil leguas deextensão.

Assim, as expedições se formaram, a principio rapidas, de dois mezes apenas, como a que Martim Affonso mandou do Rio de Janeiro para o sul, depois mais demoradas, mais numerosas em forças.

A maior parte das primeiras e mais ricas de consequencias tiveram como objectivo directo as nascentes do S. Francisco. Assim, o primeiro governador geral do Brasil, Thomé de Souza, mandou certo Miguel Henriques numa galé reconhecer o famigerado rio, mas nem Henriques, nem um só dos seus companheiros tornou da viagem maldita.

O governador Luiz de Brito despachou outra expedição ao mando de um malaventurado Bastião Alvares mas tambem este, depois de quatro annos de buscas, com 15 ou 20 companheiros, lá ficava, pasto do gentio tupinambá.

Consta por outro lado que o donatario de Pernambuco, Duarte Coelho, pela mesma época, no meiado do seculo XVI, fizera propostas a El-Rei para a exploração do rio fatidico, mas taes propostas foram rejeitadas porque Duarte Coelho pedia de mais. Em todo o caso, attribue-se-lhe a fundação da cidade alagoana de Penedo, centro commercial hoje do baixo S. Francisco e seu principal porto, a oito leguas da foz.

A primeira expedição feliz em demanda do Alto S. Francisco foi a em que tomou parte o jesuita Aspilcueta Navarro, graças a quem chegou ella ao nosso conhecimento. Foi isso pelos annos de 1553 a 1554, conforme a carta que descobriu e publicou Varnhagen na primeira edição de sua obra, «Historia Geral do Brasil»

O chefe desta expedição — revelou-o Capistrano de Abreu — foi um excellente lingua, chamado Bruzo Espinoso, castelhano de nação. Succederam-lhe a de Rodrigues Caldas, em 1560, a de Sebastião Tourinho, que subindo pelo rio S. Matheus desceu pelo Jequitinhonha; a de Antonio Dias Adorno, que seguiu o Caravellas, em 1573; a de Marcos de Azevedo, que levou amostras a El-Rei. O roteiro da primeira e os das de Tourinho e Adorno foram estudados e estabelecidos na nossa carta pelas investigações de Capistrano, O. Derby e Pandiá Calogeras. Tanto Tourinho como Adorno trouxeram amostras de pedras verdes e azues, que os lapidarios tomavam como esmeraldas e saphiras da flôr da terra.

A razão porque os expedicionarios preferiam partir da costa de Porto Seguro, temol-a em carta de Duarte de Lemos, de 14 de Julho de 1550; graças á politica da primeira armada, a de Cabral, quanto aos indios, os daquellas paragens viviam em paz e muito amigos dos europeus.

GABRIEL SOARES E AS MINAS DE PRATA

A' expedição de Adorno, que entrou com 150 brancos e 400 indios de paz e escravos, sendo todos bem tratados e recebidos do gentio, seguiram-se

duas que deviam deixar á Historia do Brasil um dos mais dramaticos episodios e á imaginação popular a nossa lenda mais importante, a das «Minas de Prata», assumpto de chronicas e de romances, entre os quaes o de José de Alencar.

Referimo-nos ás entradas de João Coelho de Souza e de seu glorioso irmão Gabriel Soares de Souza, este ultimo o autor, segundo assevera o visconde de Porto Seguro, da obra admiravel de quantas em portuguez produziu o seculo quinhentista — o «Tratado descriptivo do Brasil», feito em 1587 e só publicado em 1825 nas Memorias da Academia de Sciencias de Lisboa.

João Coelho de Souza andou pelo sertão tres annos e morrendo ao regressar á cidade da Bahia, a cem leguas de distancia, enviou a seu irmão, quando se sentiu proximo ao fim, amostras de ouro, prata e pedras preciosas, com um roteiro que não nos chegou e por isso continua sepultado nos mysterios dos encantamentos. Este famoso roteiro e estas desgraçadas amostras de thesouros decidiram do destino glorioso e tragico do até então pacifico lavrador Gabriel Soares, abastado proprietario do engenho de Jaguaribe, junto a Jequiriça, na Bahia actual. Note-se que por esse engenho passara de regresso Antonio Adorno, trazendo amostras de riqueza do sertão.

Assim Gabriel Soares, recebendo o deposito do precioso segredo do mano defuncto, esqueceu as lavouras e passou-se a Portugal em 1584, afim de obter da côrte as necessarias concessões para sua mineração.

Em encaminhar seus requerimentos e aguardar despacho, gastou Soares uns bons pares de annos e de certo muito dinheiro, mas poude alfim chegar ao cabo dos seus desejos. Munido de toda a documentação official, lá vem o nosso homem, despachado «Capitão-mór da Conquista e descobrimento do rio de São Francisco». A 7 de Abril de 1590 largava elle de Lisboa, com 360 homens, 4 religiosos carmelitas entre os quaes frei Hyeronimo de Canavazes, que depois foi provincial da Ordem. Trazia-os a seu bordo a urca flamenga que dava pelo nome romanesco de «Grifo Dourado», e teve o mau gosto de naufragar junto do porto de chegada.

Mau agouro para a expedição, que, aliás, poude salvar-se toda e reconstituir-se na Bahia e no engenho do Capitão-mór, de onde marcharam para o sertão.

Eil-os a caminho da Serra do Cuarerú, a 50 leguas do ponto de partida. Segundo o regimento real que tinham, deviam levantar fortalezas de 50 em 50 leguas, com sessenta palmos de vão e suas guaritas nos cantos.

Ergue-se a primeira. E dahi marcham outras cincoenta leguas, para as nascentes do rio Paraguassú, onde outra fortaleza se levantou. Ahi porém, as vasantes verdoengas e malignas começaram na gente da expedição a sua obra devastadora de sezões e carneiradas.

Buscava Gabriel Soares a famosa Lagoa Dourada de São Francisco tendo por guia um indio cujo nome era Guaracy, que quer dizer Sol. Este sol demandava a serra que os seus companheiros selvagens chamavam o «Sol na terra», tanto era

resplandecente. O seu fulgor impedia o approximar-se della. Mas Guaracy teve o seu occaso e sepultou-se no ermo. O capitão-mór, alanceado de dôres e de fadigas, foi presa tambem das febres malignas e mais esta ossada de forasteiro ficou perdida no sertão ignoto.

Da mesma epoca de Gabriel Soares, foi o protagonista das *Minas de Prata*, o celebre Roberio Dias. descendente de Catharina Alvares, a Paraguassú, o neto do famoso Moribeca, nomes esses não sómente celebres na nossa historia mas presentes na imaginação popular.

Entre os habitantes da Bahia era quem vivia com mais fausto. A sua baixela era sumptuosa, o seu tratamento liberal e magnifico. Rosnava o povo que Roberio havia recebido do seu avô, o Moribeca, a herança de uma caverna maravilhosa onde elle se afundava para surgir carregado de prata.

Querendo dignificar a pompa da sua vida com um titulo nobiliarchico que lembrasse a origem de sua riqueza, o homem partiu para a Europa a solicitar d'El-Rei, em troco da revelação de minas opulentissimas, o titulo de Marquez das Minas.

Já então o Brasil havia passado com a metropole portugueza ao dominio da Hespanha de Phelippe II, de sorte que o milionario brasileiro teve de enfrentar com a côrte mais difficil, mais severa na pragmatica e mais rutilante de poder de quantas conhecia então o mundo.

Diz-se que assistira á sua primeira audiencia com o sombrio monarcha um personagem que teve depois papel consideravel nos destinos do Brasil,

d. Francisco de Souza, cadete da casa do Prado, cujos ascendentes tiveram tambem decisiva importancia na nossa historia.

O brasileiro offerecia a El-Rei prata para calçar cidades, levantar exercitos e armadas, mais prata de que o ferro da Biscaya, de jazidas até agora inexgottadas. O rei tenebroso ouviu. Desconfiado e frio, sem querer animar nem desilludir, manteve o pobre brasileiro em transes de desespero e ondas de alegria, até que o despachou com o titulo de administrador das minas por descobrir. Secretamente prometteu o titulo a d. Francisco de Souza, que, com a mente afogueada de visões esplendidas, veio assumir o logar de governador e capitão general do Brasil especialmente com o fim de promover o descobrimento das famosas minas, cuja existencia, no animo dos governos e do povo, era certificada ainda mais fundamente, com a descoberta, já effectiva, das deslumbrantes minas do nosso vizinho Alto Perú ou Bolivia.

O novo governador chegou á Bahia e tomou posse do seu cargo ainda a tempo de receber do sertão os destroços da malfadada expedição de Gabriel Soares, conduzidos por seu mestre-de-campo, Julião da Costa.

D. Francisco mandou-lhes ao encontro, á Cachoeira, Diogo Lopes Ulhoa; acolheu-os com a liberalidade que devia tornal-o o mais querido dentre os governadores do Brasil e gastou da sua fazenda com esse gasalhado nada menos de dois mil cruzados.

Quanto a Roberio Dias, consumido de tristeza, apertado pelo governador para revelar suas minas,

denunciado, depois de longa espectativa e frustadas pesquizas, como simulador zanzou pelo sertão sem rumo nem norte, até que a velha ceifeira lhe puzesse termo ás amarguras sellando para sempre nesse tumulo o segredo dos thesouros sem conta da Caverna Maravilhosa.

Em tragedia acabaram, pois, as tentativas bahianas da surprehender os cofres de prata, ouro e pedraria que a terra esconde. E eram notaveis quasi todos os chefes de taes expedições, abalisados como Tourinho, Adorno e Espinoso, tendo um talento encyclopedico como Gabriel Soares, uma fé ardente e, ao serviço della, ricos cabedaes como Roberio Dias. Dinheiro, esforços, heroismo tudo foi baldado! A Fortuna caprichosa decidira revelar-se em sua esplendida nudez de deusa pagan sómente aos broncos mamelucos de São Paulo, quando, desde muito esquecidos de minas andavam em saltos ao sertão «*a buscar indios trazendo-os á força e com enganos para se servirem delles e os venderem com muito encargo de suas consciencias*», — diz-nos frei Vicente; e ajunta; «*é tanta a fome que disto levam que ainda que de caminho achem mostras ou novas de minas, não as cavam, nem ainda as vêm ou demarcam*».

Cahido o panno sobre a tragedia bahiana das Minas de Prata, o pertinaz e engenhoso D. Francisco decidiu passar-se para o Sul, vir assentar na villa de São Paulo a sua tenda de chefe na temerosa investida contra a esphinge, que tão ferozmente defendia a chave dos thesouros.

Ao saber da nova, o povo de Piratininga alvoroçou-se. Onde e como receber o governador,

fidalgo de tanto trato, acompanhado sempre de sequito e tão cheio de tafularias, na villa miseravel, coberta de casinhas de sapé, onde o povo vestia algodão grosseiro tinto de ocre e uma capa era objecto de tanto luxo que tomavam de emprestimo para baptizados e casamentos?

A camara da villa reuniu-se em vereança para providenciar sobre «*um homem que tivesse casa para venda de coisas de comer para que em chegando o sr. governador achasse em lugar certo o que comer*».

Washingthon Luis, com o seu notavel tino historico e o seu real talento de investigação, traçou de S. Paulo desse tempo e de D. Francisco de Souza, bem acabado quadro, em dois capitulos ineditos, cuja leitura me foi dado fazer com muitissimo prazer. Ahi se encontram, tirados dos inventarios feitos no sertão, o roteiro e a composição das bandeiras, que agora incessantes e officialmente organisadas D. Francisco das Manhas — tal era o seu appellido — despachava para o sertão.

E o nosso homem revolucionou São Paulo. Apesar da prudencia da Camara em achar-lhe um vendeiro, certo Marcos Lopes, que solennemente jurou aos Santos Evangelhos não tirar mais de um real sobre dez nas carnes, farinha e beijús que vendesse a D. Francisco, o luxo deste e do seu sequito virou a cabeça do povinho de São Paulo.

Esta villa onde, segundo se vê das actas do seculo XVI da Camara Municipal, ora felizmente impressos, não corria dinheiro e os pagamentos se faziam em gado e generos; onde o monte dos inventarios dos maiores fazendeiros não passava

de duzentos mil reis — desprezou o grosseiro algodão para roçagar sedas e vestir galas, como nos attesta Frei Vicente.

D. Francisco fizera-se acompanhar de uma companhia de infantaria ao mando de Diogo Lopes de Castro, do engenheiro allemão Giraldo Betting, de Jaques Calte, perito mineiro tambem allemão, de Pedro Taques, seu secretario, de Antonio Coelho, escrivão da sua camara, de José Serrão, medico e cirurgião, além dos famulos e pessoal de serviço.

O seu primeiro acto foi permittir a todos, por provisão de 7 de Maio de 1559, tirar ouro.

E entram então os rudes paulistas, no campo irisado da miragem dos milhões. As poderosas bandeiras de André de Leão, em que tomou parte o hollandez Guilherme Glimmer, seu futuro chronista, cujo roteiro foi traçado por Derby na «Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo»; de Domingos Rodrigues, que, como nos mostra Washington Luis, andou por Paraupava, provavelmente o Paraopeba, affluente do S. Francisco; de Nicolau Barreto, que, com 300 homens brancos e dois capellães, attingio em 1603 o rio Paracatú, o maior affluente da margem esquerda do S. Francisco; estas e outras rasgaram de balde os sertões em busca das minas sonhadas. Mas a esphinge continuava cada vez mais cruel e homicida a guardar a porta dos thesouros e d. Francisco, o senhor poderoso, o fidalgo manirroto, duas vezes governador geral do Brasil, morria em S. Paulo na miseria!

A Serra Resplandecente, a fabulosa Itaberabussú, continuava implacavelmente sumida no espaço intermino; a Lagoa Dourada, a azul Vupabussú, escondia suas aguas no negrume do desconhecido.

Desilludidos, os bandeirantes espancaram por algum tempo dos seus espiritos a miragem tremenda. Os proprios indios convenceram-se de que um monstro ou um espirito cruel guardava o segredo dos thesouros e punia a quem sequer tentasse revelal-o.

FERNÃO DIAS E AS ESMERALDAS

Houve uma tregua na caça ao milhão, que foi substituida, na direcção do Paraná e do Paraguay, pela mais certa e mais lucrativa caça ao indio até o momento em que um paulista poderoso resolveu de novo quebrar o encanto da esphinge, em dias de 1674. Durante sete annos, methodicamente, perseverantemente, o velho Fernão Dias Paes Leme esqueceu a sua edade avançada e andou em busca da Vupabussú famosa e da sua serra do Sol na Terra; queria desquadrinhar os socavões onde Marcos de Azevedo, cerca de um seculo antes, achara as esmeraldas que apresentou a el-rei de Portugal. Com o titulo sonoro de *governador das esmeraldas*, varejou Fernão Dias o territorio hoje de Minas Geraes, fundou arraiaes, plantou roças; novo Brutus, puniu de morte a revolta de um filho; mas o Monstro o arrebatou, como a Gabriel Soares, em pleno sonho, á margem do Guaicuhy, attingido já mais de um seculo antes, pela expedição de Espinoso e do padre Aspilcueta.

Finou-se alli o heroe; mas, na phrase do poeta, o seu pe, como o de um deus fecundara o deserto; o seu admiravel sacrificio aplacou a gula da esphinge e redimiu a maldição que pesava sobre quantos tentassem devassar as riquezas das entranhas da terra. Estas se abriram aos herdeiros de Fernão Dias como as cem portas illuminadas de um Alhambra, cujas salas porfiam entre si de esplendor: as serras apojadas de ouro vasaram suas preciosas areias para os corregos e riachos; os leitos e os barrancos destes espalharam por centenas de leguas, a quem vinha exploral-os, os seus grãos luzentes e os milhões sonhados surgiram deveras num bailado que durou um seculo e ao terminar deixou ao Brasil uma obra gigantesca e imperecivel: as suas fronteiras dilatadas e seguras, o seu enorme territorio occupado de direito, a sua administração organisada.

O CURSO DO S. FRANCISCO

Em vez de nascer na Lagoa Dourada, que deixou o seu nome a um pequeno povoado, rico de ouro, a seis leguas de São João d'El-Rei, tem o S. Francisco suas fontes bem alto na serra da Canastra e correndo por esse planalto mineiro de cerca de mil metros de altitude, despenha-se no seu começo, formando a bellissima cachoeira da Casca d'Anta, que A. de Saint Hilaire visitou e descreveu, concordando com d'Eschwege em dar-lhe 203 metros de altura. Dahi segue num curso de cerca de seiscentas leguas até ao Oceano, atravessando quasi todo o Estado de Minas, todo o da Bahia, dividindo este do de Pernambuco e separando

Alagoas de Sergipe; recebe affluentes que permittem a communicação dos vastos sertões de Goyaz com a parte oriental do Brasil.

De Pirapóra até ao mar, numa extensão de 382 leguas, o seu curso foi levantado e descripto legua por legua pelo notavel engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfeld, em longo e minucioso trabalho feito por ordem do Governo Imperial durante os annos de 1852, 1853 e 1854, mas não vamos acompanhal-o, que fôra, para isso necessario um volume. E' este o rio por excellencia do sertão. Se no mundo se pode achar uma paisagem dantesca, nenhuma terá mais terrivel e atormentado aspecto do que a das setenta legoas encachoeiradas do rio, desde Boa Vista até Piranhas, epilogando na formidavel cachoeira de Paulo Affonso, onde a massa enorme das aguas se precipita de uma altura calculada por Halfeld em 365 palmos e o seu rebojo forma a temerosa furna dos Morcegos. Ahi é uma corrente infernal. Ninguem bebe nem se aproxima de suas aguas, apertadas e escondidas entre rochedos que attingem 200 metros de altura. De um lado e de outro a terra é sáfara, hostil, coberta de penedos errantes e nús. Os rios que por ahi passam têm os leitos seccos quasi todo o anno e o gado esqualido, como avantesmas, cerca, em tropas famintas, quem se debruça sobre aquelles alveos resequidos para abrir uma cacimba.

E' ahi que o indio collocava o enorme sumidouro onde se subvertia o rio e foi por ahi que, ha seculos, Paulo Affonso quiz fazer um estabelecimento, bem cedo transformado em tapéra, cujo nome persiste até agora.

O CABOCLO D'AGUA

(Lenda sertaneja)

Quando os tupinambás occupavam a região, em torno da Bahia, um chefe caçador, visinho dos brancos e conhecedor de sua linguagem, seduzido pelas festas, a musica e as pompas da cidade, resolveu abandonar sua tribu e a cabana de seus paes para ir viver entre os emboabas, ou homens de pernas calçadas.

Debalde os paes, já velhos e alquebrados, tentaram dissuadir do ingrato intento Guaripurú— tal o nome do moço indigena. Mas elle, que, como o passaro de que tirou o nome, gostava de viver sempre rodeado de outros, fez ouvidos amoucos aos conselhos do velho e ás supplicas enternecidas de sua mãe.

Um dia, quebrando o arco e as flechas, arrojou-os num rio que corria ao pé da taba, e partiu.

Seu pae e sua mãe, da porta baixa da «oca» selvagem, olharam demoradamente, com os olhos rasos de lagrimas, o filho que se distanciava; vendo-o desapparecer, entraram para o escuro da cabana e ahi acocorados, silentes, beberam suas lagrimas sem um queixume.

O rapaz seguiu pela margem do rio levando ao hombro apenas a sua rêde de tucum e um saquinho de matalotagem. Cansado de andar, já noite, armou a rêde nos galhos de uma jatobá e dormiu profundamente. Ao amanhecer, ouviu um canto singular, de voz humana.

Dar-se-ia que houvesse gente por ahi? Não era possivel. Aproximou-se de mansinho da beira do rio, afastando cuidadosamente os ramos para examinar de onde partia o canto.

Qual não foi o seu espanto quando se lhe deparou de pé, num rochedo ao meio da agua, esbatido dos primeiros raios do sol, um homem estranho, cujos cabellos muito negros lhe rolavam pelos hombros, a cantar, a cantar a mais dolente das canções?

Guaripurú viu, com os olhos esgazeados, na margem fronteira do rio uma lapa cujo interior faiscava, como se lá dentro houvesse um outro sol.

E a agua do rio era tão transparente que elle via os cardumes de peixes a darem de cauda e a areia amarella e brilhante como se por baixo della houvesse tambem um sol.

Guaripurú tomou todo o cuidado para não ser visto daquelle ente estranho, que devia ser «Uauyára», o pae dos peixes, aquelle cujas seducções as mais lindas moças da tribu temem quando vão banhar-se ao rio.

— Ah! pensou — é ahi a casa delle; é feita daquella pedra amarella que os brancos procuram com tanta fome; de grãozinhos amarellos é a areia do rio. Vou guardar bem o caminho e serei um chefe entre os brancos quando lhes apresentar lascas daquella pedra e grãos daquella areia.

Com tal idéa na mente, chegou Guaripurú á cidade. Não tardou muito a que elle, que tanto gostava de roda, tivesse em torno de si uma roda de indios conversos e de filhos de indias com brancos, os quaes falavam a sua linguagem, como tambem elle a dos brancos.

E a sua fama cresceu.

Dahi a pouco, Guaripurú, gentil e intrepido, querido e admirado, recebeu o baptismo tendo como padrinho o capitão-mór da cidade. Já então elle se vestia e armava-se como os filhos dos chefes brancos e era casquilho e taful em suas vestes como em suas armas.

Amigo de pelejas, conhecedor de manhas de guerra, mostrou seu valor em batalhas dos brancos contra outros brancos que vinham em alterosas náus do outro lado do mar.

Depois da victoria, galões de ouro lhe cingiram os punhos e plumas de cores lhe enfeitaram o chapéu.

Guaripurú transformava-se num official dos exercitos d'El-Rei, cujo nome christão, tomado do seu padrinho, o capitão-general, era Manuel Telles.

Realisara-se o seu sonho e era agora um chefe de brancos, a quem se ia confiar o commando de uma entrada para o sertão, em busca de ouro.

A expedição partiu; mas uma velha india que mostrava pelo moço chefe, desde os primeiros tempos de sua chegada entre os brancos, maternal affeição, prendeu-o nos braços no dia da partida, conjurando-o a não revelar aos caraibas de alémmar os segredos da Mãe de Ouro, pois seria implacavelmente punido com a morte.

Elle, que já tinha desprezado os conselhos dos paes, repelliu a velha e seguiu seu destino.

Com o seu faro de indio ia em busca da gruta luminosa, a cuja bocca vira o caboclo dagua, em dias distantes.

Ainda muito longe, uma tarde em que a tropa, acampada á beira de um rio, repousava, e a gente, recostada nos fardos, entoava cantilenas, o commandante desappareceu.

Por toda a parte o procuraram em vão. Alguem se lembrou de pôr uma vela accesa num cabaz e deixal-a fluctuar sobre o rio para, caso tivesse elle perecido nagua, a luz denunciar o ponto onde jazia o corpo.

Tal é a crença ainda agora no sertão e assim se fez.

Num perau escuro, junto ás raizes de uma gamelleira, o cabaz girou em torno de si mesmo e ficou como fixo no mesmo ponto.

Mergulhadores indios atiraram-se no poço e no meio do pranto e do clamor da tropa orphanada o corpo do chefe veiu á tona.

Um dos mergulhadores observou-o: faltavam os olhos, o nariz e a bocca naquelle rosto, antes tão varonil, ora mutilado e irreconhecivel.

— Ah! — disse o indio em tom profundo. Elle farejou, viu e contou.

O *Uauyara* matou-o.

E assim acabou o filho das florestas, que quiz revelar o segredo da mãe do ouro!

Março de 1915.

A capella da montanha
Algumas egrejas do Brasil e suas tradições

---

il-a, muito branca, no pincaro do monte, enquadrada no azul, pairando sobre o casario derramado pelas fraldas verdes qual branco armento em pastagem: é a «ermida da serra». em mil nomes diversos, não sei quantas invocações differentes, mas existe em toda a parte onde passou o christianismo, e sempre no alto, e quasi sempre pequenina e branca, emmoldurada no azul, pairando sobre o casario do povoado como a grande ave mystica da Saudade ou da Esperança!

Não ha cidade christan junto da qual não pouse, vestida ás vezes de neve ou velada de bruma, lavada de chuvas ou batida de sol, mas de longe e no alto, para onde possam volver e subir os olhares angustiados de cada um, nos infalliveis momentos de desgraça.

Quem do Norte ou do Sul demande a bahia de Todos os Santos, seguro e hospitaleiro abrigo aos navegantes, como aos forasteiros é o coração do povo da sua cidade, verá á esquerda, por entre as frondes do coqueiral sussurrante, a *egreja do Bomfim*, em amplo ninho de verdura, onde se arredondam as copas sombrosas da perfumada mangueira. Para lá sobe em peregrinação annual a colorida e rumorosa procissão das nossas panathenêas, onde se desdobram ao ar livre, em dansas, poesia e cantos, algumas das mais encantadoras tradições brasileiras.

Ao navegante que penetra nas aguas remansadas da donairosa Guanabara, tão serena e calma que os Descobridores a tomaram por um rio, d'onde lhe ficou o nome, depara-se á direita, sózinha no pincaro de seu monte, a *ermida da Boa Viagem*, adeantada pelo mar a dentro e sorrindo ao forasteiro como se lhe viesse ao encontro para apresentar-lhe duas filhas formosissimas, as praias das Flechas e do Icarahy.

De fronte e á esquerda, o forasteiro, já extatico deante do panorama desenrolado a seus olhos desde a barra, contempla no alto, pousada no seu outeiro, a *Capella da Gloria*, branca, moldurada de azul, sempiternamente exalçada pelo hymno das palmeiras afinado com o marulho das vagas.

Quando os possantes transatlanticos entestam arfantes com a barra de Santos e, vingada esta, deslisam deante do caes em aguas tão placidas que parecem oleosas, os passageiros, voltados para a cidade e a serra, demoram a vista no

cume do antigo morro de S. Januario, depois outeiro de Braz Cubas, onde se levanta a *Capella da Senhora de Monserrate*. E nessas paragens onde, desde a priméva descoberta, se decidiram tantas vezes os destinos do Brasil, a capellinha da montanha tão branca, emmoldurada no azul, entre a bruteza da serra ainda vestida da matta selvagem e a doçura do mar que suspira nas praias alvejantes, lá está para lembrar a fereza do indio dobrada ás aguas lustraes do baptismo, não pelo braço calçado de ferro com o guante do aventureiro ou do soldado, mas pela mão desarmada e emmagrecida do missionario.

E São Paulo, a gloriosa e opulenta São Paulo, cujo berço foi a capellinha de pau a pique e sapé de onde se aproximavam sem medo os cathecumenos bronzeados — porque ella não differia das choupanas de seus paes na taba selvagem — São Paulo tambem já teve as suas capellinhas da montanha, alvas, pairando no azul, com o beiral povoado de chilreantes andorinhas. Mas, a sua opulencia fel-a esquecer o seu passado, base unica da sua grandeza actual, renegar suas tradições, deslembrar a propria poesia das coisas, que é a alma da paisagem: demolições brutaes e reconstrucções grotescas quizeram supprimir aqui o caracter brasileiro e augusto dos velhos templos, julgados indignos de figurarem no meio do luxo do novo recinto urbano ou dos suburbios e delles expulsos como dos salões dos ricos soberbos os parentes pobres e mal vestidos.

Quantos de vós não vos lembraes da velha ermida de *Nossa Senhora do Ó*, reminiscencia da

vasta fazenda que alli tinha desde 1580, com mil indios de arco e flecha, ou guerreiros, o paulista e bandeirante Manuel Preto, vencedor do Guayra? Foi este, com sua mulher Agueda Rodrigues, o fundador da primitiva capella, que, sob a expressiva e consoladora invocação de *Senhora da Esperança,* deu origem á povoação de agora. Não ha muito, no alto da montanha, via-se ainda a velha egreja, dominando o amplo valle do Tieté e, ao longe, os campos da antiga Piratininga, com as linhas tradicionaes da nossa architectura sagrada. Pois bem! vêde-a hoje: estupida restauração tirou-lhe, com o cunho brasileiro, a suave e pristina belleza.

A EGREJA DO COLLEGIO

Onde está a velha *egreja do Collegio,* o verdadeiro Lar de São Paulo, segundo a accepção classica do termo na religião primitiva dos povos aryanos — o adyto sacrosanto onde se guardava o fogo sagrado, o altar dos Penates paulistas? Onde? Ha trezentos e sessenta e um annos — em Janeiro de 1554 — fundavam-n'a homens, moços e nobres, que se arrancaram com Ignacio de Loyola da corrupção e do luxo do seculo, repellindo os prazeres sensuaes da mocidade unida á opulencia, baixando os olhos diante de olhares fascinadores, fugindo aos beijos de bocas frescas, rubras e perfumadas — afim de se arrojarem ao Oceano em busca desta terra desconhecida e longinqua, para através, de mil perigos e de fadigas sem conta, num tempo, como o nosso, de carne e ouro, cuidarem de. almas!

Foi o alto de uma collina escarpada o logar propicio, em campos descortinados, onde podiam medrar as duas plantas por excellencia do europeu, o trigo e a vinha, bem como os frutos de além-mar.

Evoquemos a simpleza biblica desse quadro unico, pois não sei que outro povo poderá mostrar analogo, tendo a authenticidade do nosso: o nascimento, ou o Natal de uma Nação.

Num horizonte illuminado, varrido por ventos frescos, estendem-se os campos de Piratininga, em cuja vastidão as collinas emergem e afundam como vagas. A largueza e a doçura do ambiente, para quem vinha da baixada marinha, apertada e quente, vencendo o trilho alpestre do Cubatão, deu áquelles soldados de Jesus a impressão de uns Campos Elyseos, onde reinava a primavera eterna, com as suas aguas limpidas e abundantes, as suas sombras e os seus variados frutos. O rio Tamanduatehy e o ribeirão Anhangabahú, — formado este pela juncção de dois corregos na antiga ponte do Piques, o Moringuinho e o Tanque Reiuno, — cavaram seus leitos em angulo, deixando de permeio a collina, cujos flancos se erguem em muitos pontos a pique sobre o ribeirão e o rio. Entre as duas aguas, que correm, de sul a oeste, a primeira, pelo norte e noroeste, a segunda, a lombada da collina, facilmente defensavel por ficar a cavalleiro dos valles e campos em torno, recebeu os esteios toscos da primitiva «*capella do Collegio*», feita de taipa de mão e coberta de palha. No decorrer de seculos, tanto a capella como o collegio existiram nesse mesmo ponto que até nossos dias era designado pelo povo com o nome de «pateo do Collegio».

E como se o destino quizesse mostrar não ter havido solução de continuidade entre o Brasil de agora e o farrancho de meninos guayanazes e tamoyos reunidos ao ar livre, no alto da nossa acropole, em torno da negra estamenha do apostolo, a séde do governo de São Paulo continuou na casa do antigo collegio dos jesuitas: o palacio da cidade, de hoje, não é mais que o resultado de successivas transformações da «*casinha de palha*» de Joseph de Anchieta «*com uma esteira de cannas por porta em que moraram algum tempo bem apertados os irmãos...*»

Pela manhan vemos chegar á aula os meninos semi-nús, trazendo nas mãozinhas os cadernos que o bemaventurado Anchieta, na falta de livros, escreveu para cada um, em longas noites de vigilia e de fadiga. Seus paes trazem ainda arcos e flechas, mas vêm se approximando a pouco e pouco, desconfiados, comquanto já fascinados por esses homens vestidos de algodão negro que não têm como os outros o raio na mão e não acommettem com ferro, nem derramam sangue, nem torturam, nem devoram o vencido, mas falam mansamente de um mundo onde não é preciso arrostar, para viver, os perigos da caça, da pesca e da guerra. As choças vão se levantando ao longo da collina e, pela manhan, enchem-se os ares com a litania dos cathecumenos. As canções selvagens continuam ainda o seu rhythmo dolente e rude, mas a piedosa astucia do irmão Joseph, já senhor dos segredos da lingua indigena, conseguiu substituir a letra pagan e brutesca dos cantares gentilicos por suas proprias e suaves palavras.

As procissões passam com o labaro á frente, os cantos e as ceremonias attrahem concurso de gente das tabas distantes e a vida vae-se criando no deserto. De tarde sáem os irmãos para lenhar á beira dos rios e á ave-maria vêm subindo dos mattos com os feixes de lenha ás costas, pisando no chão com as alparcas que o irmão Joseph fabricára para defendel-os dos espinhos.

O irmão Domingos Pecorela, quando verificava que não havia o que comer — e isso acontecia frequentemente no principio, antes de poderem pıoduzir as primeiras roças — enfeitava de flôres e folhagens a cabeçada e os arreios do seu burrico, e lá se ia cantando alegremente pelas aldeias dos indios bravos. Com momices e ditos galantes na propria lingua do selvagem, arremedando animaes, contando historias, o servo de Deus conquistava a boa vontade do fero selvicola e o jumentinho do collegio voltava carregado de farinha, de caça do matto e de bananas — tudo recebido de esmola para alimento dos padres, dos seus discipulos e cathecumenos. O irmao Domingos, porém, que tinha mais pena do burrico que de si proprio, voltava a pé, por não sobrecarregar o pobre animal.

«*Muito tempo passaram grande fome e frio*», conta-nos Joseph de Anchieta; «*e comtudo proseguiram seu estudo com fervor, lendo ás vezes, a lição fóra ao frio, com o qual se haviam melhor que com o fumo dentro de casa.*»

Tal foi o Natal de São Paulo, a Natividade do Brasil. Mas onde a capella que assentada no morro do Tamanduatehy, durante mais de tres

seculos, foi a arca da alliança entre o Brasil selvagem e desconhecido, e a civilisação?

Emquanto por toda a parte, não só os monumentos do passado, mas os restos e as ruinas destes são piedosamente, maternalmente conservados, como, por exemplo, em Roma uns miseraveis vestigios da muralha urbana de Servio Tullio; emquanto os norte-americanos, tidos como os mais audazes e progressistas dentre os homens, reconhecem toda a belleza da architectura colonial hespanhola, ou néo-hespanhola da America, tão semelhante á nossa, e não só guardam amorosamente os seus monumentos, mas preferem nas construcções novas dos Estados outr'ora hespanhoes, como a California, esse estylo, aperfeiçoando-o e accommodando-o ás exigencias de agora; emquanto o proprio turco, no delirio assolador da victoria duramente conquistada sobre uma religião hostil á sua, respeitou e conserva ha perto de quinhentos annos, os templos gregos de Constantinopola, entre os quaes a famosa basilica de Santa Sophia — nós, por amor do novo, por vaidade boçal, para fazer symetria, deixamos que a picareta assassina reduza a pó as paredes que guardam a impressão secular dos gemidos, dos desesperos, das ancias, das dôres mudas, como tambem das alegrias, dos amores e esperanças das gerações de antanho!

E que poremos em logar dellas? Uma fraude, uma mentira de pedra, de tijolo ou de cimento armado, embora deslumbrante, pois só pomos copias vis de estranhas architecturas, que lembram outros céus, outros climas; copias feitas pelo

estrangeiro ignorante das nossas tradições e, portanto, sem a menor ternura por ellas, ou pelo mercenario que executa a encommenda — de egreja ou armazem, açougue ou circo!

Ah! como sentimos não estejam divulgadas entre nós as versões francezas da obra do philosopho excelso da Belleza, o sabio e philanthropo inglez Ruskin, que, nas «Sete Lampadas da Architectura», nas «Pedras de Veneza», na «Biblia de Amiens» e nas «Leituras sobre a Architectura e a Pintura», ensinou a essencia dessas artes e, principalmente, ensinou a amar as ingenuas manifestações do pensamento artistico dos primitivos.

Os monumentos são a linguagem, a fé e o sentir da sua época. A mão febril que moldou os monstros de expressão humana, os quaes, em forma de gargulas, se encontram entre os mais admiraveis pormenores das cathedraes gothicas, foi movida por quem acreditava naquelles monstros e exprimia um sentimento do proprio coração, ou uma crença da época. Assim, que sinceridade pode ter o copista, materialmente reproduzindo e tentando transplantar de longes terras para o nosso meio, uma forma estranha, que destôa por completo da nossa paisagem e do nosso ambiente? Não ha erro mais grosseiro, golpe mais brutal na arte e no bom gosto do que tentar aqui reproduzir, por exemplo, uma cathedral gothica, ou imitar uma só das estrophes desses poemas de pedra erguidos á Fé. Nenhum dos genios da Renascença, — tão posteriores aliás ás grandes cathedraes gothicas, quasi todas, como a Notre Dame de Pariz, do seculo XIII, — se lembrou de erigir ao céu azul

da Italia Meridional um templo gothico. Não nos recordamos de uma só egreja gothica de nota entre as tresentas e muitas de Roma. Bramante e Michel Angelo, os genios creadores da São Pedro de Roma, não projectaram um templo gothico, pois bem sabiam que as admiraveis linhas desse estylo requerem a meia luz, as tintas amortecidas dos céus pallidos, coadas através dos vitraes de cores vivas e produzindo em quem levante com fervor a sua prece nas amplas naves, sob as majestosas arcadas, a inenarravel impressão de subir suavemente ás alturas em azas de archanjos invisiveis.

Não seria sincero offerecer á divindade um monumento pago simplesmente com o nosso dinheiro, mas em cuja concepção o nosso sentimento não collaborou. Em tal offerenda, a simulação entraria como parte principal.

As nossas capellas, as nossas ermidas, poderiam ser pobres, mas eram as nossas; poderiam estar em desaccordo com a sumptuosidade dos nossos tempos e dos nossos costumes, mas a cidade tem espaço sufficiente para, sem destruir os raros monumentos verdadeiros do seu passado de pobreza, porém de gloria, erigir deslumbrantes edificios. O que nem todo o ouro dos nossos millionarios pode dar são os seculos de vida de um só dos nossos modestos templos destruidos; o que nenhum poder humano pode dar aos novos é a aureola suavissima de tradições, de saudades, de recordações, que circumdava os desapparecidos.

Estes foram fabricados com o mourejar de centenas de crentes que vinham trazer-lhes, — num feixe de caibros ou de ripas, ou numa pedra,

carregados aos hombros pelas asperas ladeiras; numa gamella de areia, num esteio arrastado em zorra, numa carrada de madeira puxada por bois tirados, só para isso, de suas lavouras, -- o obulo de trabalho, regado com os suores e as lagrimas dos desvalidos!

De certo porisso, as minhas maiores emoções christans não me vieram dos esplendidos templos do Velho Mundo que a curiosidade de forasteiro me tem levado a percorrer, mas das brancas ermidas de minha terra, pequeninas, molduradas de azul; das capellinhas rusticas dos logarejos, cujo ouro são os raios do sol, cujo colorido é o do arco-iris, cujos porticos são as palmeiras, cuja musica mais suave é a dos passarinhos nas frondes do arvoredo.

A ERMIDA DA PIEDADE

E nenhuma é tão suggestiva, nenhuma é tão impressionadora como a que talvez mais alto pouse em terra brazileira — a *ermida da Piedade*, na esplanada que chanfra o cocuruto da serra do mesmo nome, visivel da nova capital mineira. Ergue-se a perto de dois mil metros sobre o nivel do mar, num agglomerado titanico de penhascos de ferro. Um traço apenas, raspado na epiderme da rocha pelos pés dos caminheiros peregrinos, conduz ao topo onde está o santuario, em cuja base, muito em baixo, no flanco da montanha, negros e ponteagudos penedos ouriçam as arestas como castellos roqueiros, levantados expressamente por um poder sobrehumano para a defesa daquella

solidão. E' talvez esta a "Serra do Sol na Terra" ou Resplandecente dos indios, no dizer dos velhos chronistas. Pelo menos coube á primeira povoação que junto della se ergueu o seu nome fascinador — "*Itaberaba-ussu*'", Grande Serra Brilhante, transformado com o tempo no *Sabará* de agora.

Eremitas desilludidos do mundo plantaram lá a ermida, construindo ao lado desta um hospicio para abrigo de quem quizesse fugir ao bulicio do seculo para viver em commercio constante com os espiritos do ermo. O seu architecto foi um compassivo portuguez, provavelmente natural de Braga, de onde tomou o appellido de Bracarena, com que figurou como empreiteiro da construcção do Corpo da Matriz do Caeté, admiravel edificio levantado sob a protecção de El-rei d. José, na antiga Villa Nova da Rainha, hoje cidade do Caeté.

A ermida lá está absolutamente só, escondida nas alturas, de onde se descortina um dos mais vastos e bellos scenarios que é dado vêr ao olhar humano. Reina em torno a mais completa solidão. É a Torre do Silencio. Nenhum ente humano vive alli, mas as suas portas, as suas alfaias, as suas imagens, os seus altares, estão franqueados ao peregrino que alli penetra sob o olhar pesquisador de um guarda terrivel — o Silencio. Seguido por elle, rodeado por elle, traspassado por elle, ouve o peregrino as suas falas persuasivas no som confuso dos ventos que passam ou no inomeavel rumorejo da vida invisivel. Elle comprehende todos os mysterios do coração e fala ás penas, aos odios, ás alegrias, aos desesperos, ás ambições, aos orgulhos. Ide ouvir as falas persuasivas do Silencio.

Ás penas, diz:

Consolae-vos; olhae em torno de vós: sobre a escama escura daquelle penedo uma flôr sorri. Pois bem! a alegria sorrirá ainda á vossa dôr!

Aos odios, diz:

Sêde mansos; tentae comprehender primeiro aquillo que odiaes e vereis o vosso erro. Esta montanha é aspera, estes penhascos iracundos e as suas lapas escuras deram e dão abrigo a desventurados.

Ás alegrias, diz:

Não vos illudaes. Ha pouco ainda o horizonte se rasgava illuminado a vossos pés, e agora a neblina esvoaçando em torno da montanha tapou de todo a luz.

Aos desesperos, diz:

Esperae. Ficae aqui para verdes o nascer da aurora e sentireis a aurora no vosso coração. Tocae aquelle rochedo horrendo; na epiderme durissima e secca nada penetra. Entretanto as brisas vêm trazendo nas azas invisivel poeira, que assenta alli. E vem o pollen, e vem o lichen, e a verdura cobre o monstro: as flores do mais delicado matiz desabrocham na rijeza da pedra. Porque não desabrochará, pois, em vossa vida, a ventura sonhada?

Ás ambições, diz:

Soffreae a carreira dos vossos incontinentes desejos e desmedidas aspirações. Considerae o espaço immenso a vossos pés e sobre vossa cabeça. Vossos minusculos braços não alcançam, sequer, abertos os dois umbraes da porta principal desta pobre ermida e quereis abarcar um colosso!

As pedras que aqui vêdes têm assistido indifferentes ao transcorrer de millenios, durante os quaes poderes por vós ignorados fizeram revoluções sideraes; e junto destas um cataclysma do nosso planeta seria um episodio, apenas. Deante disso, que sois vós? Nem o atomo de um atomo.

E aos orgulhos, diz:

Curvae a cabeça: vossos pobres olhos humanos não podem sequer encarar de face o sol morrente. Tentae transpôr as alturas: vossos maravilhosos engenhos não chegam para carregar-vos além da tenue camada atmospherica, afim de, penetrando no páramo, conhecerdes a composição do Ether. Àtomo que sois, tendes um logar na natureza e esse não perdereis até a consummação dos seculos. Mas só valeis como elo minimo da eterna cadeia e como elo não valeis mais do que outro.

É, porém, vão esforço tentar exprimir o que diz o Silencio, cujo olhar prescrutador, consciente e profundo vos acompanha como o dos retratos antigos nas galerias abandonadas dos palacios. E elle vos mede e vos julga, vos premeia ou pune; e quando vos desprendeis do seu ambiente para recahirdes no arruido de vida exterior, sentis dentro em vós alguma coisa de novo: aprendestes a conhecer-vos a vós mesmos.

EGREJAS DO CAETE'

Desçamos da montanha sagrada e percorramos as egrejas da primeira povoação onde chegou de São Paulo, para tomar conta de seu cargo, o

conspícuo varão Antonio de Alburquerque, primeiro governador da nova capitania de São Paulo e Minas, creada independente da do Rio de Janeiro, na era de 1709, pouco depois da terrivel guerra dos emboabas, onde a lealdade paulista soffreu a rude prova do Capão da Traição e o sangue nobre dos filhos de Piratininga tingiu e baptisou o *rio das Mortes.*

A primeira capella que encontramos no caminho é a da Penha, no arraial do seu nome, antes de baixarmos á cidade. A sua historia é a do ouro abundante das faisqueiras, que se esgotaram. Desse ouro sahiu a somma de quarenta mil cruzados com que um amigo da musica sacra, fallecido naquellas fragas, proveu á sustentação de um orgam da egreja de S. Pedro, no Rio de Janeiro.

Chegando ao valle, depara-se-nos no alto de uma collina, com o seu cemiterio branco, onde agora se destaca o tumulo de João Pinheiro, a graciosa ermida bandeirante "do Rosario", em cujo adro rompeu a luta entre paulistas e forasteiros, movimento precursor da independencia do Brasil. Foi ella a primeira matriz de Caeté, em cuja nave se passou entre uma confitente e o vigario o drama que deu origem á fundação da matriz actual, um dentre os mais bellos templos do Brasil.

Mais alto, sobre a collina que confronta com a matriz, a capellinha de "Santa Fructuosa". Durante mais de um seculo esteve incompleta, dando origem á crença de que a Santa, offendida com a indifferença dos habitantes, condemnou a então villa a viver em profundo atrazo emquanto se lhe não erigisse a capella.

João Pinheiro, o saudoso estadista roubado á patria por prematura morte, ouviu a supplica trazida pela tradição e concluiu a capella. Pouco tempo depois a linha de ferro cortava a antiga e esquecida "Villa Nova da Rainha"

A matriz, cuja traça veiu de Portugal, de quem conhecia deveras a nossa tradicional architectura sagrada, é um dos mais elegantes padrões desse nobre estylo. A sua fundação foi um acontecimento, em que tomou parte a côrte de d. José e El-Rei mesmo, devido ás circumstancias que a precederam.

No periodo mais fertil da mineração, era o padre dr. Henrique Pereira, homem virtuoso e instruido, ainda na força da edade, vigário de Villa Nova da Rainha, onde viviam abastados mineiros, possuidores de ricas lavras e grossa escravatura. Entre esses ricaços havia um, de caracter sombrio e taciturno, chefe de numerosa familia, de quem era elle o terror, pela severidade excessiva dos castigos ás menores faltas.

Querendo lêr o pensamento no semblante da mulher e das filhas, obrigava-as a confessarem-se nos periodos proprios e escondia-se na egreja, em ponto de onde pudesse, de olhos fitos, acompanhar os movimentos do rosto das confitentes. Deste modo certificava-se de haver ou não peccado grave, pois quando o houvesse a absolvição não podia ser immediata e a confitente não teria logo a graça da communhão.

Uma das vezes em que o soturno mineiro vigiava de longe a confissão da mais linda de suas filhas, levanta-se esta precipitadamente do confis-

sionario e, prorompendo em exclamações entrecortadas de lagrimas, accusa o confessor de a ter solicitado!

O que se seguiu, para o dr. Henrique Pereira, foi um horror, do qual a parte mais suave foi a prisão do padre e a sua remessa para o Reino, de baixo de ferros.

A filha do mineiro, illudindo com a fina astucia do sexo a feroz vigilancia paterna, perdera-se de amores por um rapagão ousado, cavalleiro destemido, cujas proezas tivera occasião de presenciar em festas de cavalhadas.

Não occultou o peccado ao confessor, mas exorou-lhe com lagrimas a absolvição immediata, afim de não despertar a suspeita do seu cerbéro de pae. Negando-se a isso o vigario, ameaçou-o com um escandalo. Persistindo elle na negativa, poz em pratica a ameaça, seguindo-se-lhe, no seio do povo, um abalo cujas vibrações a tradição transmittiu aos tempos de agora.

Resignado e compassivo, o vigario soffreu tudo com a mais silenciosa constancia, sem revelar o segredo da confissão. Foi em taes conjuncturas que fez o voto de erguer um grande templo á Virgem quando apparecesse a sua innocencia.

Succedeu que a moça accusadora não gosasse por muito tempo da tranquillidade do crime impune. Molestia aguda prostrou-a no leito, onde a veiu surprehender o remorso. Peiorando e vendo-se em artigo de morte, chamou outro confessor e fez perante este confissão publica, tomada por termo, á vista de testemunhas, da qual sahiu immaculada e mais brilhante do que nunca a fama do padre Henrique.

Esta confissão, remettida para o Reino, livrou dos ferros o constante sacerdote, que dalli mesmo sahiu a pedir esmola para perpetuar o milagre da Virgem da sua devoção. Não tardou a embarcar para cá, trazendo a planta do futuro templo, alguns artistas contratados e a somma colligida para a construcção, somma na qual entrou forte contribuição do bolsinho de El-Rei.

E assim se ergueu o majestoso templo. A sua inauguração foi solennisada com pomposas festas, cujos écos chegaram até nossos dias.

No tecto da sacristia, a pintura perpetuou a historia da nova egreja, pondo em destaque a figura ascetica de S. João Nepomuceno, com a lingua cortada por ter-se recusado a revelar um segredo de confissão

A EGREJA DA GRAÇA

Quem percorreu os prodromos da historia do Brasil e topou desde logo com a figura lendaria do Caramurú, não desconhece por certo o modesto e tradicional templo que para nós representa com a egreja do Castello, do Rio de Janeiro, e a nossa, do Collegio, hoje apagada, o *grande triptyco da Historia do Brasil.* Queremos falar da *egreja da Graça,* da Capital da Bahia, que, além de disputar a honra de ser a mais antiga do Brasil, deve a sua fundação á primeira heroina brasileira, a india Paraguassú, esposa legitima de Diogo Alvares Corrêa, o Caramurú, a quem sobreviveu por mais de vinte annos, marido e mulher considerados fundadores da gloriosa metropole brasileira. O

tumulo de Paraguassú, decantada por nossos poetas, protagonista da epopéa de Santa Rita Durão, lá está na egrejinha da Graça, authenticamente reconhecido e indicado ao visitante pela inscripção.

Tambem esta fundação é precedida, como a do Caeté, de poetica tradição.

Quando andava com o marido ajudando o primeiro governador geral do Brasil, no meiado do seculo XVI, a fundar a antiga e gloriosa capital, acertou Catharina Alvares de ter, acordada ou dormindo, singular visão: desconhecida mulher, com desconhecidas feições, achava-se em grave risco entre os indios ferozes e concitava Paraguassú a que a salvasse e lhe desse um abrigo na villa nascente.

Aconteceu que no mesmo tempo naufragava uma nau nos recifes da barra, e, como tantas vezes succedeu então, os miseros naufragos escaparam das ondas para correrem um perigo mais terrivel — o de cahirem nas mãos do gentio anthropophago.

Ao saber do naufragio, pensando na sua desconhecida, fez Catharina o marido seguir á pressa, em soccorro dos naufragos para defendel-os dos selvagens. Diogo Alvares foi, e ao tornar, interrogado anciosamente pela esposa, não lhe deu noticia de mulher alguma escapa do naufragio.

Não contente com esse resultado, Catharina Paraguassú fez o marido, por duas vezes mais, voltar á praia, junto á qual emergiam os restos da galera naufragada, e percorrer as visinhas aldeias do gentio a vêr se encontrava a desconhecida.

Da ultima vez, passando pelo tijupar de um tupinambá relanceou num canto uma imagem, cuja cabeça o indio se preparava para esmigalhar. Arrebatou-lh'a das mãos e correu para casa, trazendo-a apertada contra o seio.

Qual não é o espanto de Paraguassú quando reconhece na imagem arrebatada as exactas feições da desconhecida da sua visão?!

No mesmo instante tomou Catharina o proposito de fazer-lhe um abrigo, como pedia na visão, e começou a erigir-lhe a capella que é hoje a *egreja da Graça*, da Bahia.

NOSSA SENHORA DO O'

Em mais de um ponto do Brasil existem capellas ou egrejas sob a invocação da "Senhora do O'", por causa da festa do mesmo nome. Que significa essa invocação? Representa uma das mais antigas tradições da nossa raça, contemporanea do dominio dos wisigodos nas Hespanhas, visto como tal festa foi instituida pelo concilio de Toledo, do anno de 656 da nossa éra. Chamou-se então, como até nossos dias, "Festa da Expectação", porque se celebra nos sete dias que precedem o nascimento de Jesus Christo, ou o Natal, durante os quaes se espera a vinda do Redemptor. E como em cada um desses dias se cantam as sete antiphonas, que todas principiam por "O'" como suspirando, — segundo ensina frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no seu preciosissimo "Elucidario" dos termos antigos, — succedeu que a festa ficasse chamando do "Ó" e o mesmo nome se applicasse

ainda ás merendas e beberetes offerecidos ao povo, segundo era costume, pelas cathedraes, mosteiros e collegiadas na semana precedente ao Natal. Quem diz, pois, "festa do O' ", diz o mesmo que festa da expectação ou da esperança; e a Senhora do O' não é outra senão a Virgem da Esperança.

Isto, porém, quanto á significação do termo, porque uma tradição das mais bellas, já recolhida com filial ternura por Mello Moraes Filho, doura esta mesma invocação no Brasil.

Entre os esforçados capitães que quizeram seguir a sorte do jovem governador Estacio de Sá na sua missão duplamente arriscada de fundar a cidade do Rio de Janeiro e expellir de lá os francezes, figuram dois, separados por tremenda rivalidade, nas aras do mesmo amor.

Ambos portugezes, ambos moços e fidalgos, deixaram solares, familia e amigos para virem aqui buscar, nas solidões dos tropicos, a conquista de dois fins oppostos: um, a vida e o futuro; outro, a morte e o esquecimento. Um delles, recem-casado com uma joven de peregrina belleza a quem amava e de quem não era correspondido, veiu esconder nestes ermos a sua joia, na esperança de quebrantar-lhe a frieza com a vida a sós, de um exclusivamente para outro, apartados que estavam de tudo quanto lhes sorria no velho mundo. O outro, solteiro, a quem se arrancara a ventura sonhada; encerrado, por méro capricho de familia, no silencio de um claustro, quando amava e era amado, viu, como no velho conto italiano, que só o tumulo poderia reunir dois entes separados por um destino

atroz; deliberou então deixar o claustro e vir buscar, de accordo com a nobreza de seu sangue, no ardor das refregas, a morte digna do nome dos seus antepassados.

Um capricho da sorte reuniu na mesma fragil caravella sobre os abysmos do Atlantico os dois que desejariam entre si a extensão do Sahara; e junto delles collocou a mulher, a mesma mulher, amada ardentemente por ambos, e já esposa, mas esposa forçada do homem a quem detestava, justamente por ser delle requestada quando amava a outro.

A viagem através do Oceano foi para os tres um supplicio dantesco. Não se viram mais desde o primeiro e dramatico encontro, mas sentiam-se, e o trabalho de se evitarem era mais terrivel do que a mais odiosa das presenças, visto como era em si mesmo a presença, mas a presença impalpavel, intangivel, inevitavel e afeiada pela imaginação.

Permittiu-lhes o fadario que a caravella chegasse a salvamento á Bahia de onde, logo depois, partia de novo o casal em busca de outro esconderijo, nas margens da formosa Guanabara, onde se estavam distribuindo, por quem tivesse qualidade e força para povoar a região, ricas sesmarias de terra.

Emquanto o casal se estabelecia nas immediações da nova cidade que Estacio de Sá fundara em 1565 e a cuja fundação dedicou a vida, o fidalgo fugitivo do claustro fazia pião na Bahia, a séde do governo central de então, para dahi tomar parte em todas as expedições arriscadas que se armavam contra corsarios atrevidos ou contra o gentio temeroso.

Quando foi a armada de soccorro a Estacio de Sá, para dar-se a ultima e sangrenta investida contra os destemidos colonos da França Antarctica, fortificados, francezes e indios seus aliados, em Uruçumirim e na grande ilha chamada mais tarde do Governador, o nosso fidalgo solitario acompanhou ao Rio de Janeiro a expedição, esperando a suspirada morte nas refregas.

Alli, a vida que tantas vezes e tão prodigamente expunha, só por grande milagre não se perdeu.

No formidavel assalto contra o forte de Uruçumirim, construido no alto do morro onde hoje demora a ermida da Gloria, ficaram por terra muitos corpos de christãos. Um velho frade que andava no trabalho piedoso de recolher os mortos para dar-lhes sepultura em terreno sagrado, na primeira capellinha da chamada posteriormente Villa Velha, perto do Pão de Assucar, notou que respirava ainda um moço guerreiro, cuja varonil belleza as horriveis feridas do prelio não tinham apagado. Levou-o então para a sua cabana, onde, em longos dias de desvelada assistencia, poude chamal-o de novo á vida.

No angulo dessa cabana, uma candeia bruxoleante allumiava uma imagem: era a "Virgem da Esperança".

E quando o ferido poude erguer-se do girau tosco, onde tantos dias jouvera, seu primeiro movimento foi de gratidão para o velho frade, cuja mão apertava com força, procurando beijal-a entre lagrimas. Este porém, retirando mansamente a dextra, apontou em silencio para a imagem.

O ferido, esqualido de soffrimento, ergueu-se então; e como que transfigurado, estendeu tambem a mão direita, mas para fazer, numa explosão de fé, o juramento de votar-se de corpo e alma, para sempre, ao serviço da "Dama Divina" cujo amor o salvara, emquanto o amor da dama terrena quasi o perdera.

Pouco tempo depois, da choupana do frade de Villa Velha, sahia ao lado deste, arrimado a um bordão e vestido de negro burel, um eremita, no qual se convertera o fidalgo de cota de armas e emplumado elmo.

O novo eremita sahia a mendigar donativos para erguer do chão a morada da dama unica dos seus pensamentos de agora — A VIRGEM DA ESPERANÇA.

O primeiro passo era obter o terreno e nenhum parecia tão adequado quanto a varzea vestida de verdura e sonorisada de cantos, entre dois montes fronteiros junto a uma praia alvissima. Quem seria o dono? Facil foi descobril-o na formosa e triste viuva de nobre official cahido ao lado de Estacio de Sá no terrivel assaltos ao reducto do Maracaiá.

Eis, pois, o nosso eremita a caminho da casa da viuva, chèio de religioso ardor, a supplicar-lhe a esmola daquelle terreno, para a edificação da Capella da Senhora do O' ou da Esperança.

O fado cruel reservava ainda para o ex-cavalleiro o mais furioso dos combates e para o novo ermita a mais pungente das provações: a mulher que para elle se adeantou em trajes de dó, cujas sombrias côres lhe davam a alma belleza, o toque suavissimo de alanceada Madona, era a sua sobre todas amada de outróra!

De pé, uma em frente do outro, fitaram-se em silencio. E naquelle olhar e naquelle silencio vasou-se-lhes, em tal instante, a synthese suprema da Vida, da suprema esperança á suprema saudade!

Nesta mesma noite, uma lanterna fincada num poste indicava o local da futura egreja.

Abril de 1915.

O culto de Maria nos costumes, na tradição e na historia do Brasil

---

ais do que nos monumentos de granito e nas estatuas rasgadas nos marmores preciosos ou vasadas nos metaes finos, resplandece o culto de Maria na linguagem popular do Brasil.

No gasalhado do lar, ao borborinho manso da conversação caseira; no vozear das ruas; no ramerrão das lavouras; nas marchas monotonas pelo escampado; na labutação das officinas; no singrar dos barcos ao sabor do vento ou á força de braços — onde quer que palpite uma alma brasileira embalada pela Esperança, estortegada de cuidados, afogada em tristezas ou transportada de alegria, o doce nome de Maria sôa qual musica divina numa exclamação topica, numa interjeição fremente ou num desabafo maguado.

Traduzindo esta profunda influencia sobre as almas, os usos e costumes estão cheios de manifestações do culto da Virgem no seio do povo brasileiro. Cada familia nossa tem, com raras excepções, uma ou muitas Marias. Familias ha que não empregam outro prenome, combinando-o com um segundo para differençar.

Assim, Maria Agostinha, Maria Amelia, Maria Antonia, Maria Antonietta, Maria Augusta, Maria Benedicta, Maria Candida, Maria Christina, Maria do Carmo, das Dores, Maria Emilia, Maria Eugenia, Maria Flora, Maria Gabriella, Maria da Gloria, Maria Helena, Maria Hortencia, Maria Ignacia, Maria Joanna, Maria Luiza todo o alphabeto emfim, em mil combinações varias, realçadas pelo nome suavissimo que lembra os accordes das harpas biblicas, dos alaúdes ou dos psalterios e embalsama os ares como as rosas de Jericó ou os aloés das Indias.

Elle apparece pela primeira vez na Escriptura designando aquella fina e dedicada irman de Moysés, que ficou de espreita entre os juncos do Nilo quando se lançou ao rio, á hora do banho da filha do pharaó, o berçozinho do futuro libertador do povo hebreu. Foi ella quem, vendo o berçozinho recolhido, de ordem da princeza, pelas aias desta, correu a offerecer-lhe, para a ama do infante transformado naquelle instante em pupillo régio, uma hebréa, que era a mãe deste e a sua propria.

É incerta e obscura a etymologia do nome de Maria, que, parece, tem algo do mar. Com effeito S. Jeronymo, no seu «Onomasticon». cha-

ma-lhe «Stella Maris», estrella do mar, porque «maor» ou «mor» quer dizer luzir, allumiar. O benedictino D. Agostino Calmet consigna seis etymologias hebraicas do nome de Maria: de «Miriam» ou «Mirjam», elevada, exalçada; de «marar». e «jam», amargor do mar; de «marar». palavra syriaca significando senhora ou rainha do mar; de «mor», myrrha ou ambar do mar, etc....

A Biblia fala pouco de Maria. O Novo Testamento contém apenas umas cem linhas sobre a Virgem, a mór parte das quaes nos dois primeiros capitulos do Evangelho de S. Lucas. O Evangelho de S. Matheus contém uma narração mais concisa ainda. Os Evangelhos de S. João e de S. Marcos alludem apenas á Virgem nas bodas de Caná e no Calvario, aos pés da cruz. Onde vamos encontrar toda a lenda de Maria é nos «Apocryphos», conhecidos e vulgarisados sómente depois dos tres primeiros seculos da era christan. Tal, por exemplo, no «Protevangelium Jacobi»; no «Evangelium pseudo-Mathei, sive liber de ortu beatæ Mariæ et infantia Salvatoris»; no «Evangelium de Nativitate Sanctae Mariae»; na «Historia Josephi», etc.

Esse culto, pois, é tão posterior ao de Christo que foi sómente no anno de 431 da nossa era que o Concilio Ecumenico de Epheso, para acabar duvidas de interpretações e apagar contendas de seitas, deu a Maria o nome de «Mãe de Deus» E foi sómente nos nossos dias que, sob o pontificado de Pio IX, o Concilio do Vaticano proclamou o dogma da Immaculada Conceição.

Mas em nenhuma das religiões ou seitas pelas quaes a humanidade exprime a sua superna concepção do mundo; em nenhuma das deusas do paganismo greco-romano cujo culto a erudição, a arte e a poesia prolongaram até nós — encontramos coisa analoga ao culto da Virgem entre os catholicos do Velho e do Novo Mundo, especialmente na parte deste cuja costa, estendida para o Sul ao brilho do Cruzeiro, seu symbolo na historia, arredonda e apoja no mar o seu litoral alcantilado, sobre o qual as capellas da Virgem se encadeiam e engastam de norte a sul como sobre o largo peito de um grão-mestre o supremo collar da sua ordem.

Em cada angra, em cada bahia, em cada promontorio, que domine o mar, lá está a branca ave mystica mirando o infinito. Chama-se N. S. de Nazareth, no Pará; da Graça, na Bahia; da Penha, no Espirito Santo; da Boa Viagem ou da Gloria, no Rio de Janeiro; de Monserrate, em Santos; da Assumpção, em S. Vicente, desapparecida ha mais de tres seculos: da Conceição, em Itanhaem — para falar somente de algumas dentre as mais antigas capellas do Brasil — as casas de Maria surgem do solo brasileiro, medram e desabrocham como as flores mais opulentas, de mais delicado matiz e fino aroma, dos seus campos e florestas.

Nesse culto está o ideal, a pura essencia do feminismo. Nelle está o amor, como a castidade; nelle a modestia, a obediencia, a humildade, a resignação; a suprema dor e o supremo triumpho; o sorriso, que é a flor aromal da lagrima, e a

lagrima, a raiz profunda do sorriso. Nelle, a ventura virginal da noiva ao ouvir a primeira e esperada confissão de amor; a ternura maternal da mulher ás primeiras manifestações da intelligencia do filho. Nelle se concentra a fé incorrupta, nelle se tira a extrema força da fraqueza extrema; nelle se requintam a meiguice e o carinho; nelle pompeia a belleza physica no mais encantador dos seus aspectos femininos, desde o suave rubor das faces ao fulgor do olhar, do passo macio á fronte erecta, da finura dos artelhos ao esplendor dos cabellos. Nelle se encerra e por elle se exprime o ideal superior da mulher ideal: a mãe ideal, a filha ideal, a esposa ideal, a companheira que todos os corações aspiram e buscam peregrinando pelo mundo. E em toda a mulher, ainda na mais repugnante e na mais miseravel, Maria viveu, Maria passou ao menos um fugaz momento, aquelle em que a innocencia, curiosa e confusa á explosão da adolescencia, enrubece e se recolhe e cala e sonha á primeira certeza, como a Virgem ao «Ave» do Archanjo Mensageiro.

E nenhuma das mais desventuradas deixou de merecer, ao menos nesse instante, a eterna saudação que é o hymno eterno de gloria á mulher:

Ave, Maria, «cheia de graça»!

Mas, não! não só nesse momento fugitivo, mas em tantos outros, pelos quaes todas, boas ou más, altivas ou humildes, formosas ou hediondas, opulentas ou miseraveis — todas as mulheres já têm passado ou passarão; nas horas tragicas em

que o pobre corpo enfermo se estorce nas crispações da dor; em que a morte sella o ultimo suspiro nos labios do filho amado; em que a lagrima, aflorando aos olhos, vem do fundo de um coração alanceado — Maria pousou, Maria viveu, Maria estremece no seio da mulher amargurada!

Quantas não terão tido a hora terrivel, na qual poderiam chegar á porta da rua e conclamar aos transeuntes indifferentes as gemedoras palavras de filha de Jerusalém «ó vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus!» O vós que passsaes pela estrada, vinde ver se ha dor egual á minha!

Maria está no coração de quem assim soffre, Maria chora pelos olhos de quem assim chora, porque todo o soffrimento, como toda a alegria, toda a innocencia, toda a candura, todo o nobre movimento de sinceridade, até a revolta e a indignação contra a maldade e a injustiça, tudo quanto ha de são e puro no coração da mulher tudo é Maria, vem de Maria, representa Maria, se exprime por Maria, adora-se em Maria!

OS SANCTUARIOS DA VIRGEM

Assim, pois, é natural que o numero de sanctuarios erguidos a Maria em territorio brasileiro já grande ha dois seculos, — segundo a relação que delles faz frei Miguel de S. Francisco, seguido por frei Agostinho de Santa Maria, no seu precioso «Sanctuario Mariano». em dez volumes, dados á

estampa em Lisboa, o ultimo em 1723, — augmente cada vez mais com o adensamento da população em terra brasileira.

Cada uma dessas antigas casas de Maria tem a sua historia edificante. Só ás que existiam no seu tempo, em nosso paiz, o piedoso frei Agostinho, escrevendo ha duzentos annos, consagrou o melhor de dois volumes, os ultimos da sua vasta obra. Se procurarmos na sua enumeração as ermidas, capellas e egrejas de Maria levantadas de dois seculos para traz no territorio que forma hoje o Estado de S. Paulo, já encontramos 42, existentes no anno de 1714, ao longo da costa e serra acima. Eil-as : N. S. da Conceição, matriz de Ubatuba ; N. S. do Amparo, da villa de S. Sebastião; N. S. das Candeias, da ilha de S. Sebastião; N. S. do Carmo, da fazenda do Guajacá, junto á barra de S. Sebastião; N. S. da Conceição, de Bujussucanga; N. S. do Desterro no convento benedictino da villa de Santos; N. S. do Monserrate, do sitio da Vigia em Santos; N. S. da Graça, tambem de Santos; N. S. da Biritioga, em frente á fortaleza do mesmo nome; N. S. da Assumpção ou da Praia, destruida pelo mar, em S. Vicente; N. S. da Conceição, de Itanhaem; N. S. das Neves, de Iguape — todas estas na marinha. Serra acima, a relação inclue: N. S. do Carmo, no respectivo convento, em S. Paulo; N. S. da Luz, em S. Paulo; N. S. da Penha, no sitio do mesmo nome, municipio de S. Paulo; N. S. do Ó, na freguezia do mesmo nome, junto a S. Paulo; N. S. dos Pinheiros, no local desse nome, vizinho de S. Paulo; N. S. da Conceição, a cerca de 5 leguas de S. Paulo; N. S. da Escada, da aldeia

de Maruiri ou Baruery; N. S. do Monserrate, da Cotia; N. S. da Ajuda, de Itaquaquecetuba; N. S. de Nazareth, da Atibaia; N. S. do Desterro e N. S. do Bom Successo, ambas de Juquery; N. S. do Desterro, do Conventinho de S. Bento, em Parnahyba; N. S. da Penha, de Araçariguama; N. S. da Conceição, da fazenda do padre Guilherme Pompeu de Almeida; N. S. das Candeias, de Itú; N. S. do Monserrate e N. S. do Desterro, duas ermidas em duas fazendas sitas no caminho de Itú para Sorocaba; N. S. da Ponte, matriz da villa de Sorocaba; N. S. do Carmo, da villa de Mogy das Cruzes; N. S. da Ajuda, do Porto das Laranjeiras, no Parahyba, a 5 leguas de Mogy; N. S. da Conceição, de Jacarehy; N. S. da Ajuda, de Caçapava; N. S. da Conceição, de Tremembé; N. S. do Bom Successo, matriz de Pindamonhangaba; N. S. da Piedade, da aldeia de Guaypacaré, junto a villa criada no sitio chamado das garças, ou, em lingua brasi ica, Guaratinguetá.

Esta enumeração tem grande importancia historica porque indica as povoações existentes ha dois seculos, mostrando como se fez esse povoamento e o consequente desenvolvimento deste trecho privilegiado da terra brasileira.

Na lista não figuram naturalmente as egrejas dos territorios então pertencentes a S. Paulo e mais tarde desmembrados delle como Paraná, Santa Catharina, Rio Grande, Goyaz, Mato Grosso, Minas, que já tinham tambem erguido os seus sanctuarios a Maria.

Minas, principalmente, é riquissima em templos exactamente dessa época, erectos nos dez

primeiros annos do seculo XVIII em Villa Rica do Pilar, hoje Ouro Preto, Sabará, Caeté, S. João e S. José d'El-rei, Pitanguy, Mariana, Serro Frio, para falar sómente nas principaes das antigas povoações, hoje cidades, deixando de parte as velhas freguezias e parochias, em muitas das quaes existem aliás ricos e notaveis sanctuarios da mesma era, como em Antonio Pereira, Cachoeira do Campo e outros districtos de Ouro Preto e Mariana.

Quem se dispuzesse a estudar a arte brasileira do seculo XVIII na architectura, na pintura, na ouriversaria, na esculptura — o que algum dia terá de ser feito ainda — encontraria nas admiraveis egrejas mineiras de Ouro Preto, Mariana, Sabará, Caeté, S. João e S. José d'El-Rei, preciosissima documentação, infelizmente desconhecida para a quasi unanimidade dos brasileiros.

Quando começar a haver na nossa terra um pouco de gosto e um pouco mais de dignidade; quando deixarmos de ser em arte e literatura copistas servis ou imitadores sem escrupulo, os artistas futuros hão de procurar nos santeiros e encarnadores anonymos que tantas imagens patheticas deixaram nos nossos retabulos; nos ingenuos pintores das nossas capellas; nos architectos dos nossos altares — as primeiras e tocantes manifestações do pensamento artistico brasileiro, como se buscou nos mosteiros e egrejas italianas dos seculos XIV e XV o traço suavissimo dos primitivos.

Da enumeração das casas de Maria em S. Paulo não consta um dos seus mais celebres sanctuarios, o da Apparecida, por ser este poste-

rior, á citada epoca. Com effeito, falamos de um periodo anterior a 1714, ao passo que a capella da N. S. da Conceição da Apparecida foi erguida em 1743, para abrigar a milagrosa imagem que o pescador João Alves, tirou casualmente das aguas do rio Parahyba em 1719, conservando-a no seu poder e no de seus descendentes até a fundação da respectiva egreja, em alegre monte, para onde sobe em constante romaria a multidão de devotos, vinda de todos os pontos do Brasil.

Já que o limitado tempo de uma conferencia não nos permitte sequer falar dos velhos templos de Maria, da costa brasileira, a começar do Pará, onde a cathedral é dedicada a N. S. da Graça, antiga ermida do tempo do fundador da capitania, Francisco Caldeira Castello Branco; já que temos de alludir apenas á lenda tão bella de N. S. de Nazareth, encontrada por caçadores, transportada tres vezes ao palacio do governo e tres vezes desapparecida dahi para a mouta de arbustos onde foi achada e onde se lhe ergueu a ermida; já que temos de passar sem nos deter pela encantadora ermida de Guadelupe, na pequena ilha da Madre de Deus, na Bahia de Todos os Santos, onde todos quantos soffrem da vista vão pedir allivio á agua pura de uma rocha, sanctificada por Maria; já que o extraordinario mosteiro da Penha, na barra da Victoria, no Espirito Santo, não póde achar no pobre orador de hoje a merecida glorificação; uma vez que todas as capellas da costa fluminense, as mais antigas e as mais poeticas, não possam ter neste exiguo espaço individuada menção; já que a propria capella da Gloria, do

Rio de Janeiro, a devoção da familia real portugueza, da familia imperial brasileira e de toda a nobreza deste paiz; o sitio das festas memoraveis, que encheram as chronicas do esplendor da sua pompa, não possa ser senão lembrada de passagem: — concentremo-nos apenas nas velhas ermidas paulistas, testemunhas dos primeiros tempos trabalhosos e humildes dos dianteiros do progresso brasileiro.

Os paulistas, como os passarinhos, cantaram á alvorada. Na antemanhan da fundação da capitania de S. Vicente e S. Vicente e S. Amaro, dos dois irmãos Martim Affonso e Pero Lopes de Souza, a civilisação desta terra começou a raiar entre litanias e hymnos.

A ladainha dos indiozinhos, a céu aberto, pelas praias alvas ou nos plainos da serra, esbatidos pela luz gloriosa onde só a negra sotaina do jesuita deixava minguada sombra esguia, foi a grande symphonia prenunciadora da grandeza de São Paulo. O nome de Maria não foi traduzido, mas introduzido com a prosodia e a graphia luso-hespanhola na lingua geral, dos indigenas, cujo hymnario aqui se ouvia outr'ora e se póde talvez ainda hoje ouvir nas regiões amazonicas, nas festividades ao som do sahiré: *Santa Maria cunhan puranga, imemboira iauerá inaté pupé, oicou curussá iuassú pupé, ianga turama rerassú.* Ou em nosso idioma: «Santa Maria é mulher bonita; o seu filho é como ella; no alto céu está numa cruz grande para guardar nossa alma». Este é um canto espontaneo do indio cathechisado que se não póde comparar na arte da composição aos

hymnos feitos por Anchieta em lingua brasilica para a instrucção dos indiozinhos. Algumas dessas composições chegaram até nosso tempo, como aquella, ungida de fé ardente, que o padre, nos terriveis dias de sua prisão como refem dos selvagens, em Iperoyg, escreveu na areia da praia, para depois ler e guardar na sua estupenda memoria.

Os nomes dos jesuitas Manoel da Nobrega, Leonardo Nunes, Affonso Braz e Diogo Jacome, os iniciadores da cathechese dos selvicolas e fundadores do collegio da villa de S. Vicente, no anno de 1550, quatro annos antes da criação do de S. Paulo de Piratininga, andam associados com os de Joseph de Anchieta e de João de Almeida aos santuarios da Virgem em terra paulista.

As proprias moles guerreiras, feitas para a defesa militar da costa e para o escarmento ou a morte do inimigo, encerravam muita vez, nos seus parapeitos de granito, como canteiro de flôres maravilhosas escondido nas anfractuosidades da penedia bruta, uma ermida de Nossa Senhora.

LENDA DA BERTIOGA

Tal era a ermida da Bertioga, junto á fortaleza do mesmo nome, de que só existem as ruinas. Á sombra do forte e da ermida, pelos annos de 1570, viviam aldeias de indios christianisados, que o jesuita Anchieta e, depois deste, João de Almeida, acommodaram alli.

Do Collegio de S. Vicente o famoso thaumaturgo sahia muitas vezes a visitar seus discipulos da Bertioga.

De uma feita, depois de passar dois dias na vizinha aldeia dos indios, veiu o padre agasalhar-se na casa do commandante do forte, para, na manhan seguinte, regressar ao seu collegio.

Em sendo noite, como ficava a ermida defronte da casa onde se hospedára, Joseph de Anchieta pediu licença ao commandante para passar as horas em oração na capella. Accedendo a isso o official, veiu, seguido de seu genro, Affonso Gonçalves, acompanhar o padre até á porta da ermida, trazendo á mão uma vela accesa. Ahi, despediu-se delles Anchieta, pedindo-lhes tornassem á casa com luz e cerrassem as portas da ermida porque elle queria ficar só, tendo como unica luz, a das estrellas, coada pelos intersticios do telhado ou pelas vidraças. Assim foi feito.

Recolheram-se os homens, deixando o jesuita só e ás escuras. No correr da noite, desperta a filha do commandante vendo estranha claridade e ouvindo cantos celestiaes. A ermida em que ficára orando o padre Joseph de Anchieta fulgia toda, derramando pelas portas e janellas cascatas deslumbrantes. Ao mesmo tempo, um coro de vozes angelicaes transpassava os corações.

A moça despertou o marido para juntos averiguarem o estranho caso, mas no mesmo instante foram tomados de um pasmo que os privou de todo o movimento.

Na manhan seguinte, depois de se terem certificado de que não ficára luz alguma na egreja, referiram o succedido a Anchieta. Este em resposta rogou-lhes como amigo e ordenou-lhes como confessor guardassem segredo dessa visão emquanto elle vivesse.

No mesmo sitio e perto da Bertioga, «Biratioca» ou «Piratioca» em lingua brasilica, isto é, morada das tainhas, outro caso estranho a tradição conservou e o biographo anchietano perpetuou.

Morava ahi uma virtuosa mulher, de nome Isabel da Costa, cujo marido andava no Rio de Janeiro. Certa noite, ás dez horas, batem á porta da sua habitação, da parte do padre Joseph de Anchieta, que lhe mandara esquipada uma canoa para nella immediatamente embarcar e não dormir na Bertioga; annunciava-lhe ao mesmo tempo a morte do marido no Rio de Janeiro. Isabel da Costa obedeceu á risca, e no seguinte dia, pela madrugada, cabildas de indios tamoyos selvagens varriam aquellas praias matando ou captivando quantos alli moravam.

A vida da virtuosa mulher fora assim poupada graças á maravilhosa previsão de Anchieta. Verificou-se mais tarde que o marido de Isabel da Costa fallecera no Rio exactamente no dia em que Anchieta, a cerca de duzentas milhas de distancia, sem possibilidade material de ter communicação dessa morte, a tinha annunciado no porto da Bertioga, á mulher.

S. VICENTE E CONCEIÇÃO

As praias extensas, desde a Barra Grande até Itanhaem, lavadas constantemente pelo mar, que fórma em cima dellas um como pavimento de asphalto, no qual rolam hoje orgulhosos nossos automoveis, eram outr'ora percorridas penosamente pelas sandalias do jesuita e pelos carros de bois,

acudindo daqui para alli a salvação das almas e aos interesses do corpo. O chronista da época já falava da praia unida e dura sobre a qual, dizia, as rodas dos carros e as unhas dos bois não deixavam traço duravel.

Foi na ridente enseada de Itararé, em frente da ilha do «Engaguassú», ou Pilão Grande dos indios, que na terça-feira, 22 de Janeiro de 1532, fundeou a armada de Martim Affonso de Souza, de volta do Rio da Prata. Conta-nos o diario de Pero Lopez que achou ahi «um rio estreito em que as náos se podiam correger por ser mui abrigado de todos os ventos e á tarde mettemos as náos dentro com vento sul» Mandou o capitão fazer uma casa para guardar as velas e enxarcia, e determinando povoar a terra, deu chãos aos homens para fazerem suas fazendas, levantou ahi uma villa sob o nome de «S. Vicente» e outra a nove leguas dentro pelo sertão, á borda de um rio chamado «Piratininga».

Repartiu a gente nessas duas villas, fez nellas officiaes e poz tudo em boa ordem de justiça.

Erigiu-se logo uma capella á Virgem, junto da praia, mas 10 annos depois, em 1542, os habitantes salvavam do mar os sinos da egreja e o pelourinho da villa. Uma invasão do Oceano destruira as edificações do povoado, que teve de mudar-se para mais longe. Assim, a primeira matriz, dedicada á N. S. da Assumpção, segundo conta frei Gaspar, fundado nos livros de vereanças, teve esse fim tragico, bem como a casa da camara e cadeia.

Em 1545, a convite da camara, reunia-se o povo para facultar aos seus vereadores a construcção de outra matriz por contribuição geral, devendo ser esta de alicerces de pedra e paredes de taipa, para não ser facilmente destruida pelo mar, como foi a primeira.

Mais feliz foi na sua construcção o fidalgo Pero de Góes, o futuro donatario da capitania de Parahyba do Sul: a este dera Martim Affonso, em sitio fronteiro a Engaguassú, uma sesmaria em que o concessionario fundou o engenho da «Madre de Deus», cujos vestigios existiam não ha muito, e a ermida dedicada a «N. S. das Neves»

Mas a capella desapparecida do antigo S. Vicente legou-nos preciosidades que ainda existem felizmente, guardadas na matriz de hoje: são as columnas de madeira esculpida e dourada, provavelmente do altar-mor, o sacrario, tambem de madeira esculpida no puro estylo da Renascença e as imagens de N. S. do Rosario, de S. Vicente, o padroeiro, de Santo Antonio, da Senhora da Conceição.

Em prata antiga, no inconfundivel estylo da Renascença italiana, florescente na peninsula iberica no seculo XVI, o thesouro da matriz guarda ainda um bello cruzeiro de processão, uma naveta e, penso, um alampadario de capella.

Este povoado, senão o mais antigo, pelo menos tão antigo como os que mais o são no Brasil, já tendo existido provavelmente como feitoria antes de Martim Affonso, assignalou aos europeus, no dizer do velho chronista, terras muito ferteis, abundantes de frutos e de gados,

em ares muito deliciosas e tão boas como a de Portugal, com a differença de mudar-se o verão para o tempo do inverno; no clima, diz, são como a Hespanha, abundantes de searas, vinhas, pomares e flores, além de outros frutos do Brasil, que produzem com a mesma perfeição. Conclue o chronista com referencia á terra paulista e ao seu porto. «E assim serve como de celleiro & almazem ordinario, aonda muytas embarcações carregão de copiosos mantimentos, para diversas partes. Aqui se achou o modo de fazer açucar & aqui acharão primeyro as cannas, emque se cria, donde sahiu a planta que inundou utilissimamente a nova Lusitania».

Mas um trecho de frei Miguel de S. Francisco resume de modo frisante o que era a terra, rasgando para o futuro a visão esplendida da grandeza de S. Paulo:

«Hum homem de boa capacidade dizia que se houvesse pizado aquellas terras em edade de varão, ou de mancebo, havia de passar a Portugal, a informar a Magestade do Nosso Rei, & dizer-lhe o que aquellas terras erão & que lhe havia de pedir as mandasse povoar com duzentos cazais de gente de Entre Douro & Minho, ou das Ilhas, com preceyto capital para que nenhum comprasse negro, nem se servisse de Indio, & que lavrassem elles mesmos as terras, como faziam na sua; porque em termo de trinta annos teria S. Magestade a melhor colonia de todas as do Brasil, & que dando o governo a pessoa de industria, prudencia e christandade, se podia alli fundar hum imperio».

Em tal solo não sómente granavam as sementeiras e abundavam os frutos, mas tambem medrou a fé. E ao desembarcar o conquistador, entre os primeiros abrigos que surgiram com o galpão onde se guardavam o velame e as enxarcias, desabrochou na brancura da praia a Casa de Maria.

Como Enéas ao fugir de Troia em chammas, o europeu expatriado trazia muita vez os seus penates para o Novo Mundo. Nas velhas arcas de roupa cheirando a alfazema, vieram as imagens familiares, testemunhas mudas das dores e das alegrias de gerações inteiras, imagens que compartiam os destinos da familia exilada. Dos naufragios algumas dellas escaparam milagrosamente, para darem origem a santuarios novos e a novas lendas: tal é o caso da N. S. da Graça, da Bahia, e da N. S. da Gloria, de Lagos e do Rio-de-Janeiro.

O velho oratorio da familia!

Qual a antiga familia brasileira, digna desse nome, que não conserva entre as nossas rarissimas lembranças do passado, o tosco oratorio de madeira bruta, onde se aconchegavam as pequenas imagens da sua devoção, e a cuja porta, aberta nos dias de tempestades, bruxeolava o cirio bento, entre ramos olorosos de alecrim e de mangerona?

No mal amanhado do seu feitio, o velho oratorio, apressurada construcção do primitivo colono em terra selvagem, lembrava os primeiros abrigos do europeu no Brasil, as rudes edificações atamancadas para urgente agasalho contra a soalheira, a chuva e a ventania.

Mas quanta scena tocante não sc passou diante da pequenina porta do velho oratorio, que mãos delicadas não se esqueceram jamais de ornar de flores e que labios vermelhos, palpitantes como azas de colibri, encheram do sussuro das preces!

Lá está elle, no recesso da casa, no ponto onde não penetra o olhar profano, pousado em velha commoda ou engastado no cunhal das paredes. Derramada a seus pés, a familia — e na familia sempre se comprehendiam os servidores — faz á noite a reza.

Muitas fazendas mineiras ainda guardam essa piedosa tradição portugueza, que vem de millenios, do obscuro periodo onde os antecessores da nossa raça ainda não tinham deixado as bases do Himalaya e ainda se reuniam junto do patriarcha, em torno do fogo sagrado. Desses tempos, cuja memoria os «Vedas» nos conservaram, vem o culto do lar e das divindades domesticas; vem tambem os hymnos das solennidades familiares, como o do casamento, cuja formula hieratica faz a noiva pronunciar estas suaves palavras dirigidas ao noivo: «Sou fraca, venho a ti: sê bom para minha fraqueza. Eu serei sempre Roma-Sa, a doce ovelha dos Gandarras, a sedosa ovelhinha que vem te aquecer».

Com as imagens familiares que representavam em alto grau a tradição e o sentimento da familia, vieram tambem os imaginarios, os esculptores e santeiros que procuravam realisar na madeira, na pedra ou no barro a pintura da sua imaginação. E estes, durante seculos, deixaram discipulos e escola no Brasil.

Assim guardou-se a tradição de eximio santeiro de S. Vicente, que vivia nos fins do seculo XVII e principios do XVIII.

Foi elle o autor das imagens da Senhora do Rosario, de S. Vicente, e da Senhora da Conceição, de Itanhaem.

Na localidade que tomou a invocação desta imagem criou-se uma villa no anno do 1561. Duas capellas foram alli erigidas com a mesma invocação, sendo a primeira no alto de um monte, em cujo altar-mór se collocou a imagem da devoção de Anchieta. Mais tarde, por conveniencia dos moradores, mudou-se para baixo a povoação, construiu-se nova matriz de N. S. da Conceição e mandou-se fazer nova imagem. Foi esta, a nova, encommendada ao esculptor acima referido, com quem succedeu a extranha aventura adiante mencionada.

A primeira capella, a do monte, foi objecto de constante romaria dos povos e da piedade de Anchieta, que frequentemente palmilhava a extensa praia entre S. Vicente e Itanhaem. A lenda ficou de milagres da Virgem por intercessão do seu servo nessas praias bellissimas, cheias até hoje de selvagem poesia.

Uma vez marchava Anchieta, como de costume, a pé, em direcção á Conceição, onde ia dizer missa por occasião de uma festa. Seguiam em sua companhia outro sacerdote e alguns fieis. Caminhando velozmente, Anchieta chegou á egreja com poucos dos companheiros, deixando a longa distancia atrás os outros, que vinham num carro. Buscando as hostias, verificou o padre que haviam ficado

no carro, o qual, pelo vagar da marcha, não chegaria mais á hora da missa. Ficou um tanto perplexo o jesuita, mas decidiu voltar em procura das hostias e desappareceu. Não tardou muito a reapparecer trazendo as hostias, que fôra buscar no carro, o qual só poude chegar á noite. E as pessoas neste transportadas não tinham percebido a presença do padre.

Outra vez, prégando na mesma egreja durante a festa da Conceição, perdeu os sentidos. Quando o povo acudiu, julgando tratar-se de enfermidade ou accidente, tornou a si o jesuita e continuando o sermão exclamou: «Quereis saber as mercês da Virgem Nossa Senhora? Pois ainda agora veiu de fóra, de acudir a uma sua devota que por ella tinha chamado; e por signal vereis seus vestidos molhados de orvalho.» E o povo attonito notou que o manto e a saia que vestiam a imagem traziam vestigios do caminho!

Estando uma tarde á janella do seu cubiculo, no collegio de São Vicente, com os olhos vo'tados para a paragem onde ficava a imagem da Conceição, Joseph de Anchieta de repente estremeceu. Passava no momento um serviçal da casa, que se ia educando.
— «Paschoal Leite!» gritou-lhe o padre Joseph «atrevei-vos a acompanhar-me esta noite até Nossa Senhora da Conceição a salvar uma alma? » O servidor não trepidou em responder pela affirmativa e á noite partiram. Caminharam a pé oito ou nove leguas, até á beira do caudaloso rio que os separava de uma aldeia de selvagens. Por felicidade ou milagre, acharam uma canôa do lado de cá e assim puderam atravessar o rio e chegar

á aldeia, cujos ares reboavam com a grita e a dansa infernal dos selvagens nos festins de antropophagia. O padre Joseph entrava na taba quando o guerreiro vencedor, enfeitado de pennas multicôres no corpo e nas armas, ia erguer o tacape para esmigalhar o craneo do prisioneiro. As velhas indias, segundo o uso selvagem, estavam já acocoradas para saltarem sobre o corpo ainda quente da victima e o despedaçarem. O sacrificio feroz ia consumar-se para saciar a gula dos cannibaes, quando uma figura pallida surgiu de repente na arena, despedindo em torno de si, sobre a cabilda embriagada de cauim e tripudiante, olhares que pareciam settas inflammadas. Tomou o padecente das mãos do algoz e o levou comsigo, sem que alguem se atrevesse a impedir-lh'o·

Não menos admiravel foi o caso do esculptor de S. Vicente, autor da imagem da Conceição da segunda matriz, imagem esta feita de barro, com seis palmos de altura, tendo a Senhora o menino Jesus nos braços. Trabalhava o santeiro na execução de piedosas encommendas, a saber, uma imagem da Conceição, para a matriz de Itanhaem, uma de N. S. do Rosario e uma de Santo Antonio, para a matriz de S. Vicente, quando se deu nesta villa um mysterioso assassinato. Aberta a devassa, ficou envolvido nas suas malhas o pobre do santeiro, absolutamente innocente, que, indigitado autor do nefando crime, foi condemnado á morte na forca e remettido para a Bahia, séde do governo geral do Brasil e da alta justiça, para alli ser executado.

Antes do seu embarque, vieram reclamar-lhe, na cadeia de S. Vicente, onde se achava, as tres

imagens. O esculptor, em resposta, declarou-lhes que poderiam vir buscal-as mais tarde, pois as deixaria promptas. E partiu. Os primeiros que vieram buscar a sua foram os moradores da Conceição de Itanhaem, que, ou por ignorancia ou por acharem esta mais formosa, tomaram a imagem de N. S. do Rosario, com o menino Jesus nos braços. Recebidos processionalmente pelo povo daquella villa, levaram a imagem em triumpho e no meio de grandes festas a assentaram no seu altar, dando-lhe o nome de N. S. da Conceição.

A gente de S. Vicente, chegando depois, reconheceu o erro, mas ficou com as duas outras imagens e as collocou nos altares collateraes da matriz, dando á imagem da Conceição o nome de Senhora da Assumpção, padroeira da primitiva capella tragada pelo mar.

Emquanto isto se passava, seguia o inditoso santeiro o caminho da Bahia, que era para elle a estrada do supplicio. Lá chegando, não tardou que o Tribunal da Relação, annullasse a injusta sentença de morte por falta absoluta de prova juridica e mandasse em paz o esculptor de S. Vicente. E este, cujas mãos nervosas tentavam febrilmente arrancar do barro a ideal e divina formosura da sua protectora, tomou por milagre desta a descoberta da sua innocencia, quando já aos pés da forca.

Se da marinha subirmos a serra pelo aspero e lindissimo caminho de que fala com terror sagrado o chronista Simão de Vasconcellos, vamos encontrar nos santuarios ahi erguidos a Maria as maravilhas da Rainha dos Anjos.

Na cidade propriamente de S. Paulo, pelos annos de 1714, só duas capellas de Maria existiam: a de N. S. do Carmo, levantada pela respectiva ordem em 1594 e a de N. S. do Mont-Serrat, especial devoção do governador geral d. Francisco de Souza e origem do mosteiro de São Bento, fundado aqui, de ordem do provincial residente na Bahia, por frei Mauro Teixeira, em 1598. A imagem da Senhora de Mont-Serrat era esculpida em madeira, tendo de altura cinco palmos e trazendo no braço esquerdo o menino Jesus. A do Carmo era muito formosa, vestida ricamente e trazendo o escapulario com as armas do Carmo.

Nos arredores da cidade, passeio favorito dos paulistanos, já existia por este tempo a capella da Luz, com uma bella imagem de madeira, de sete palmos de altura, ou do tamanho natural.

Foi principalmente nas capellas das quatro aldeias de indios arrebanhados pelos jesuitas nas cercanias de S. Paulo que o culto de Maria deixou na tradição dos caboclos paulistas a luminosa esteira dos seus milagres.

Reza a lenda conservada por seu biographo, que visitando um dia, como de costume, a aldeia dos Pinheiros, viu o padre Joseph de Anchieta uma india a soluçar, parecendo presa de intensa dôr. Perguntando-lhe a causa, contou-lhe ella que chorava por seu marido, o qual, tendo sido levado numa entrada para o sertão, havia sete annos, nunca mais se teve noticia da gente dessa entrada e agora diziam os brancos terem todos morrido. O padre considerou-a algum tempo com os olhos vagos, como se estivesse vendo muito longe;

depois ordenou-lhe com firmeza: «Vae pôr-te deante da Senhora Mãe de Deus, que alli tens e dá-lhe graças: teu marido é vivo e cedo virá». Dahi a pouco, chegavam effectivamente os bandeirantes.

O chronista e biographo Simão de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, conta-nos tambem maravilhas da Senhora da Conceição, por via do seu fidelissimo servo e devoto, o padre João de Almeida.

Appareceu um dia em S. Paulo, tendo subido de Santos onde desembarcára, uma partida de castelhanos, em viajem para Buenos Aires. Sabendo o chefe dessa partida que havia um portuguez do bairro da Conceição, muito pratico dos caminhos do sul, offereceu-lhe *dez mil réis*, quantia então consideravel, para guial-o com os seus indios até o sitio chamado Empalizada, de onde iria o castelhano com sua partida direito a Buenos Aires.

O homem consultou ao padre João, que o aconselhou a recusar tal proposta, pois muito mal poderia advir-lhe dahi. Mas a cubiça do portuguez venceu os conselhos do bom padre. Dahi a pouco tempo, guiando o troço dos castelhanos, estavam os freguezes da Conceição no valle do Paraná.

Deixando os castelhanos no ponto convencionado, regressavam os nossos sertanistas quando foram acomettidos furiosamente por sezões terriveis, com a sua febre ardente. Mal puderam armar as rêdes indigenas nos galhos das arvores do primeiro acampamento e cahiram todos prostrados, sem que nenhum pudesse soccorrer o outro. Nessas horriveis conjuncturas lembrou-se o portuguez do conselho do padre João e abominou a propria cubiça. Abra-

zado de febre e a mingua de todo o recurso, na soedade do sertão bravio, sentiu o homem avizinhar-se a morte e esperou-a contrito.

O delirio apoderara-se dos febrentos, que sorriam á visão do laranjal da sua aldeia e do fumo das lareiras, ouvindo ao longe a voz sentida e carinhosa do sino chamando as ovelhas ao aprisco. O portuguez esbugalhou os olhos sentindo que alguem tocara na sua rêde, dizendo-lhe : «Aqui tendes um cabaço de mel, um cofo de farinha e um quarto de carne moqueada; comei, dae de comer á vossa gente e ide para casa.» Os olhos esgazeados do sertanista lobrigaram ao longe, pelas costas, como a fugir apressado, o vulto do padre João. Gritou muitas vezes por seu nome mas ninguem respondeu. Olhou então para baixo da rêde e reconheceu estupefacto que alli estavam os alimentos. Então, sentindo-se redivivo, saltou da rêde, reanimou os companheiros e distribuiu-lhes a ração bandeirante de carne, farinha e mel.

Julgando-se escapos da morte puzeram-se todos a caminho de S. Paulo, pois que o chefe fizera nesse instante o voto de não entrar em casa, não vêr mulher nem filhos sem antes render graças ao seu bemfeitor. Chegando a S. Paulo, dirigiu-se á portaria do Collegio e lá soube que o padre João tinha ido para a aldeia da Conceição. Seguiu no seu encalço e passou pela porta da propria casa, de onde accudiu a mulher jubilosa a recebel-o. Não lhe deu attenção como se fôra uma importuna desconhecida e continuou o seu caminho, até encontrar o santo sacerdote, a cujos pés se lançou, referindo-lhe tudo quanto succedera.

O padre João, calando-se, apontou-lhe a egreja da Conceição, onde o sertanista penetrou logo. Dahi arrancou-o o jesuita dizendo-lhe «Basta, basta. Ide agora accudir á pobresinha da vossa mulher, que está em pranto, porque havendo tanto tempo que faltaes de casa, passastes por ella sem lhe falar, nem saber a pobrezinha por onde andaes».

ROMAGENS E FESTAS

O culto de Maria representa, pois, não sómente um dos mais elevados sentimentos de religiosidade no homem, mas tambem uma das mais poeticas tradições da christandade. Em todos os paizes catholicos e nos que seguem a religião grega, as festas de Maria são festas populares. Os gregos chamam-lhe *Panagia*, a Santa das Santas ou a Santissima e a sua imagem suave brilha e sorri ainda agora no fundo de ouro dos mosaicos de mesquitas turcas, que foram outr'ora capellas bysantinas.

A festa da Purificação, a 2 de Fevereiro, em que se celebra a gloria da Candelaria, ou de N. S. das Candeias; a da Assumpção, a 15 de Agosto; a da Natividade, a 8 de Setembro; a do Amparo, no primeiro domingo de Outubro; a da Conceição, a 8 de Dezembro; a da Expectação, a 18 do mesmo mez, são celebres em todo o Brasil, principalmente nas pequenas cidades e nos logarejos onde a tradição brasileira não foi abafada pelos apertos da vida material e a invasão do cosmopolitismo.

A Senhora do Rosario tem ainda os seus reinados, com os seus mastros, as suas bandeiras conduzidas por cavalleiros em sequito de parada, as suas dansas e os seus cantos caracteristicos.

Nas suas mil invocações, Maria é ainda celebrada nas datas commemorativas do seu nascimento e da sua resurreição, pelas romagens.

Assim, no Rio, copiosa multidão, que ascende a mais de cem mil pessoas, sobe annualmente ao rochedo da Penha, levando guitarras e violas e rosarios de roscas, num desdobramento de côres claras e de alegria ruidosa.

Ao alto da Piedade, em Minas, nas immediações de 15 de Agosto, começa a subir a onda dos crentes para render graças pelos beneficios recebidos ou supplicar a graça de beneficios anhelados. A ladainha de N. S., que é o hymno de Maria, é cantada ainda nos septenarios, nas novenas, nas trezenas, que precedem sempre a celebração das datas festivas de Maria. E o seu mez, o mez de Maio, é cantado com terços, rosarios e corôas onde ha capellas e concurso de povo; mas é tambem celebrado muitas vezes em silencio, num quartinho de moça, tendo como testemunhas do seu culto a mesinha coberta por uma toalha de rendas, uma vela benta de cera, e flores, que flores não faltam nunca ás festas de Maria.

Quantos dentre vós que me ouvis não tereis tomado parte em romagens á Apparecida?

No fundo dos sertões brasileiros, no centro de Goyaz, lá está a romaria de N. S. da Abbadia do Muquem, que attrae annualmente e congrega a esparsa população do grande planalto.

Mas que é a nossa vida, a vida do homem no planeta, senão uma perpetua romagem em busca de um ideal, o ideal de cada um, mesquinho ou grandioso, luzente ou escuro? Marchamos assim, compactamente, empurrados uns pelos outros, buscando no céu, muitas vezes entenebrecido, a luz da estrella mysteriosa, que para tantos é como a estrella dos Magos, a qual, asseguram os astronomos, apparece apenas uma vez de tres em tres seculos!

E essa procissão marcha sempre. A vida, a gloria, as grandes acções e os crimes, a obra, emfim, do homem, é apenas accidente do caminho, que não detem a marcha. Nella estamos todos. Os que nos achamos proximos uns dos outros, pelo tempo ou pelo espaço, podemos ainda reciprocamente distinguir as nossas feições.

Mas pouco a pouco a procissão vae passando, vae se estendendo, as physionomias vão esmaecendo, até perderem-se de todo na poeira luminosa que em largas espiraes vae subindo lentamente da terra para o infinito.

Julho de !915.

Santos populares.
Superstições.
Festas e dansas

---

necessidade de admirar está no fundo do coração de cada um de nós, confundida com o que Renan chamou a parte do ideal na vida humana. Ha um passo apenas da admiração ao culto e este é a consequencia logica daquella. A admiração é um mixto de amor e de respeito; de amor pelo que é bello, ou bom, de respeito pelo que é grande ou forte. Não póde haver verdadeira admiração pelo que é grande ou forte exclusivamente: este incutirá temor, mas não inspirará o amor; não póde haver admiração pelo que é bom ou bello sómente, e não é grande, nem forte: este inspirará affeição ou amor, mas não infundirá respeito, nem temor. A verdadeira admiração nasce do consorcio daquelles dois sentimentos e exprime o intimo reconhecimenro de uma superioridade, que collocamos acima de nós mesmos.

De tão bello e nobre sentimento não póde provir culto nascido do terror pelas manifestações das forças naturaes, ou por outra causa, porque o terror não cria o amor. A admiração suppõe a espontaneidade, a liberdade espiritual capaz de apreciar por si mesma e de julgar: é, pois, um sentimento do homem de discernimento, já possuidor de uma moral. O terror não gera, assim, a religião, mas a idolatria, o feiticismo, as superstições grosseiras.

Todos os povos historicos sabem admirar e por isso têm os seus heroes tradicionaes. Entre os christãos da Europa, muitos desses heroes são santos, que a Egreja confirmou, depois, collocando-os nos altares. Tal é, por exemplo, São Martinho, bispo de Tours e apostolo das Gallias, depois de ter sido soldado; tal São Patricio, padroeiro da Irlanda; S. Gildas, apostolo da Bretanha. Das Hespanhas é padroeiro S. Thiago, invocado como grito de guerra na luta multi-secular contra os agarenos.

Mas nenhum culto se vulgarisou tanto pelo povo, penetrou mais fundo e mais longe nas almas do que o de São João Baptista e Santo Antonio, os dois santos populares por excellencia da raça portugueza, aquelles cuja celebração é a festa da multidão, é a festa da infancia, é a festa dos pobres e dos simples, com todas as crendices e abusões proprias da ingenuidade popular.

SÃO JOÃO

Quem desconhece no Brasil a festa de São João? O seu culto está de tal modo radicado na tradição e na lenda, que sabios foram buscar-lhe

as origens em periodo muito anterior ao christianismo, nos cultos orgiacos da Asia e da Africa antigas, cuja memoria, allegam elles, se conserva no proprio nome de Santa Isabel, a mãe do Precursor. Isabel, dizem, é «Elisabeth» e decompõe-se em «Elissa» e «Beit», o templo da forte deusa, existente em Carthago e em Epheso.

Esses mesmos sabios consideram as fogueiras de S. João como reminiscencia das pyras symbolicas das festas eneanas orientaes, em que no hemispherio septentrional se celebrava o solsticio do verão. Não pretendemos, porém, entrar nas origens, mais pedantescas do que reaes, dos cultos christãos. Temos apenas o proposito de examinar esse culto na sua expressão popular, como um capitulo da demopsychologia brasileira.

O mez de Junho é o mez das fogueiras e dos mastros por todo o Brasil. Celebra-se nelle S. Antonio, a 13; S. João, a 24; S. Pedro a 29; as festas e fogueiras são na vespera. O dia 23 é esperado com especial anciedade. De muito antes se fazem os preparativos, arruma-se a boa lenha, preparam-se os doces e o bolo de S. João, dispõe-se o livro de sortes, convida-se a visinhança e não se esquece da boa pinga. Na roça, onde não ha consumados artistas pyrotechnicos, nem simples fogueteiros, cortam-se no matto as taquaras para se fazerem as rouqueiras e os buscapés. Para as salvas, servem as mais velhas pistolas, os bacamartes, os clavinotes e as pederneiras reunas, muitas vezes esquecidas e enferrujadas. Se a festa é celebrada em povoado ou em fazenda onde haja capella particular, é geralmente precedida de novena.

Na tarde da ultima novena, na vespera da festa, ergue-se no adro da egreja ou no pateo da fazenda, o alto mastro onde oscilla a bandeira de S. João. E' esta uma tela estendida num quadro de madeira onde se pintou a tradicional imagem do Precursor ao lado do seu immaculado cordeirinho. Muitas vezes a bandeira é conduzida da casa do festeiro ao adro por brilhante cavalgada.

Quatro cavalleiros dos mais garbosos, em ginetes de arnezes açacalados, trazem a bandeira presa nos quatro cantos por outras tantas alças de fita, cada uma segura á mão de um cavalleiro. Recebe-os o vigario em habitos talares e procede á bençam da bandeira, que depois é passada na haste do mastro. Então, no meio da algazarra do poviléo, de estampidos successivos de baterias de bombas, do espoucar dos rojões e de gyrandolas, ergue-se lentamente o mastro até ficar aprumado e firme desafiando os ventos. A bandeira gira na haste mostrando a effigie de S. João aos quatro pontos cardeaes, á hora suave em que as palmas do coqueiro se remexem ao sopro da viração e ao canto das graúnas.

Ao escurecer as fogueiras devem estar promptas para se atear o fogo ao primeiro signal. Afinam-se violas e violões. Em rumas, nas bandejas, estão empilhadas as caixas de bichas, os pistolões, as rodinhas de fogo, os fogos de bengala. Os busca-pés e rojões vão ser distribuidos pela molecada, cuja grita e cujas cabriolas recrudescem ao ver o primeiro rolo de fumo e o primeiro enxame de scentelhas surgirem do vão escuro entre os troncos sobrepostos em cruz para a construcção da

fogueira. Montes de batatas, de carás, de mandiocas, de cannas de assucar esperam, para ser desbastados, o adiantar da noite, ao declinio das fogueiras, quando os animosos cheios de fé, põem-se descalços para de pés nús, calcarem as brasas. Neste momento já estão formados os largos braseiros onde se assam as cannas e as tuberas, ao mesmo tempo que, entre gritos, palmas e clamores, saias se arregaçam e pés feiticeiros tentam a prova do fogo sobre o braseiro sagrado.

A' meia-noite, todos, cheios de presentimentos, vão ver a sombra na agua e o desenho da clara de ovo. Ranchos de rapazes e raparigas, com capellas de flores e de folhas ás cabeças, já dansaram pelas salas e ruas cantando uma variante do velho romance medieval portuguez, «D. Pedro Menino», que tem o sabor e o perfume das cambraias antigas:

Já os linhos enflorescem
Estão os trigos em pendão,
Ajuntem-se as moças todas
No dia de S. João.

Umas com cravos e rosas
Outras com mangericão
Aquellas que o não tiverem
Tragam um verde limão.

E até agora, quem percorre sitios do nosso interior no mez de Junho encontra frequentemente um limão ou uma laranja symbolicos afincados na ponta de uma vara: ahi se festeja S. João.

O grande regosijo que acompanha a fogueira não termina sem uma cerimonia que relembra a simplicidade primitiva das origens do christianismo;

é o banho lustral de S. João. E' crença popular que as aguas têm em tal hora singular virtude, cuja força chega ao seu fastigio quando o primeiro raio do sol, na manhan de 24, beija tremulamente a superficie dos rios e corregos, que, de pudor e delicia, se encrespam e murmuram.

Ao esmorecer das fogueiras, grupos de moços e de moças, com as cabeças coroadas de folhagens e de flores marcham rindo e cantando para a beira dos rios ou praia do mar. Direis, ao vel-os com suas garridas e olentes capellas, que estaes na Grecia do periodo de ouro e uma theoria de naiades e faunos serpeia nas dansas sagradas.

> **Se São João soubesse**
> **Que era hoje o seu dia**
> **Descia do céu á terra**
> **Com prazer e alegria.**
>
> **O' meu São João**
> **Eu vou me lavar**
> **Se eu cahir no rio**
> **Mandae me tirar**
>
> **Em fóra de portos**
> **Eu vou me lavar**
> **Se eu cahir no fundo**
> **Mandae me tirar**

Nessa noite é benta a agua. Para tudo tem virtudes.

> **Vamos, vamos,**
> **Toca a marchar**
> **N'agua de S. João**
> **Vamos nos lavar.**

Ha nessa crença nas virtudes da agua uma reminiscencia do culto pagão das fontes e das divindades protectoras dos lagos e rios. São

celebres em Portugal as «orvalhadas de S. João». no dio 23 de Junho, em que a gente se lava na agua corrente para aproveitar-lhe a virtude em tal momento e leva o gado a beber para o mesmo effeito. O cancioneiro popular menciona essa crença nos seguintes verso colligidos por Vasconcellos e publicados nas suas «Tradições populares de Portugal».

Orvalhadas,
Orvalhadas,
Viva o rancho
Das moças casadas!

Orvalheiras,
Orvalheiras,
Viva o rancho
Das moças solteiras!

Junto ás fontes, nessa noite, ha sempre uma mulher encantada, loura fada ou moura trigueira, a lavar moedas de ouro e cantar as mais lindas canções, emquanto indolentemente os seus dedos finos alisam a basta cabelleira.

Não só as aguas, tambem as plantas têm mirificas virtudes nesse dia. Assim, a semente do feto real (osmunda regalis) colhida á meia noite em ponto, de São João, dá a quem a colher o poder de alcançar quanto deseja. O alho plantado na vespera de S. João amanhece germinado, a arruda floresce e a alcachofra queimada na fogueira e posta depois ao relento, se reverdecer, indica ao namorado felicidades nos amores. Ao deital-a á fogueira, devem ser proferidas estas palavras:

Em louvor de S. João
A ver se o meu amor
Me quer bem ou não.

Para crescer-lhes o cabello, as moças cortam-lhe as pontas na manhan de São João antes de nascer o sol; em Veneza, segundo refere Gubernatis, recolhem nessa noite o orvalho que tem a propriedade de renovar os cabellos.

AS SORTES

A parte mais impressionadora da noite de S. João é a das sortes, quando, já cansados dos fogos, das danças e dos descantes, se recolhem os convivas e em torno da grande mesa, depois de saborearem o bolo de S. João, a cangica tradicional, as pamonhas e manauês ou manueis, vão consultar o livro do destino.

A sorte da clara de ovo num copo de agua é das mais conhecidas. Passa-se o copo em cruz sobre a fogueira, deita-se sobre o liquido a clara de ovo e põe-se o copo ao relento. As linhas caprichosas que se desenham na superficie indicam a sorte: navio, significa viagem proxima; egreja, casamento; caixão, morte.

Deixa-se tambem ao sereno uma bacia de agua. Pela manhan, antes de nascer o sol, vae-se nella mirar o rosto: se a gente não vê bem a propria sombra é signal de que não durará até o S. João seguinte.

O illustre e incansavel thesaurisador da nossa poesia popular, Mello Moraes Filho, dá-nos na sua «Historia e Costumes», o texto de uma oração

usada pelas moças ao tirarem a sorte do copo d'agua. Depois de passal-o em cruz sobre a fogueira, tomam delle um gole e escondendo-se atrás da porta da rua, rezam: «Pedro, confessor de Nossa Senhora! Jesus Christo, senhor nosso, vos chamou e disse: Pedro, tomae estas chaves do céu, são vossas. Por ellas vos rogo, se isto houver de acontecer, dizei sim, sim, sim. Se isto, porém, não tiver de acontecer, dizei não, não, não!» O primeiro nome de homem que a consultante ouvir pronunciar será o daquelle que lhe está destinado para marido.

Mil outras sortes vinham no antigo «Oraculo das Damas». que nessa noite revelava o destino.

Ao lado das sortes galantes, havia sortilegios terrificos, que ninguem revelava para não cahir na abominação geral: tal era o pacto com o diabo. O homem de grandes ambições e sem temor nem escrupulo querendo «tomar parte com o diabo» para que tudo lhe corresse bem e facilmente no mundo, armava-se de facão sózinho a meia-noite ia ao fundo de um matto distante ou a uma encruzilhada deserta. Ahi invocava tres vezes o filho das trevas, que lhe apparecia a principio sob a forma de um gallo preto, sob a de um porco, de um bode e por successivas transformações cada vez mais horrendas, tentando infundir o terror e quebrantar o coração de quem o desafiava! Mas este, de facão em punho, tem de defender-se contra as arremettidas do inimigo, que por ultimo, sob a forma de homem, cruza o ferro com o contendor, despedindo em torno chispas de luz azulada. E a luta continua, furiosa e encarniçada

até o diabo convencer-se da força do homem. Então, forma com este o pacto sinistro. O cancioneiro do norte dá-nos em versos caracteristicos, postos na bocca de um cabra famanaz, a descripção de um desses duellos com o Maligno.

LENDAS DE S. JOÃO

Emquanto ethnologistas e historiadores profanos vão buscar nos cultos orgiacos de Artemisa as origens das festas de S. João, o povo simples tece, nas noites de luar, o seu rosario symbolico de lendas.

Nossa Senhora indo visitar sua prima Santa Isabel, quando para ambas se avizinhava o nascimento de seus bemditos filhos, pediu a Santa Isabel, cujo successo era esperado, antes lhe desse um signal da feliz natividade. Santa Isabel prometteu a Maria Santissima mandar plantar um mastro na montanha proxima e accender em torno uma fogueira.

Com effeito, algum tempo depois, Nossa Senhora divisou no logar aprazado, fumaça, labaredas e o mastro. Nascera S. João Baptista, o Precursor; e Maria partiu logo a abraçar sua santa prima. Desde então se celebra o santo com fogos e mastros.

Em certa época, na infancia de S. João Baptista, estando elle deitado sobre os joelhos de Santa Isabel, que o acalentava cantando, perguntou-lhe:

— Minha mãe quando é o meu dia?

— Dorme, filhinho, dorme; quando fôr eu t'o direi.

E S. João dòrmiu, para só acordar na noite de S. Pedro, a ouvir foguetes e ver fogueiras.

De novo insistiu:

— Minha mãe, quando é o meu dia?

— O teu dia já passou, acudiu Santa Isabel.

— Ora minha mãe, porque não me disse, que eu queria brincar na terra?

Se S. João descesse do céu, o mundo se arrazaria em fogo.

Eis as lendas do Precursor, segundo a versão das «Festas e tradições do Brasil». de Mello Moraes Filho. Com pequenas variantes, foram estas mesmas que eu tanto ouvi em menino, na longa noite muitas vezes enluarada, onde a alma brasileira, repassada da triplice nostalgia das tres raças componentes do nosso povo, duas das quaes exiladas e uma perseguida, borbotava em enthusiasmos, quebrava-se em lamentos e ameigava-se em esperanças.

AS DANSAS

Das fogueiras e festejos de S. João ha memoria no Brasil desde o primeiro seculo da Colonisação. Com effeito, frei Vicente do Salvador, o primeiro brasileiro que escreveu a historia de sua terra, concluida em 1627, já fala nos folguedos de S. João, que attrahiam muitos indios ao povoado e estes eram dos mais enthusiastas.

As dansas junto ás fogueiras são ainda, como outr'ora, as de origem popular européa e as de procedencia africana, mas umas e outras francamente nacionalisadas com verdadeias criações originaes

nossas, cuja musica é tão carecteristica e tão viva que não ha confundil-a com outras. Pena é que os nossos compositores não se dêm ao trabalho de viajar pelo interior a colher esses elementos preciosos e inéditos da arte nacional. Conhecemos em S. Paulo varias, a «chimarrita» e o «bate-pé», por exemplo; aquella espalhada em todo o sul do Brasil e este usado por toda a parte em Minas, Goyaz, Bahia, sob os nomes «dansa-de-sala», «guayana», «curraleira», «recortado», cada uma das quaes tendo, porém, o seu cunho particular. Nestas quatro ultimas, o rythmo, o bater de palmas, os solos e os córos, a variedade das figuras, fazem dellas bailados lindos, com a facilidade de poderem ser dansados por homens sós, ou mulheres sós, mas em numeros pares, com um minimo de quatro.

De origem européa são tambem a «ciranda» e a «rolinha» ambas dansadas em roda, com as seguintas cantigas, respectivamente:

A CIRANDA

O' ciranda, ó cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar,
Vamos dar a volta inteira,
Cavalleiro, troque o par.

A ROLINHA

Bote aqui, bote aqui;
O seu pezinho;
Seu pezinho, seu pezinho
Junto ao meu;
No virar, no virar

Do seu pezinho,
Um abraço, um abraço,
Lhe dou eu.
Olha a rolinha
Doce, doce;
Embaraçou-se,
Doce, doce;
Do nosso amor
Doce, doce;

— Ando á roda,
Ando á roda,
Porque quero
Me casar
— Colhei neste jardim
A rosa que te agradar
— Não me serve
Não me agrada.
Só a ti, só a ti,
Hei de querer.

Da obra conscienciosa e rica de informações, «Folk-Lore Pernambucano», de Pereira da Costa, vemos que estes bailados populares, que conhecemos no sul são tambem vulgares no norte do Brasil. A «rolinha» vi-a eu dansada graciosamente muitas vezes em Diamantina, no anno de 1904 e fui revel-a, com algumas variantes, em uma quinta de S. Gonçalo do Amarante, ao norte de Portugal.

As dansas de origem africana, ao som de adufes, caxambu's, canzambês, etc., são tambem frequentes na grande noite de S. João, sob os variados nomes pelos quaes são conhecidas — batuque, lundu', samba, catira, cateretê, côco, fandango e outros.

O sol de 24 de Junho encontra muita gente a recolher-se empoeirada e moida e muito cantor, de «cabeça inchada», a insistir:

Os olhos de Nha Maria
São bombas de S. João:
Arrebentam no meu peito
Retumbam no coração.

Para taes apaixonados não ha dormir, porque

Quem quer bem, dorme na rua,
Na porta do seu amor;
Do sereno faz a cama,
Das estrellas cobertor.

A cidade de S. Paulo, como as do norte do Brasil, não ha muito festejava enthusiasticamente S: João. Ha quem se lembre ainda de uma corda de fogo, feita de fogueiras estendidas do largo de S. Bento ao de S. Francisco. Os abusos e perigos delles resultantes tornaram necessario a abolição desse costume, antes que o crescimento da cidade o fizesse materialmente impossivel nas ruas.

De um S. João em Sorocaba ficou memoria na descripção de Abreu Medeiros, nas suas «Curiosidades Brasileiras», dadas a lume em 1864. Ahi se nota, ao lado da reza de S. João, e diante do seu altar, na casa de certo Nhô Lico, o fandango. E é ainda assim no sertão brasileiro.

O terço ou a reza que se faz em commum e a convite é inicio da funcção.

O culto religioso, por um pantheismo que não é estranhavel no povo, existindo como existe em toda parte, anda associado não só aos folguedos, ás dansas, aos prazeres, mas tambem aos actos comezinhos da vida domestica, aos trabalhos agricolas, ao pastoreio do gado.

Ligava-se ás vezes á festa de S. João e aos fandangos os bailados de S. Gonçalo, popularissimos

na Bahia e em Pernambuco. Bandos de moças sahiam á rua em torno do estandarte de S. Gonçalo cantando e dansando

Viva e reviva
São Gonçalinho!
Dae-me, meu santo,
Um bom maridinho.

Seja bonitinho
E queira-me bem;
Aquillo que é nosso
Não dê a ninguem.

No fandango de Sorocaba em que ha cachaçada, violas, sapateados e descantes em honra de S. Gonçalo, cumprindo uma promessa de Nhá Chica, os dansadores cantam esta quadra de Palmeirim e as seguintes trovas populares:

S. Gonçalo d'Amarante;
Brincalhão e galhofeiro!
Fazei-vos antes das moças
Devoto casamenteiro.

Meu santo S. Gonçalo,
S. Gonçalo do Amarante
Fazei que nossas vidas
Vão sempre por diante.

Meu santo S. Gonçalo
Acceitae esta oração
Que a dona da promessa
Vos faz do coração.

E assim brinca o nosso pobre povo. Deixae rir quem tanto motivo tem para chorar!

SANTO ANTONIO

O santo por excellencia de Portugal é naturalmente Santo Antonio, que é filho de Lisboa. Em sua honra erguem-se tambem fogueiras, rezam-se novenas e fazem-se bailados. E' o padroeiro da minha cidade natal, Paracatu', dita officialmente quando foi criada villa pelo governo da Metropole, pelo anno de graça de 1798, Santo Antonio da Manga de Paracatu' do Principe, aonde fôra ter com bandeira, na primeira metade do seculo XVIII, partindo de S. Paulo com sua mulher, Anna de Oliveira Caldeira, natural da villa da Cotia, o portuguez de Bucellas, João de Mello Franco. Como por muito tempo o arraial, villa e julgado, depois cidade e comarca de Paracatu', pertencesse ao bispado de Pernambuco, até a criação, creio, do bispado de Diamantina, teve Paracatu' o mesmo orago da Capitania de Pernambuco, Santo Antonio de Padua ou de Lisboa, o grande thaumaturgo lusitano, que não deve ser confundido com Santo Antonio, o eremita da Thebaida, instituidor da vida monastica. Foi este a victima das tentações durante vinte annos no deserto e sua festa é celebrada pela igreja a 17 de Janeiro.

O nosso Santo Antonio, o dos festejos populares no Brasil e em Portugal, é tambem chamado Santo Antonio de Padua, da cidade italiana onde falleceu em 1231, tendo nascido em Lisboa em 1195, onde se vê que morreu em plena mocidade, aos trinta e seis annos.

A tradição popular vinda da peninsula iberica, cerca Santo Antonio de mil abusões, que são

incontestavelmente vestigios de cultos orgiacos da Africa e Asia do paganismo. Assim, representam o Santo como bulhento e galhofeiro, mettendo-se de permeio com as raparigas que vão á fonte para quebrar-lhes os cantaros. E' o patrono dos rapazes, é o santo a quem se recorre para achar os objectos perdidos. Dahi vem o costume de «responsar» a Santo Antonio para descobrir os animaes e coisas desgarrados.

Representam-no sempre com o Menino Jesus nos braços por ter tido na sua cella de monge frequentes apparições de Deus Infante num berço de nuvens alvas, cercado de anjinhos. No Brasil a sua popularidade foi sempre grande, ao ponto de lhe ser dada, desde os tempos coloniaes, em Pernambuco e no Rio, patentes militares, com o respectivo soldo, que se pagava pontualmente aos thesoureiros da irmandade e naturalmente ficava em beneficio desta.

Francisco Lopes escreveu e publicou no seculo XVI a «Vida de Santo Antonio» em verso, aproveitando os factos que a tradição popular perpetuára. Os nossos velhos chronistas, entre os quaes Jaboatão, tambem referem milagres de Santo Antonio no nosso paiz, livrando homens e mulheres das garras do demonio.

Conta Jaboatão o caso de um soldado, nos arredores de Ipojuca, no anno de 1642. Vivia o pobre do homem em constantes tribulações, com a monomania do suicidio, quando encontrou um dia certo frade, a quem referiu seus tormentos. O bom religioso compadecido do soldado deu-lhe uma oração escripta, recommendando-lhe a rezasse

no momento da afflicção. Foi prodigioso o effeito da oração, e o soldado sentindo-se curado, tratou de ir ao convento agradecer ao frade. Ao chegar lá, entrou primeiro na egreja para orar a Deus. Qual não foi o seu espanto ao reconhecer no altar, na imagem de Santo Antonio, o frade do seu milagroso encontro?

A proposito da apparição do demonio no Brasil, Fernão Cardim, José de Anchieta e frei Vicente do Salvador, nas suas obras, referem uma lenda cujo fundo deve ser perfeitamente historico e verdadeiro. E' a lenda do «padre do ouro» referente aos annos de 1560 a 1572, quando governava Pernambuco o segundo donatario Duarte Coelho de Albuquerque. Esse padre nigromante e alchimista, que conhecia todos os mineraes, conquistou a confiança do governador, que lhe confiou o commando de uma expedição de trinta homens brancos e duzentos indios para a descoberta de minas no sertão de S. Francisco. Em vez de minas, iniciou o feiticeiro uma horrivel caçada de indios, que vendia a dois cruzados cada um. Refere frei Vicente que o terror espalhado entre os indios era tal que estes se deixavam amarrar de pés e mãos como ovelhas, para serem embarcados rio abaixo e vendidos. Acrescenta o chronista que o nigromante «padre do ouro» infundia o medo assim: ao chegar a uma aldeia indigena, por grande que fosse, depennava um frango ou desfolhava um ramo, atirando para o ar pennas e folhas. A cada penna e cada folha respondia um demonio negro, lançando labaredas pela bocca e com esta vista os pobres indios dos dois sexos ficavam a

tremer, entregando-se aos brancos para serem escravisados como cordeirinhos. Sabendo disso, el-rei d. Sebastião chamou ao Reino o padre magico e incorporou-o á desastrosa expedição contra os mouros da Africa, onde o feiticeiro pereceu.

Como vimos, a tradição popular attribue a Santo Antonio um caracter folgazão. Assim é que entre os seus mais prodigiosos dotes figura o de ser o milagoso casamenteiro das moças. Quando demora em attender aos pedidos, as raparigas impacientes arrancam-lhe dos braços o menino Jesus e deitam-no de cabeça para baixo no fundo de um poço, até que se opere o milagre.

Pereira da Costa, no seu «Folk-lore Pernambucano» colligiu varias orações e ladainhas casamenteiras, em voga no Norte do Brasil. Eis alguns exemplos.

ROSARIO DE SANTO ANTONIO — «Padre, Santo Antonio dos Captivos, vós que sois amarrador certo, amarrae, por vosso amor, quem de mim quer fugir; empenhae o vosso habito e o vosso santo cordão, como algemas fortes e duros grilhões, para que façam impedir os passos de Fulano que de mim quer fugir; e fazei, ó meu bemaventurado Santo Antonio, que elle case commigo sem demora». Reza-se depois um Ave-Maria offerecida ao Santo.

LADAINHA DAS MOÇAS

Milagroso São Raymundo,
Casador de todo o mundo!
Dizei a Santo Anthero

Que em breve casar quero,
Na igreja de S. Benedicto
Com um moço muito bonito.

No altar de Santa Rosa
Quero dar a mão de esposa
A'quelle a quem tanto amo;
Pedindo a São Germano
E tambem a Santo Henrique
Que eu bem casada fique.

Permitta Santo Odorico
Que o moço seja rico
E tambem Santo Agostinho
Que me ame com carinho
Assim como S. Roberto
Que o moço seja esperto.

Tambem rogo a S. Vicente
Que isto seja brevemente;
Rogo a Santa Innocencia
Não me falte a paciencia,
Assim como S. Caetano
Que isto seja neste anno.

Já roguei a Santa Ignez
Que não passe deste mez,
E a Santa Mariana
Que seja nesta semana
E á Virgem Nossa Senhora
Seja mesmo nesta hora!

O manuscripto desta ladainha contém a a seguinte nota:

«Esta oração é offerecida a S. Raymundo duas vezes por dia, uma ao levantar-se pela manham, outra ao deitar-se á noite; rezando-se durante um mez, a pessoa alcançará o que deseja, isto é, casar-se. A's horas do meio dia a pessoa

deve rezar um Padre Nosso e uma Ave-Maria. Eu garanto. Assignado — Maria da Trindade Ferreira.»

Como variante dessa ladainha, a citada obra traz ainda a seguinte:

S. Bartholomeu — Casar-me quero eu.
S. Ludovico — Com um moço muito rico.
S. Nicolau — Que elle não seja mau.
S. Benedicto — Que seja bonito.
S. Vicente — Que não seja impertinente.
S. Sebastião — Que me leve á funcção.
S. Felicidade — Que me faça a vontade.
S. Benjamin — Que tenha paixão por mim.
Santo André — Que não tome rapé.
S. Silvino — Que tenha muito tino.
S. Aniceto — Que ande bem quieto.
S. Miguel — Que dure a lua de mel.
S. Bento — Que não seja ciumento.
Santa Margarida — Que me traga bem vestida.
Santissima Trindade — Que me dê felicidade.

Não é possivel, no espaço de uma conferencia, tratar de todos os santos populares e suas festas. A festa do Divino em Campinas por exemplo, pelo seu esplendor de outr'ora, merecia especial descripção.

Limitamo-nos a dar alguns exemplos, como o que ides ver, quanto ás

FESTAS DE NATAL

Ninguem pode sondar, sem o grande terror sagrado, a profundeza do sentimento universal do Homem de todas as raças e religiões ao celebrar a festa auroral da renovação do Anno, em que o

declinio de um se afoga no arrebol do outro. No espectaculo do occaso do sol e do seu nascer, da quéda das folhas e do rebentar dos brótos virentes, sempre constante aos olhos do Homem, viu elle a lição da sua propria eternidade.

A scentelha que reproduzia nos altares, pelo attrito de dois paus, o fogo do céo, era nos «Védas», da extrema antiguidade historica, chamada o «menino» e, significando o nascimento do deus Agni, era adorada.

Entre os gregos, a morte de Adonis, o ephebo cuja esculptural belleza conquistou a propria Venus, era chorada pelas mulheres em nenias dolorosas, ao crepusculo e ao céo aberto, do alto da Acropole, quando o occaso vestia de purpura e ouro o marmore pentelico dos seus porticos. Venus transformou o jovem heroe em flor de anemona e mais tarde Zeus, o pae dos deuses, restituiu-o á vida.

O homem nunca jamais acceitou com sinceridade a idéa de aniquilamento final e definitivo. Um instincto que vem das profundezas do sêr o impede de curvar-se á suprema destruição da morte; e muito antes que a verdadeira Religião houvesse redimido o seu coração, depositando nelle a verdadeira crença, a sua ignorancia primitiva, mais luminosa tantas vezes que as bibliothecas, já lhe ensinava que «ha mais fé, ha mais verdade, ha mais Deus com certeza, nos cardos seccos de um rochedo nú» do que nos milhões de linhas escuras das livrarias.

A festa do Natal representa assim o supremo renovamento e a aurora da redempção, que todos os corações humanos confusamente aspiram.

A sua data, como a do primeiro do Anno, variou entre os povos e variou na propria Egreja. Foi só no IV seculo da nossa éra que o papa Julio I fixou a natividade de Christo no dia 25 de Dezembro. E o principio do Anno, celebrado pelo velho calendario de Romulo a 1.º de Março fixado por Numa Pompilio e Julio Cesar a 1.º de Janeiro, foi de novo festejado a 1.º de Março pelo imperador Carlos Magno, em pleno christianismo. Passou depois a coincidir com a Paschoa, para só voltar á data actual em epoca relativamente recente.

Em toda a christandade, nunca a arte expontanea, cuja mais bella e mais larga manifestação é constituida pelas grandes ceremonias populares, attingiu a um symbolismo mais profundo e mais commovedor do que no Natal. Vemos nelle a fraternisação de todos os seres, no amplo seio da Criação. É a união intima entre Deus, os anjos, os homens, as alimarias, as arvores, as flores, o rochedo. É a dignificação do miseravel, é a nobilitação do bruto, é a formação da cadeia infinita dos seres na harmonia superna da natureza; é a affirmação vehemente e ingenua da grande verdade scientifica de que o organismo humano é a synthese, pois nelle o mineral, o vegetal e o animal se consubstanciam na mesma obra harmoniosa e suprema.

O Natal, pois, é a festa por excellencia da alegria. Os proprios officios da Egreja nesse dia respiram a alegria. A representação da scena da natividade nas cathedraes medievicas da Europa era viva e animada.

Ahi está a origem dos autos, porque nos regosijos do Natal a representação era feita, nos

seculos XIII e XIV, dentro das egrejas, por personagens vivos. Os descantes populares começaram quando as linguas vulgares se tornaram o idioma corrente, e o povo não entendia mais o latim. Então, emquanto o coro celeste, representado pelo clero, cantava em latim junto ao berço de Jesus Infante, respondia o povo em idioma vulgar. As arias e os hymnos eram baseados nas canções populares correntes, nas melodias profanas, que levavam ao ambito dos templos as explosões de alegria ou os gemidos da alma popular.

O clero e o povo, alliados na mesma jubilosa celebração, trabalhavam por dar ás igrejas o aspecto rustico necessario á representação da natividade humilde de Jesus no estabulo de Belém. Os ramos de pinheiros e de outras plantas que não perdem as folhas no inverno cobriam as bellas columnas de marmore; e as naves majestosas transformavam-se em cabanas de cabreiros ou em grutas onde os zagaes se abrigavam das intemperies. O presepio passou depois das egrejas para as casas particulares, assim como os cantares pelos quaes o povo respondia ao clero, passaram dos recintos sacros para as ruas e os campos.

Dahi vêm as antigas usanças de presepios, lapinhas, bailes pastoris, e autos, nos quaes o nosso povo, adaptando os folguedos de origem européa e introduzindo nelles criações proprias, se expande ha seculos na celebração da maior data do christianismo.

Todos esses folguedos populares transluzem o colorido rico e o admiravel symbolismo que só o povo sabe dar aos seus quadros. No mais

ingenuo dos presepios do sertão se póde perceber aquella corrente impalpavel de effluvios do alto céu ao amago da terra, desde os anjinhos cantando o «Gloria in excelsis Deo» junto á caminha de Jesus até o canto do gallo, o mugir do gado manso e o balar das ovelhas. Nunca me hão de esquecer estas scenas commovedoras que meus olhos de menino contemplaram no alto sertão, junto dos presepios, quando as fieis escravas cheias de fé, convencidas da realidade do que viam, suspiravam aos meus ouvidos com receio de perturbarem o recolhimento dos adoradores do Deus Menino: — Não está ouvindo o gallo cantar? Elle está dizendo: Christo nasceu! O boi pergunta: Onde? Responde a ovelhinha: Em Belém! Em Belém!

E quantas vezes não se esconde a verdade mais subtil na rude simplicidade da ignorancia? É que em regra, só a intuição descobre a verdade e a intuição é uma luz natural, viva ou bruxoleante, mas sempre luz, existente em todos os seres humanos.

No conto evocador e suggestivo de Anatole France sobre os Tres Reis Magos, vemol-os em marcha na planura dourada do deserto, sentados no dorso arqueado dos dromedarios, á testa do seu sequito e distanciados deste, a confabularem sobre o Grande Acontecimento. Balthazar e Belchior, sabios e poderosos, falavam de coisas graves e profundas, emquanto Gaspar, o rei negro, ignorante e modesto, se contentava de ouvir timidamente aquellas coisas transcendentes. Com os olhos fitos na Estrella da Annunciação, proseguiam na rude

jornada cada vez mais fatigante, da madrugada ao anoitecer, até que o pallio estrellado fosse a claridade unica pairando sobre a sombra da terra.

As divagações dos reis sabios continuavam ao lado do silencio humilde do rei negro. Afinal, assaltados pela inquietação do desconhecido, instaram os sabios por uma palavra do ignorante.

— Que sei eu, pobre de mim, que vos venerei como superiores pela vossa sciencia e o vosso poder? Já vos sentis eguaes a mim e não sabeis mais do que eu? Pois nossos reinos cabem naquellas tres tendas, que nossos escravos armaram na areia do deserto. E é talvez isto qne Deus nos quer ensinar nesta viagem! Assim falou o bronco ethiope e foi esta a lição mais concisa e a mais profunda que ficou das altas cogitações da regia jornada.

Das festas symbolicas do nosso povo pelo Natal, Anno Bom e Reis podem fazer-se volumes e já os temos dos mais valiosos. Traçou-os a mão piedosa de Mello Moraes Filho, indo colher no seio da multidão, com seu grande amigo Silvio Romero, estas raras e perfumosas orchidéas que só os naturalistas viajantes, dos mais experimentados, descobrem no escuro das nossas matas.

Numerosos são os «reisados» colligidos por aquelles illustres escriptores e demopsychologos; numerosos os bailados pastoris que podem variar de anno em anno e de cidade em cidade.

Não me proponho a vol-os descrever neste momento, nem penseis que ides ver outra coisa a não ser um exemplo apenas dos nossos tradicionaes folguedos populares.

Não vos convoquei para me ouvirdes, mas para attenderdes á voz tão simples e sincera do povo nas singelas quadrinhas que moças gentilissimas e rapazes da nossa mais fina sociedade vos cantarão dentro em pouco.

Eu sou o sineiro que subo á torre para chamar-vos ao culto da patria. Não é a minha voz que vos fala e vos concita; é a voz mysteriosa de todas as coisas que vos cercam; é a grande voz do trovão na montanha, é o marulho das vagas, é o sussuro das mattas, é o canto dos passarinhos; é o som, mas é tambem o silencio, silencio das nossas solidões; é a côr, mas é tambem o negrume, o negrume da noite nos nossos escampados; é tudo quanto canta e chora e ruge e ameaça; tudo quanto avisa e aconselha; tudo quanto vos fala enternecidamente; tudo quanto, sem vos falar, vos lembra e vos recorda; é a saudade do passado, é a esperança do futuro; é a visão da casa onde nascestes, é a evocação da pessoa que amastes, é a sombra de quem choraes, é o perfil de quem esperaes; é tudo quanto vibra e estremece e sensibilisa e persuade; é a palavra alada que vôa e sonorisa os espaços, é a grande canção dos sinos a conclamar-vos na sua potente e maviosa garganta de bronze: vinde! vinde! vinde!

E viestes e aqui estaes para ouvirdes o que vossos avós já ouviram afim de que o possaes transmittir a vossos filhos, formando assim o élo da cadeia chamada a tradição de um paiz. E' ella que faz dos habitadores de uma região um povo, dá a este povo uma alma, uma individualidade propria entre os outros povos da terra. E' ella

quem dá aos povos as supremas energias para as lutas e se não é ella quem arma os soldados, é ella quem lhes incute esse extraordinario sentimento sem o qual são impossiveis as verdadeiras victorias — o amor da patria!

SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

39.º SARAU

THEATRO MUNICIPAL

28 DE DEZEMBRO DE 1915

PROGRAMMA

FESTAS TRADICIONAES BRASILEIRAS

Em complemento e como remate ao curso do Dr. Affonso Arinos sobre LENDAS E TRADIÇÕES BRASILEIRAS, *a Sociedade de Cultura Artistica organisou, sob a direcção daquelle illustre escriptor, a exhibição no Theatro Municipal de alguns autos ou dramas populares, cantados e dansados, que sob os nomes de ranchos de Reis, bailes pastoris,* REISADOS *e* CHEGANÇAS *constituem a celebração pelo povo brasileiro das grandes festas do christianismo — Natal, Anno Bom e Reis.*

A iniciativa da CULTURA *encontrou immediatamente na alta sociedade de S. Paulo o mais generoso e enthusiastico apoio. Graças a esse tão sincero enthusiasmo poude a Sociedade pôr em execução o difficilimo programma.*

O dr. Mello Moraes, o maior cultor e o mais profundo conhecedor das tradições do nosso povo, muito concorreu para o brilho que certamente terão as representações dos autos populares, não só indicando para fazer as suas vezes nos ensaios o Capitão-tenente da Armada Nacional, Domingos Goulart da Silveira, tambem conhecedor dos bellos festejos populares do Norte, como vindo pessoalmente assistir aos ultimos preparativos com sua Exma. Familia, que de coração sempre o acompanha nessas piedosas celebrações.

Uma das partes mais difficeis era a musica, por não estar ainda escripta, nem regularmente publicada e por serem todos os autos populares inteiramente em canto e dansa, ao som de instrumentos tambem populares.

Para essa parte veiu do Rio um grupo de eximios artistas nacionaes, reunidos para esse fim pelo sr. João Guimarães, conhecido pelo cognome de PERNAMBUCO, *a sua terra natal, que elle honra pelo seu talento artistico, exuberante e espontaneo. São companheiros de Pernambuco, o grande tocador de viola e de violão, os nossos instrumentos populares por excellencia, os srs. Octavio Lessa, Luiz Pinto da Silva e José Alves Lima.*

Outra consideravel difficuldade que fez das representações do Theatro Municipal as primeiras e unicas no seu genero até então conhecidas, é a adaptação dos autos e festejos dos campos e ruas ao palco. O palco tem suas formas invariaveis e sua technica rigorosa, que ninguem pode desprezar sem cahir em verdadeiro destempero. Ora, essa adaptação teve mil pequenos e grandes obstaculos que só pôde ver quem trabalhou desde o primeiro dia nos ensaios.

O fim elevado e altamente patriotico foi attingido — a celebração piedosa das grandes datas do Christianismo como faziam os nossos avós desde quatro seculos, alliando assim o culto religioso ao culto da Patria.

As nossas festas são pois eminentemente festas de religião e de patriotismo.

PROGRAMMA

I

LOAS DE NATAL E REIS

Pastores e pastoras, em rancho, relembrando a scena da Escriptura, vêm entoar louvores ao Menino Deus, que acaba de nascer no presepe ou estabulo de Belém. O rancho, ao som dos canticos, dirige-se a uma casa de campo, habitada por gente nobre, em cujo salão se costuma tradicionalmente erigir o PRESEPIO, isto é o oratorio que representa o Menino Deus entre os animaes do presepe.

Á approximação do rancho, a casa, não sabendo se a gente que se avisinha é de paz ou de guerra, permanece fechada e escura. Quando, porém se ouve a quadra

O' de casa nobre gente
Escutae e ouvireis:
Lá das bandas do Oriente
São chegados os Tres Reis

abrem-se as portas e janellas, banhadas de luz. Apparece a dona da casa, acompanhada de suas filhas, que convida o povo a entrar, entoando esta quadra

Entrae, entrae bôa gente,
Vos esperam corações
Para entoar commummente
A Jesus mil saudações.

Com a entrada do rancho, baixa o panno e passa-se ao segundo acto e quadro que representa o salão com o PRESEPIO.

Os pastores e pastoras desfilam deante do Presepio illuminado e inclinam-se em adoração ao Menino Deus. Cantam e dansam em honra ao Salvador e collocam-se em forma para darem logar ao auto.

II

A MARUJADA

O Auto da Marujada é uma tragedia popular que repousa sobre um fundo antiquissimo e universal de lendas, cuja mais conhecida expressão literaria é a ODYSSÉA ou poema das aventuras de Ulysses, a errar vinte annos pelos mares, finda a guerra de Troya. A nossa marujada, porem, tem fortissimo cunho nacional, porque perpetua um episodio tragico da historia do Brazil no seculo XVI. Ella relembra com effeito, as horriveis peripecias porque passou a náu que conduziu de Pernambuco a Lisbôa, em 1565, o capitão general de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, filho do donatario da capitania. Assaltada e abordada por corsarios francezes, depois de ter sido accossada por tremendas tempestades, a náu errou pelo oceano sem norte nem rumo tal um navio fantasma.

Exgottaram-se as provisões e a maruja faminta tentou devorar os cadaveres dos companheiros mortos.

Do auto popular, longo e variado, só será dado o episodio final, quando a tripulação tira á sorte quem se ha de sacrificar para matar a fome á maruja e a sorte designa o capitão general.

Entra conduzida aos hombros por marinheiros a náu symbolica, junto da qual o capitão e o gageiro vão travar o dialogo, depois de entoado o côro da maruja:

Faz vinte annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar
Botando solas de molho
O' tolina
Para de noite jantar

Finda esta scena, entra o alado bando das borboletas de Natal. que forma um dos mais lyricos dos nossos reisados.

III
REISADO DAS BORBOLETAS

O côro entôa a quadra

Borboleta bonitinha
Saia fóra do rosal
Venha cantar doces hymnos
Hoje, noite de Natal

e entra o bando, a cantar e a dansar, esvoaçando como á procura de um pouso.

Acudindo ao gracioso convite, responde a primeira borboleta.

Eu sou uma borboleta
Sou linda, sou feiticeira
Ando no meio da casa
Procurando quem me queira

Terminado este reisado tão encantador, vem o lundú do

IV
PINICAPÁU

que é dansado e cantado por um personagem popular, acompanhado pelo côro.

V
BUMBA-MEU-BOI

Remata a serie de autos populares o antiquissimo BUMBA-MEU-BOI, conhecido em todo o Brasil

VI
CATERETÊ DO NORTE E LUNDÚ DO SUL

Baixado o panno com a terminação dos autos populares, erguer-se-ha de novo, para mostrar outra feição dos regosijos do nosso povo — as dansas e folguedos campestres, em que se exhibirão o CATERETÊ do Norte, dos vaqueiros de chapéo de couro, e o LUNDÚ e DESAFIO do Sul, nas campinas onde corre o cavallo a gauchada.

DISTRIBUIÇÃO DOS PAPEIS

Dona da casa

D. Sophia Prado Pacheco e Chaves

Filhas da dona da casa

Maria Helena da Silva Prado
Maria Eugenia Monteiro de Barros

Borboletas

D. Renata Crespi da Silva Prado
Heloisa de Oliveira
Maria Guedes Penteado
Isolina de Lacerda Franco
Esther Petrilli
Marion Piedade

Capitão General

Heitor Prates

Gageiro

Alice Uchôa

Contra-mestre

Antonio Cunha

Pinicapáu

Raul de Oliveira Ferraz

Vaqueiro

Paulo Goulart

Antonio Geraldo

Augusto Uchôa

Marinheiros

Eduardo Prates
Raul Salgado
Adriano Crespi
Moraes Pinto
Frederico Queiroz
Jorge Alves Lima

Oswaldo Porchat
Ignacio Pontes
Martinho Botelho
Eduardo da Silva Prado
Carlos Mendonça

Pastoras

Maria Amelia Castilho de Andrade
Albertina Prado de Oliveira
Marina Sabino
Norma Valle
Odila Prado Salgado
Noemia Prado Pacheco e Silva
Marina Vieira de Carvalho
Sara Mesquita
Dinah de Almeida
Judith Mesquita
Sophia de Almeida Prado
Evangelina Fonseca Rodrigues
Olivia de Sousa Queirós
Maria de Almeida Prado
Candida Prado Pacheco e Silva
Maria Amalia Valladão
Aida Brandão
Lucilla Penteado de Oliveira
Margarida Magalhães Castro
Mathilde Penteado
Maria de Lourdes Magalhães Castro
Sylvia Valladão
Mary Sampaio Vianna
Noemia Malta
Flóra Teixeira Leite

Pastores

Arnaldo Vieira de Carvalho Filho
Antonio Mendonça
Dr. Cicero da Silva Prado
Annibal Lacerda
Jorge Alves Lima
Gumercindo Cintra

Julio Mesquita Filho
Raul de Almeida Prado
Antonio Bayma
Carlos Vieira de Carvalho
Raul Vieira de Carvalho
Marcello Telles
Frederico de Souza Queiroz
Francisco Mesquita
Roberto Alves
Raul Bonilha
Paulo de Souza
Moacyr Piza
Henrique Villaboim
Antonio Ribeiro
Edgard Coelho
Carlos Barbosa
Felisberto de Oliveira
Dr. Plinio Uchôa Filho
Tito Pacheco Filho